

REVISTA DA SEMANA

N. 30 23-7-55 Cr\$ 5,00 em todo o Brasil



MENSAGEM DE D. JAIME CÂMARA





Vitral de SEGISNANDO MARTINS

BOAS VINDAS

Amigo, seja benvindo

A casa é sua

Não faça cerimônias

Vá pedindo

Vá mandando

Seja seu tudo o que tenho de meu

E mais a divina graça

Amigo, seja benvindo.

(MANUEL BANDEIRA)

Revista da Semana saúda os congressistas

- *No momento em que homens e mulheres de todos os países reúnem-se no coração do Brasil, sede do 36º Congresso Eucarístico Internacional, REVISTA DA SEMANA saúda os participantes, esperando que tal ocasião seja um lado a mais a unir todos os povos, bem como a garantia de dias melhores, em futuro próximo, para uma Humanidade voltada para Cristo.*



*N*EL MOMENTO IN CUI uomini
e donne di tutto il mondo si riuniscono nella
capitale del Brasile, sede del 36° Congresso
Eucaristico Internazionale,
REVISTA DA SEMANA saluta iconvenuti,
augurando che questa occasione
sia un vincolo di unione
tra i popoli, e a speranza
di giorni più felice
per una Umanità tornata a Cristo.



*A*U moment où les hommes et les femmes
de tous les pays se trouvent
réunis dans la capitale du Brésil,
siège du 36^{ème} Congrès Eucharistique
International, REVISTA DA SEMANA
salue ses participants, en souhaitant
que cette occasion devienne
un lien de plus à unifier les peuples,
et soit aussi la garantie de meilleurs jours
pour une Humanité tournée vers Christ.



*A*T THIS MOMENT, when the Catholic
people of the entire world is gathered at the
capital of Brazil, place of the 36th International
Eucharistic Congress, REVISTA DA SEMANA
takes the opportunity to salute
the participants of this holy meeting,
formulating its best wishes that this opportunity
may bring the guarantee of good and
peaceful days, in the future,
for a Humanity really devoted to Christ.



*E*N LA OCASIÓN en que hombres
y mujeres del mundo entero reunense
en el corazón del Brasil, sede
del 36° Congreso Eucarístico Internacional,
REVISTA DA SEMANA saluda a los
participantes de la conclave, haciendo votos
para que sea, esta oportunidad, un elo a más
para unir todos los pueblos, y la garantía de
días mejores, en futuro bien próximo,
para una Humanidad vuelta hacia Cristo.



A mensagem do Cardeal

A PROVEITANDO dos bons ofícios desta Revista, enviamos nossa mensagem de boas-vindas a todos os congressistas.

Peregrinos de todos os quadrantes do Brasil, dêste Continente Americano e de além-mar, recebei as bênçãos do Cristo, que vos acolhe de braços abertos no alto do Corcovado.

Que o 36.º Congresso Eucarístico Internacional marque época em vossa existência cristã e deixe em vossos corações um sulco de felicidade.

† Jaime Cardeal Câmara
arcebispo do Rio de Janeiro
Rio, 1 - VII - 55

PALACIO S. JOAQUIM
LARGO DA GLORIA, 108

XXXVI
CONGRESSO EUCHARISTICO INTERNACIONAL
RIO DE JANEIRO, 1955
SECRETARIA GERAL

TELEGRAMAS
"EUCARINTEN"

Aproveitando dos bons ofícios desta Revista, enviamos nossa mensagem de boas-vindas a todos os congressistas. Peregrinos de todos os quadrantes do Brasil, dêste Continente Americano e de além-mar, recebei as bênçãos do Cristo que vos acolhe de braços abertos no alto do Corcovado.

Que o 36.º Congresso Eucarístico Internacional marque época em vossa existência cristã e deixe em vossos corações um sulco de felicidade.

*† Jaime Cardeal Câmara
arcebispo do Rio de Janeiro*

Rio, 1. VII. 55

REDATOR-CHEFE Celestino Silveira

ASSISTENTE José Roberto Teixeira Leite

PAGINAÇÃO Victor Tapajós

COLABORADORES — Adalgisa Nery, Demóstenes Varela, Hélio Abreu, José Maria Neves, Milton Salles, Pedro Müller, Sérgio Silveira e Vinicius Lima.

ILUSTRADORES — Alberto Lima, Ramón, Fortuna, Darel e Maria Tereza.

FOTÓGRAFOS — Arnaldo Vieira, Alberto Ferreira Lima, N. Viana e Vito Vasconcelos.

SUMÁRIO

● REPORTAGENS

Mensagem do Cardeal D. Jaime Câmara	2/4
Vou ligar a Chave da Energia	6/8
Jangada — Amiga no Copa	9/11
Até o coração tem substituto	14/15
O bonde, esse desconhecido	18/21
A evolução da Arte Religiosa	28/29
Três séculos de Arte Sacra no Brasil	49/52

● SEÇÕES

Artes	12
Champanhota	13
Cinema e teatro	16
Por esse mundo de Deus	22/23
Modas	26/27
Feminina	32/33
Palavras Cruzadas	35
Ping-Pong (Rosalina Coelho Lisboa)	38/39
Astrologia	40
Literária	41
A Revista há 50 anos	46
A figura em foco (Emília Corrêa Lima)	53
Fortuna	54/55

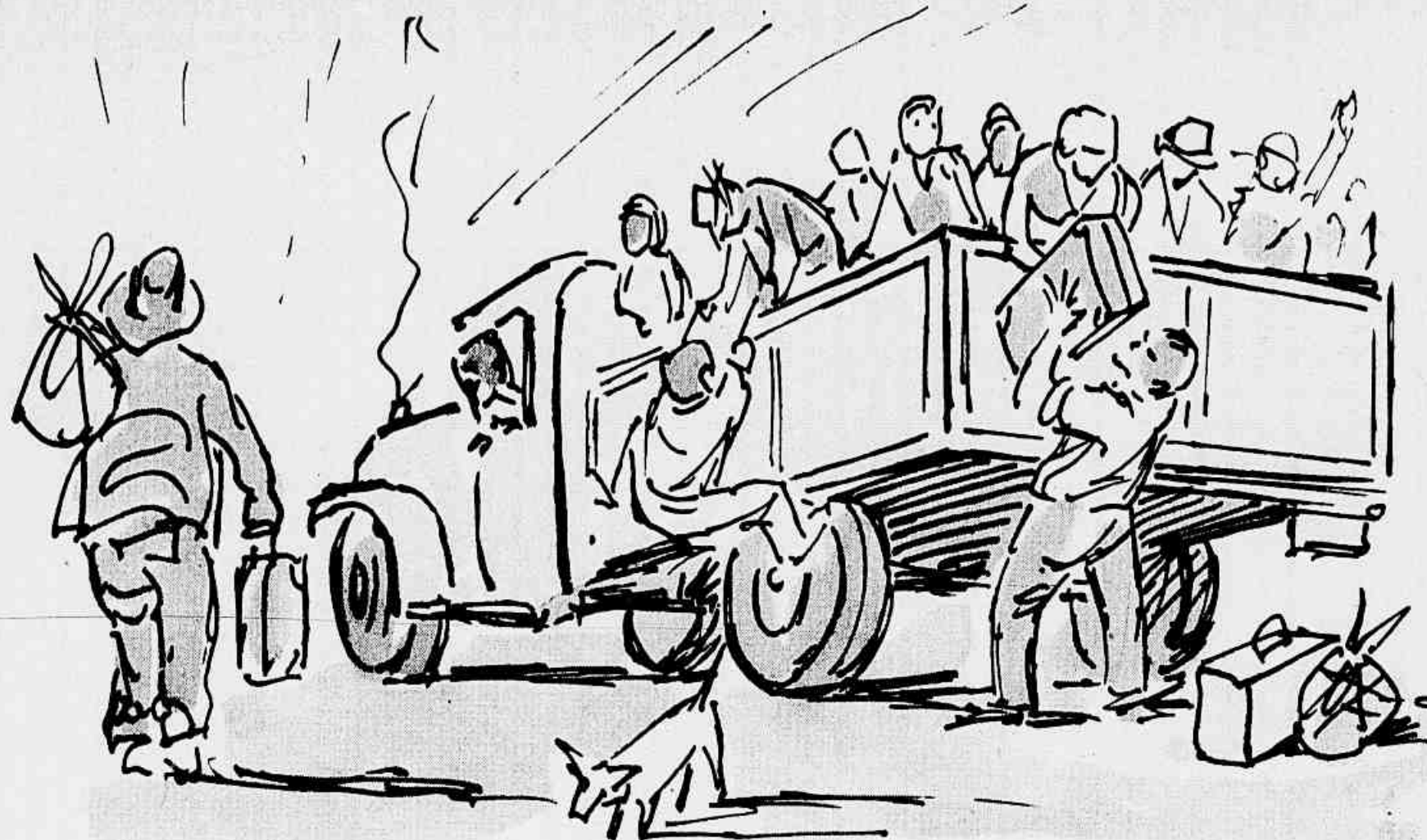
● LITERATURA

Invasores ingratos	5
A Morte Vermelha (Edgar Allan Poe)	24/25
Fátima — Revelação dos Três Pastores	30/31

● CAPA

Cristo Redentor
(Fotos de A. Ferreira e A. Vieira)

Este número consta de 56 páginas.



desenho de RAMON

INVASORES INGRATOS

É muito agradável receber em nossa casa amigos e parentes. Mas, nada mais constrangedor para os donos da casa, do que sentir da parte dos hóspedes palavras de menosprêzo, àquilo que oferecemos de coração alegre. Nós cariocas, não temos nenhuma prevenção com os nossos irmãos brasileiros de todos os Estados. Do sul, do centro e do norte, todos são recebidos invariavelmente com o mesmo carinho e finura. Não fazemos comparações desabonadoras que os coloquem em situação inferior e nunca reclamamos os seus hábitos e os seus comportamentos. Porém, ultimamente a atitude dos nossos hóspedes, está se tornando desagradável e incômoda. Que estrangeiros, só procurem maliciosamente o que há de miserável e ruim, esquecendo-se que em tôdas as cidades do mundo o mesmo existe, vá lá; mas, que brasileiros de todo o território, descontentes com o local de nascimento desabem definitivamente para o Rio e passem o resto da existência fazendo confrontos tristes, ridicularizando o que de mau tem o Distrito Federal, com a intenção de desmerecer a hospitalidade que damos, além de ser uma deselegância moral é uma ingratidão.

● Vivemos espremidos pelos do sul que, jamais deixam de falar acintosamente nas suas grandezas, farturas e numa coragem cívica especial. Do centro, aqui se instalam e nunca deixam de citar os seus quatrocentos anos de civilização e progresso, colocando o carioca num plano de indolência selvagem. Do norte, aportam aqui ainda em fraldas, e não saem nunca mais. E com a lenda de uma inteligência invulgar, passam o resto da existência atirando ao nosso rosto, a incapacidade de ra-

ciocinar e de brilhar intelectualmente. Há dias um locutor paulista, radicado no Rio há muitos anos, não encontrou maneira de agradecer a nossa hospitalidade senão mostrando pela televisão, tudo que há de mais triste como sejam as favelas, os meios de transporte, a aquisição dos gêneros de primeira necessidade, as inundações vergonhosas da cidade e por fim um grupo de gente de côr sambando! Temos tudo isto, é verdade. Mas só isto? Por que ser tão desagradável?

● Se tudo aqui é tão mau, o povo é tão pouco inteligente, é tão miserável, se o Rio é tão confortável, se os nossos hábitos são tão atrasados, porque não ficam os nossos irmãos em suas casas de nascimento? Porque não ficam nos seus Estados engrandecendo as suas cidades? As estatísticas dizem que o desconforto sofrido pelo carioca e o espetáculo deprimente das favelas foram trazidos por aqueles que falam tão mal do Rio e de nós! Dizem os invasores que aqui não existem cariocas! Se vocês caros irmãos, quisessem praticar a gentileza de voltar aos seus lugares de nascimento, nós teríamos mais conforto, mais tranquilidade, mais largueza e mais fartura em nossa casa.

Recebê-los com alegria e encantamento para ouvir sempre de todos, queixas, críticas e palavras de pouca educação, com ironias e acusações, não se ajusta muito ao princípio elementar de agradecimento à hospitalidade oferecida com amizade!

ADALGISA NERY

O candidato Ademar de Barros responde ao questionário da REVISTA DA SEMANA:

"O BRASIL É UMA USINA QUE ESTÁ TRABALHANDO EM CÂMARA LENTA:

Depois do General Juarez Távora, é o ex-governador paulista o primeiro a assumir, por nosso intermédio, seu compromisso com o povo ★ «Sou a favor da Petrobrás com ação elevada ao cubo» ★ Os detalhes da lei da Eletrobrás precisam ser reexaminados ★ «Sou contra os preços altos para os combustíveis» ★ «Precisamos de 20,

50, 100 vias Anchieta que em 1954 rendeu, de pedágio, 42 milhões de cruzeiros» ★ O lema do Governo Popular: «Vamos acelerar o Brasil» ★ A favor do reatamento de relações comerciais com a União Soviética e a China Continental ★ A inflação «bebeu» o valor do dinheiro ★ «Vamos produzir para baratear»

Reportagem de CELESTINO SILVEIRA
(2ª de uma série com os candidatos à Presidência da República)

I — ENERGIA

a) PETRÓLEO: — É V. S. nacionalista em política de petróleo? Julga que a lei que criou a Petrobrás deverá ficar tal como está, ou admite seja modificada, a fim de permitir a participação dos capitais internacionais na pesquisa, lavra e refinação?

RESPOSTA: — O que é ser nacionalista, em matéria de petróleo ou em qualquer outra matéria? É querer que o trabalho e as riquezas do Brasil sejam valorizadas ao máximo e que o produto do esforço nacional reverta em favor da própria Pátria.

Assim entendido o nacionalismo, quem teria a desfaçatez de não ser nacionalista?

Em matéria de petróleo — cuja essencialidade para a economia brasileira faz com que os detentores de seu controle influenciem preponderantemente sobre o próprio Estado Brasileiro, que, na realidade, deveria

controlar os seus detentores; o nosso zelo deve ainda ser mais rigoroso.

Este, entretanto, não deve ser tão absorvente que redunde num atraso da exploração do petróleo e vá justamente favorecer aos grupos internacionais, cingindo-os à contingência de uma importação que é verdadeira sangria de dólares na economia brasileira. Se chegássemos a cometer esse erro, acabaríamos contrariando a própria essência de nossa intenção e atentariamos contra o maior interesse do país. Já disse: «Sou a favor da Petrobrás, mas da Petrobrás com ação elevada ao cubo». Meu objetivo é o petróleo. Encontro uma legislação que ainda não foi sequer executada a fundo, mas cuja aplicação ainda se acha travada pela burocracia e pela falta de audácia e de arrojo. Precisamos resolver o problema do auto-abastecimento do combustível líquido — não nos aprisionando ao dilema de pagar pelo desenvolvimento industrial o preço da soberania política.

Não é com duas equipes de geofísicos e com poucas sondas que poderemos abrir a perspectiva de nossa libertação. O Brasil é uma usina que está trabalhando em câmara lenta. Vou ligar a chave da energia para que o ritmo das atividades decupliquem e possam apresentar resultados concretos, dentro do menor prazo possível. Terminemos de vez com essa propaganda vesga, que nos deseja situar na falsa encruzilhada: de um lado a estagnação e de outro a produção em benefício de terceiros. Não, senhor — podemos resolver o problema do petróleo dentro das normas votadas pela legislação atual.

A suposta incapacidade nacional não reside no problema do capital. Este, nós saberemos onde ir buscá-lo, sem os riscos de comprometer a nossa independência. A deficiência é de mobilização e de ação.

O capital-trabalho e o capital-consumo do Brasil são suficientes para assegurar a exploração do petróleo e para garantir as operações de adiantamento que se lhe tornem necessárias. Na minha infância, o petróleo brasileiro era mentira. Apurou-se depois que mentira era a dos que lhe negavam a existência no Brasil. Agora são os mesmos mentirosos que acham uma loucura o cumprimento da legislação atual. Pois bem: — vou provar que loucos são os que ainda pensam poder imobilizar o povo brasileiro pelo pavor dos fantasmas. Primeiro, provaremos a nossa capacidade produtora repelindo a posição de mendicantes em que nos desejam situar.

Na atual conjuntura internacional temos muito a oferecer ou a negar, conforme a contrapartida que nos neguem ou nos ofereçam. Nossa margem de negociação é muito grande e não precisamos recorrer às reservas da soberania para podermos sobreviver.

No petróleo, como em tudo o mais, não estamos com a corda no pescoço. Muito ao contrário: pondo em linha de combate a imensa frente de trabalho — arrumando-lhe os dispositivos e pondo-os a funcionar, nosso diálogo com os fortes, com todos os fortes, não será por isso menos amistoso, mas há de ser, sem dúvida, de maior reciprocidade.

Dialogaremos, trataremos, venderemos e compraremos aos grupos internacionais. Mas é preciso que a opinião do Brasil seja a do Brasil mesmo e não assistamos a um falso debate em que a voz da nossa terra seja a da timidez ou da dependência.

Respondo assim à sua pergunta e a minha ação será a aplicação dessa minha resposta até às últimas

● Não tem sido fácil obter dos candidatos ao Catete as respostas ao nosso questionário. Entregues os formulários com grande antecedência, depois de o general Juarez Távora, é o sr. Ademar de Barros o primeiro que não-lo devolve com as devidas respostas. Continuamos aguardando a vez dos srs. Juscelino Kubitschek e Plínio Salgado, que sucessivamente têm adiado o nosso encontro para esse fim. O próprio sr. Ademar de Barros, quando nos fez entrega das suas respostas — dia 13 do corrente — assumiu para segunda-feira imediata, 18, um compromisso com o repórter, para satisfazer a outras perguntas de caráter individual (fora da entrevista coletiva aos candidatos). Não podemos garantir ao leitor que a razão do atraso, por parte dos candidatos, fique justificada com as suas repetidas viagens de campanha eleitoral, pelo interior do país, ou se essa protelação é feita em face da necessidade de coligir informes, anotações e dados que lhes permitam, com responsabilidade maior, satisfazer às perguntas, algumas (ou muitas) de profunda penetração. Esperamos que a interrupção da campanha, na semana do Congresso Eucarístico, tenha facultado aos candidatos que ainda não se desobrigaram dessa tarefa, o tempo e a serenidade de espírito para o fazerem. Por fim, uma vez mais assinalamos que este questionário é publicado sem qualquer remuneração por parte dos candidatos, de seus partidos ou de qualquer outra entidade. A REVISTA DA SEMANA está prestando um serviço à opinião pública, mais que aos ilustres cidadãos que pleiteiam o Catete, com a divulgação deste serviço. E somos os primeiros a reconhecer que se trata de uma entrevista a sério, impondo aos candidatos muita meditação e muito vagar para nos responderem o que realmente pensam e desejam fazer, uma vez eleitos.

VOU LIGAR A CHAVE DA ENERGIA"

consequências. Não vejo obstáculos irremovíveis que a possam dificultar.

b) **CARVÃO:** — Que pensa do «Plano Nacional do Carvão»? Nesse setor da energia, consulta os interesses do país ou deverá ser modificado?

RESPOSTA: — Meu amigo: o erro não está nos planos. O erro está na mentalidade de Governo, na bitola da ação, no ritmo das realizações, na burocracia do procedimento, no «deixa para amanhã» das providências, na cadeira de balanço dos que atingiram seu objetivo primário e vegetativo na vida e pouco se incomodam com os problemas coletivos.

O «Plano de carvão» convenientemente realizado poderá resolver um dos importantes pontos do problema de combustível nacional, principalmente, porque, sem entraves, pode auxiliar a iniciativa particular.

Nêle está previsto, para imediata aplicação, o financiamento aos mineradores destinado à aquisição de maquinário, tanto para o desmonte do combustível e seu transporte no interior de Minas, como também para obtenção de aparelhagem de beneficiamento; a organização da frota carvoeira, para melhoramento das estradas de ferro e ampliação dos portos que interessam à movimentação do carvão, assistência social e técnica e assistência auxiliar às indústrias baseadas no carvão ou nos seus sub-produtos. Mas é nosso propósito enfrentarmos, desde logo, a resolução do problema do aproveitamento do enxôfre das piritas, seja provocando o aceleração dos estudos, como proporcionando recursos para o imediato aproveitamento das piritas. A construção das centrais elétricas de Xarqueadas, Figueira e outra na região carbonífera de Santa Catarina, a ponte sobre o rio Jacuí em São Jerônimo, no Rio Grande do Sul, assim como reaparelhamento da estrada de ferro Dona Teresa Cristina e a ligação férrea Barro-Prêto-Lizimico Costa, no Estado do Paraná, constituirão, pode ficar certo, objeto de nossa ação imediata.

c) **ELETRICIDADE:** — Como enfrentar o tremendo «deficit» de energia elétrica que vem freando o progresso da Nação? Acha que a diretriz contida na Eletrobrás é correta?

RESPOSTA: — Primeiro, partamos da alarmante realidade: em 1952, dispúnhamos de 0,2 KW por habitante, quinze vezes menos do que nos Estados Unidos. Isto indica o caminho a percorrer em matéria de energia elétrica.

E o que deve ser feito? Planejar, em função dos interesses da coletividade, programa de realizações em matéria de energia elétrica e depois de mobilizar os recursos para execução, nunca deixando de lembrar que se trata de indústria básica, da qual todas as demais dependem. Deve, por conseguinte, dar rápido acesso à ação eventual do Estado, evitando a prática de «abusos de ação» das empresas concessionárias, pela forma porque se processar a exploração e evitando os «abusos por omissão» decorrentes da incapacidade das referidas empresas em atender às necessidades coletivas das regiões a que servem. Os detalhes da Lei da Eletrobrás, projeto sério, que visa a solução do problema, precisam ser reexaminados, sempre atentos à circunstância de que toda a batalha da produção tem sua origem aí.

A aplicação da lei deverá ser feita principalmente de modo a não determinar que o povo pague uma

taxação que inutilize pelo aumento do custo da vida, os benefícios contidos no próprio empreendimento.

d) **POLÍTICA DE PREÇOS:** — Em combustíveis líquidos qual a política acertada: preços baixos para baratear a produção e seu transporte, ou altos, tendo em vista proporcionar bonificações de produtos agrícolas?

RESPOSTA: — Nenhuma solução que venha sobrecarregar o consumidor determinando a elevação do custo de vida e agravando os problemas de massa pode ser preconizada por um governo de massa.

Insisto muito numa tese básica do procedimento do Governo Popular, do Governo que irei presidir: não se constrói prosperidade econômica sobre a privação das camadas populares. Não posso, portanto, ser a favor de preços altos para os combustíveis e não acho que a bonificação a que alude a pergunta, concedida aos produtos agrícolas, poderia constituir compensação suficiente aos males da elevação do preço.

II — TRANSPORTES

a) **FERROVIAS:** — Qual a política ferroviária mais adequada para assegurar vitalidade econômica e eficiência à nossa obsoleta rede?

b) **RODOVIAS:** — O imposto único sobre combustíveis líquidos é o caminho certo para proporcionar ao Brasil o sistema rodoviário de que necessita?

c) **PORTOS:** — Como enfrentaria os problemas da dragagem e do reequipamento dos portos? Esposaria o atual programa dando-lhe cumprimento?

RESPOSTA: — A política de transportes que o país precisa seguir e que será adotada pelo Governo Popular não vai ser por mim discriminada nos limites desta entrevista à REVISTA DA SEMANA. Apresento, apenas, como credencial, que reafirma a minha preocupação neste capítulo, as realizações compreendidas nesse campo, à frente do Governo de São Paulo. Promovi a construção de artérias que estimularam e possibilitaram o gigantesco progresso de São Paulo. Conhece a Via Anchieta? Pois bem: precisamos de 20, 50, 100 vias Anchieta. Sem rede rodoviária de nada valerão os esforços para aumentar a produção que no interior ficará apodrecendo sem escoamento, enquanto as empresas de transporte rodoviário se negam a mandar caminhões buscá-la, porque ficam atolados, dias e dias, nos lamaçais e porque o mau estado dos caminhos quebram as peças, cuja substituição fica a preços astronômicos, com os acessórios onerados por ágio abusivos. As Cias. ferroviárias estão, em maioria, em regime de «deficit» e 25% do gado em pé transportado morre no caminho, dada a lentidão do transporte para os grandes centros. Nas metrópoles, como São Paulo e Rio, a situação dos transportes se torna catastrófica e necessita de um programa imediato de equipamento, coordenação e renovação. Todos falam e me indagam sobre os recursos necessários a esses trabalhos. Nunca m'os faltaram para empreender o que é urgente, enquanto, também realize visando o resultado público a longo alcance. Como não me faltarão, à frente do Governo Popular, recursos para realizar um programa rodoviário e ferroviário e a ampla aceleração do programa de dragagem e reequipamento de portos. Quer que lhe cite cifras interessantes? A Via Anchieta rendeu de pedágio só em 1954, 42 milhões de cruzeiros e a Anhanguera, em igual

período, 51 milhões. Num ano. É índice expressivo do qual não se torna difícil tirar conclusões.

III — INDÚSTRIA DO AÇO

— Como planejar o aumento da capacidade de produção de aço no país? Acha acertada a construção de uma grande usina siderúrgica em São Paulo? As realizações em curso cobrirão as necessidades nacionais?

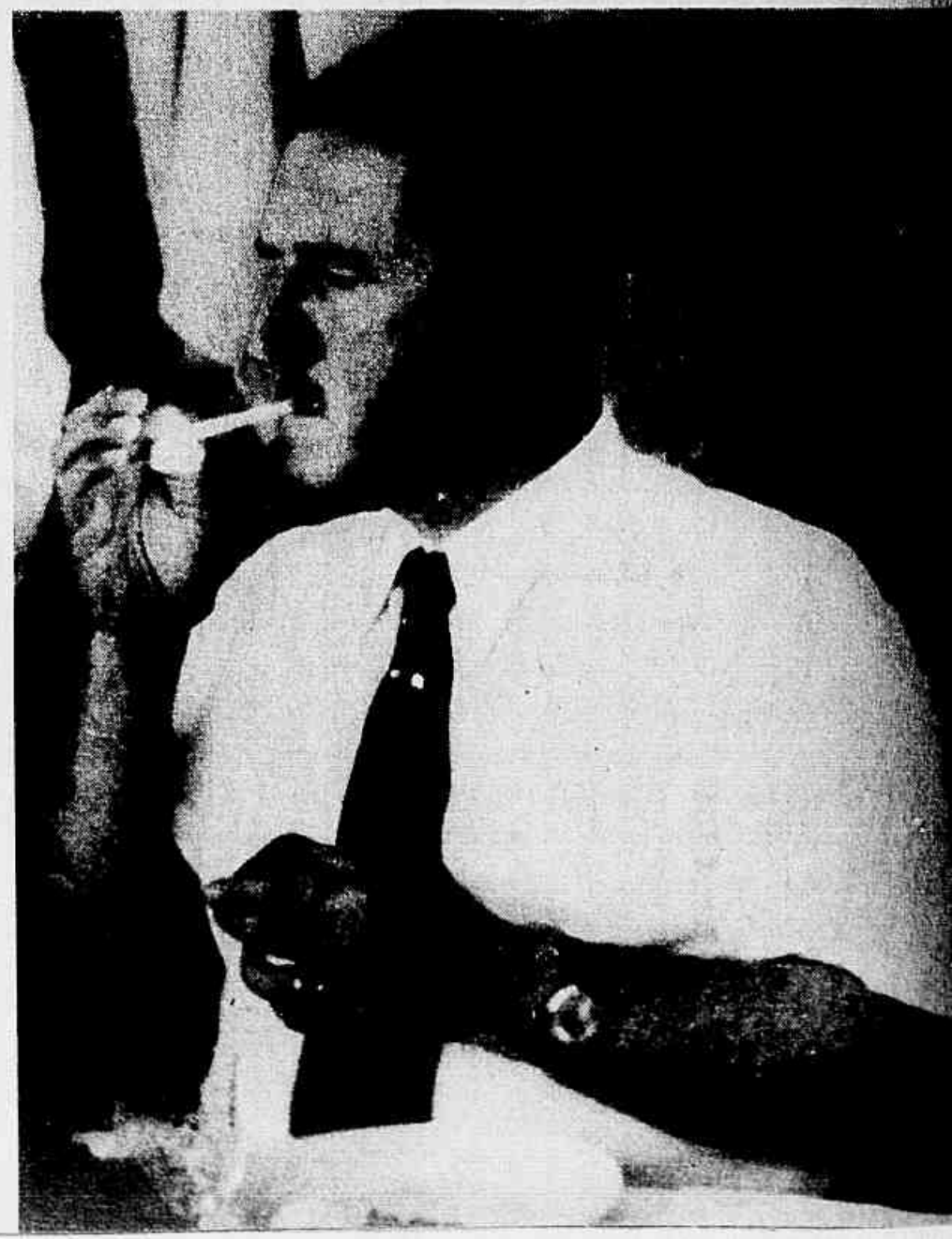
RESPOSTA: — Nada que está projetado atualmente será suficiente para cobrir as necessidades nacionais e, isso, porque as possibilidades de multiplicação de nossa produção, quando atingidas, criam necessidades também multiplicadas e maiores. Não é só um «slogan» dizer que produzimos para vinte milhões, quando somos sessenta milhões de brasileiros!

Dentro do programa que as equipes do Governo Popular elaboram é claro que as indústrias-base são as prioritárias de atenção e ação. Essa vai ser a preocupação absorvente do Governo Popular e estou certo de que eleito pela massa, com caráter nitidamente representativo do povo — ela há de empolgar a dedicação e as reservas de energia do povo brasileiro, para sairmos do marasmo de inação e proteções.

IV — OUTRAS INDÚSTRIAS PESADAS

— Acredita que as indústrias do aço e do petróleo já alcançaram desenvolvimento suficiente para justificar que se incentive a criação de poderosas indústrias química, automobilística e de equipamento elétrico?

RESPOSTA: — Um programa é paralelo ao outro. Estabeleci contacto e entendimentos visando a transferência para o Brasil de organizações técnicas e industriais que, aliadas a capitais nacionais, vão desenvolver a indústria automobilística e de equipa-



A D E M A R
D E B A R R O S :

"VOU LIGAR A CHAVE DA ENERGIA"

mento elétrico. Aqui, é preciso mobilizar a economia popular e principalmente criar um clima de confiança a fim de que grandes capitais, exclusivamente investidos até agora em aplicações não produtivas, se animem a possibilitar a formação de empreendimentos de capital estrangeiro e nacional que encontrem amplo mercado no interior do país possam inclusive, atingir a exportação.

V — ENGENHEIROS E PESSOAL TÉCNICO

— Como solucionar a carência de engenheiros e pessoal técnico para enfrentar a expansão industrial do país?

RESPOSTA: — Primeiro, estimulando a mentalidade prática e despertando e aproveitando as vocações que aí se encontram, estioladas por falta de escolas suficientes, de aprendizado técnico e de ensino profissional.

Segundo, importando — pela imigração em massa de especialistas que venham aqui formar dezenas de milhares de outros especialistas. Alguns países chegam a manter rede de agentes especialmente para canalizar técnicos solicitados por sua expansão industrial. Nossa política migratória precisa ser corajosa e devemos ter sempre presentes que quanto mais soubermos atrair técnicos que aqui vivam e aqui consumam, quanto mais independentes ficaremos das economias alheias e tanto mais fortes nos haveremos de tornar.

VI — PLANEJAMENTO, DIRIGISMO E LIVRE INICIATIVA

Compete ao Estado planejar e intervir diretamente na economia nacional, ou essa deve ficar entregue à livre iniciativa?

RESPOSTA: — Meu pronunciamento constante é o mesmo: O Estado existe para provocar, estimular e assistir ao máximo a livre iniciativa.

A ação do Estado e a iniciativa particular, digo-o sempre que posso, devem ser complementares e nunca precisam entrar em choque ou rivalidade, como ocorre em nosso país. Aqui se chega a criar um ambiente de desconfiança em torno de toda iniciativa privada, que seria, para alguns, um instrumento exclusivo de exploração popular, ou em torno de toda iniciativa do Estado que seria, para outros, uma forma descabida de prepotência ou de intervenção. O Estado tem por dever fomentar a iniciativa impulsionando o espírito de empreendimento. A planificação do básico é tarefa do Estado — mas não deve constituir motivo de cerceamento da iniciativa particular, que não pode estar condicionada e refreada pelos atrasos da máquina governamental. O lema do Governo Popular: — «Vamos acelerar o Brasil», sobrepõe-se a qualquer conceito doutrinário.

O dilema do país é o seu salto no rumo do progresso ou sua estagnação que nos mergulhará no atraso, na queda do padrão de vida e na escravidão à ignorância e à miséria. Ali onde não foi «dada a saída» pela iniciativa particular o Estado deve estar presente para «dar essa saída», fomentando aquela iniciativa.

VII — AGRICULTURA

- a) **TRIGO** — Devemos e podemos ser auto-suficientes?
- b) **CAFÉ** — Qual a política que prefere nesse setor?
- c) **MECANIZAÇÃO DA LAVOURA E ADUBOS** — Que pensa a respeito?
- d) **RELATÓRIO KLEIN & SACKS** — Aconselha a sua adoção?

RESPOSTA: — Não pode haver desenvolvimento agrícola correspondente às nossas necessidades, sem paralelo desenvolvimento industrial.

A mecanização da lavoura e a indústria de adubos são condições essenciais ao incremento da produção.

Simultaneamente — devemos nos libertar da monocultura e passar à conquista de novos mercados.

Não podemos repousar o país sobre a cultura de um único produto. O café precisa encontrar novos mercados e eles aí estão pedindo apenas que nós os saibamos atender, sem opormos embaraços bizantinos onde só deve haver a preocupação de maior intercâmbio comercial.

O relatório Klein & Sacks é sem dúvida uma colaboração sincera que devemos avaliar no seu justo valor. Mas precisa ser reestudado à luz da reforma de base preconizada pelo Governo Popular.

VIII — COMÉRCIO EXTERIOR

— Que pensa do reatamento das relações comerciais com a União Soviética e a China Continental?

RESPOSTA: — Onde houver possibilidade de realização de negócios diretos aí devemos estar presentes. Não vejo porque excluir de nosso movimento comercial direto, dois centros populacionais gigantes, de produção e de consumo, como a União Soviética e a China Continental. Não há por que confundir o nosso temperamento político com as possibilidades de intercâmbio comercial. É uma asneira que não merece que se perca tempo com ela.

Vender a quem possa consumir nossos produtos. Importar o que for útil ao nosso progresso e que possa atender às nossas necessidades. Essa deve ser a nossa norma, indiferente a um falso alarmismo, em geral baseado em motivos puramente comerciais que usam argumento político ou ideológico para justificar monopólios e exclusões, nocivos aos nossos interesses. Somos um povo sem incompatibilidade histórica com quem quer que seja. Queremos e precisamos viver em paz. Queremos, porque é do nosso temperamento, fruto, é próprio, de nossa formação moral e das condições pródigas de território e riquezas naturais. Precisamos, porque temos muito que fazer: — um programa de desenvolvimento a realizar que exige, antes de tudo, longa perspectiva de pleno intercâmbio internacional. Mas esta paz que desejamos, para nós, exige atuação internacional ativa, ao lado daqueles que procuram atenuar os efeitos de disputas, rivalidade e ambições. Nesse sentido, a nossa voz — a voz de uma civilização pacífica e sem conflitos raciais internos, precisa exprimir o que ela de fato representa: o anseio de um continente inteiro que, como nós, deseja e necessita de paz.

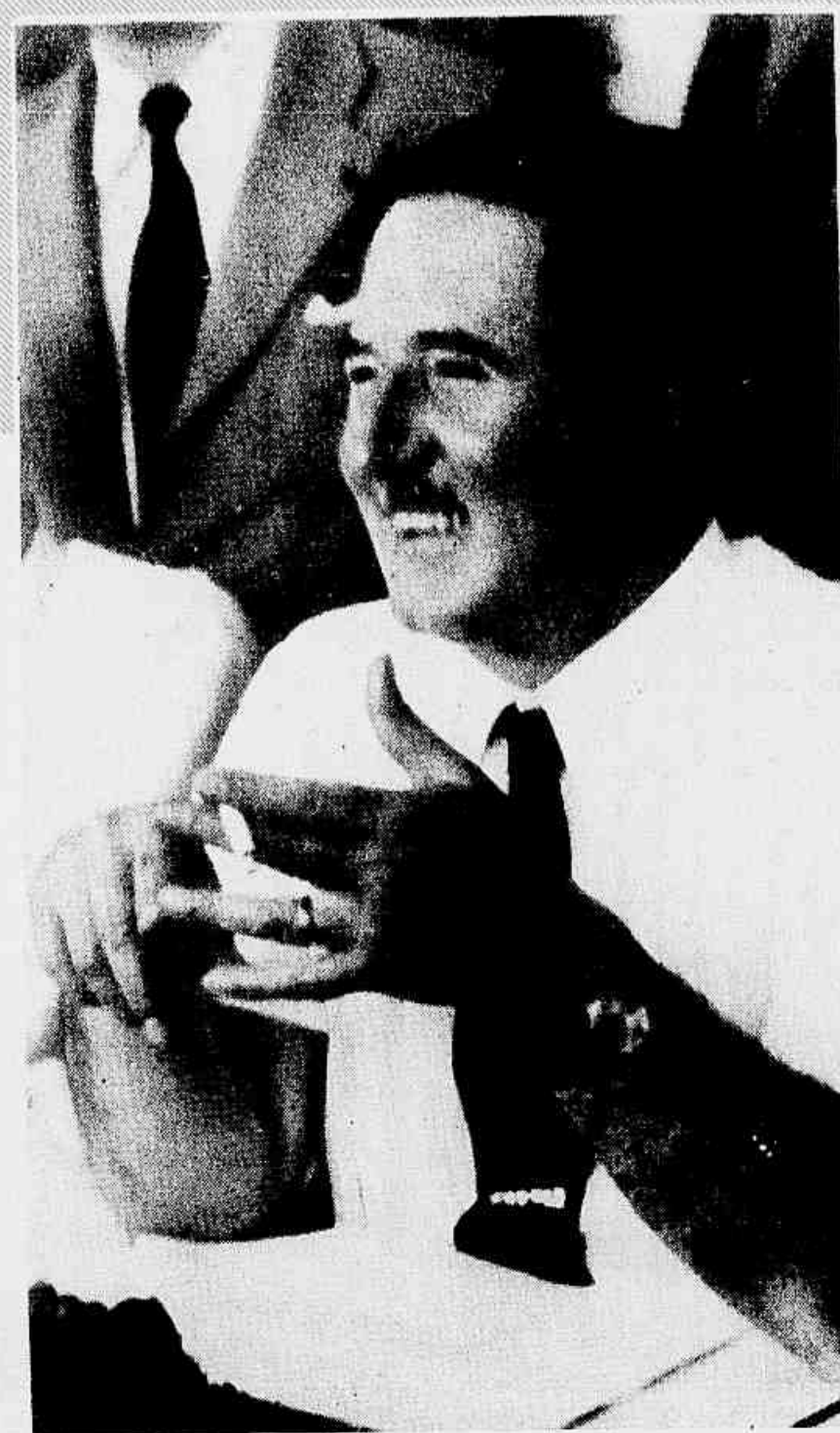
Para tanto devemos perder inibições que são muito mais fruto de complexos internos do que de contingências impostas do exterior.

A primeira providência é abrir o amplo capítulo das negociações diretas com todos aqueles que desejem tratar conosco.

Sem nenhuma exclusão nem reserva, atentos apenas aos próprios interesses de nossa projeção, de nossa política e de nossa economia. Não há país no mundo, por maiores que sejam suas diferenças conosco, que não nos possa completar sob algum aspecto. A partir do dia em que assumir o Governo os embaixadores estrangeiros no Brasil, podem ficar cientes de que o ritmo dos nossos debates será muito mais intenso, para que mais rapidamente cheguemos a conclusões de ordem prática.

Nossa política externa será atuante por toda parte: de Washington a Moscou, de Pekim à África, do Canadá à Patagônia.

Nossas missões no exterior, onde muitas vezes os valores reais definham por falta de estímulo e por falta de repercussão de suas sugestões e observações — vão ser, efetivamente, aparelhados para se tornarem instrumentos vivos de colaboração constante e intensa com o Governo da República.



Nas cogitações dos candidatos e nas plataformas dos Partidos tem se atribuído à nossa atuação no exterior uma significação secundária. Longe de incorrer neste erro, quero ao contrário dizer ao povo brasileiro que viverei na escuta do mundo, atento a todas as oportunidades em que possamos encontrar, por nossa intervenção, um benefício moral político, ou econômico ou o estabelecimento de maior convivência com os povos. Todos os países são nossos aliados em função dos interesses comuns que nos possam unir. Alguns mais antigos, outros mais recentes, outros ainda a conquistar. Mas com todos devemos estabelecer condições de aliança com obrigações e vantagens recíprocas muito definidas.

Podemos ficar mais ou menos satisfeitos. Nunca, porém, ausentes.

IX — INFLAÇÃO

— Quais as providências que adotaria para sofrear o surto inflacionário?

RESPOSTA: — Dois mil cruzeiros de 47 valiam mais do que sete mil em 55. A inflação «bebeu» o valor do dinheiro. Mas não é pela imposição de sacrifícios às massas que poderemos combater essa desvalorização, nem, tão pouco, pela supressão brusca do crédito que atrofia o organismo produtor. Só há um caminho para combater a inflação: produção. Este será o do Governo Popular.

X — POLÍTICA INTERNACIONAL

— Qual seria, a seu ver, a política exterior que o Brasil deveria abraçar, no futuro?

RESPOSTA — Não foi dada. Prejudicada pela pergunta «Comércio Exterior».

XI — BANCOS E CRÉDITO

— Qual é, no seu entender, a política de crédito que o Brasil precisa instituir partindo-se da obrigação constitucional da fundação do Banco Central e da nacionalização dos bancos de depósito?

RESPOSTA: — Para estimular a produção é preciso instituir o crédito fácil e a longo prazo que não leve o tomador industrial ou agricultor a querer impor condições de venda que o levem a pagar o capital em tempo recorde, e a juros altíssimos, que saem do bolso dos consumidores e que o obrigam a produzir menos, ganhando mais em unidade produzida.

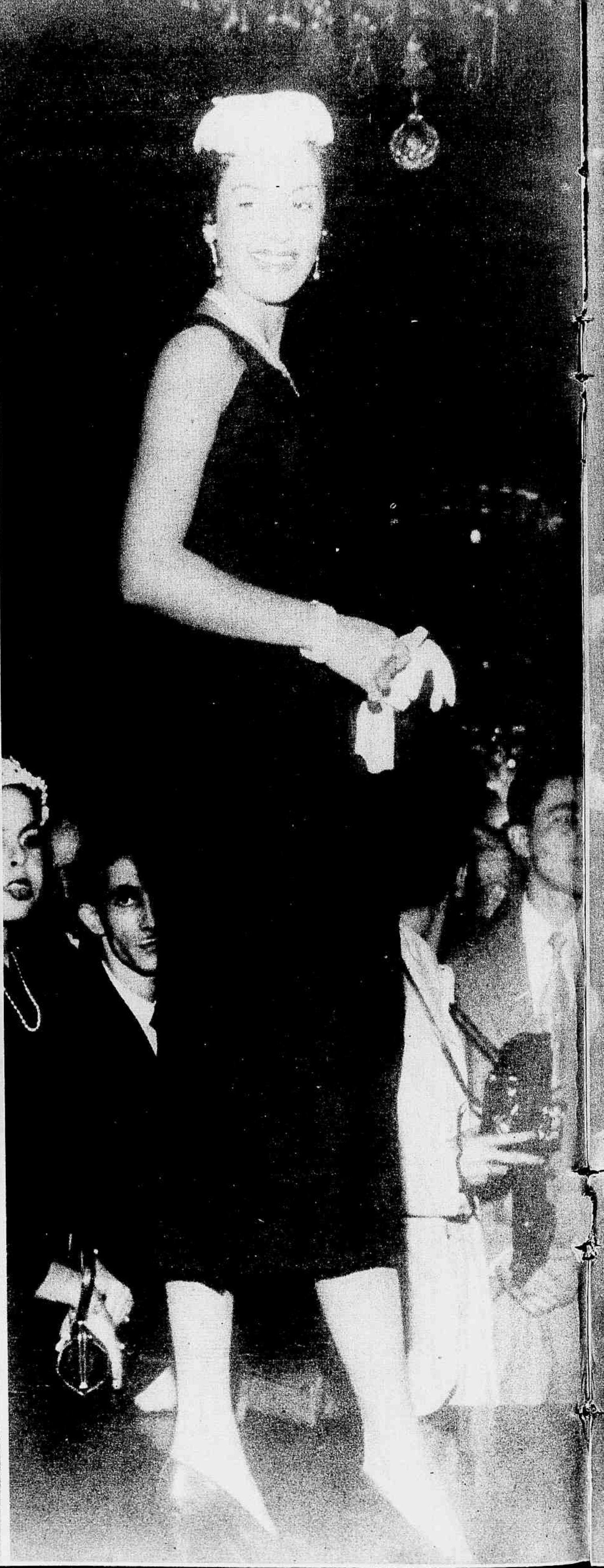
Hierarquia de crédito, sem dúvida. Mas simplificação do crédito, baseado apenas na exigência do aumento da produção proporcional ao empréstimo. **FACILITAR PARA ACELERAR. ACELERAR PARA PRODUIR. PRODUIR PARA BARATEAR.**



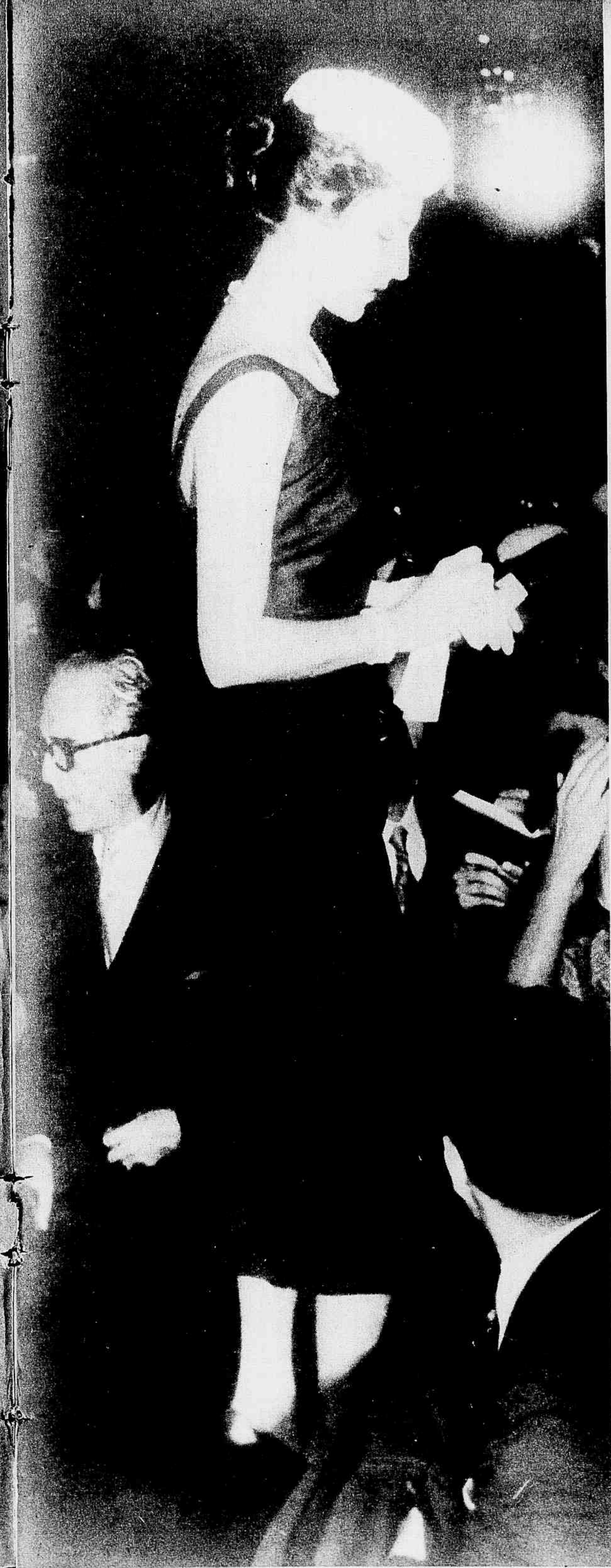
● Iniciando sua carreira como a Mais Bela Brasileira de 1955, Emília Corrêa Lima recebeu, nos salões do Copacabana Palace, as manifestações de apreço e regozijo da colônia cearense do Rio de Janeiro. Foi-lhe oferecido, na ocasião um coquetel ao qual compareceram inúmeras pessoas de destaque nos meios cearenses locais. Miss Brasil, cuja simplicidade e simpatia encantaram aos presentes, foi agraciada com magníficas dádivas, entre as quais um colar de pérolas e uma bonita pulseira de brilhantes.



“JANGADA-AMIGA” NO COPA▶



GRAÇA + SIMPATIA + ELEGÂNCIA =



EMÍLIA CORRÊA LIMA (MISS BRASIL 1955)

★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★

NOTICIÁRIO ★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★

HUMORISMO ★

RÁDIO ★

TEATRO ★

MUSICA ★

HUMORISMO ★

ESPORTES ★

NOTICIÁRIO ★

TEATRO ★

★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★

A qualquer hora

do dia

ou da noite

a

RÁDIO RECORD

de São Paulo

tem um PROGRAMA

que VOCÊ ouvirá

perfeitamente

em qualquer

ponto do país

EXPERIMENTE!

ondas médias — 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas — 19, 25, 31 e 49 metros

ARTES

JOSÉ ROBERTO

CRISTO DE CÔR

No momento em que estiver circulando este número, já a Comissão Seleccionadora do Concurso «Cristo de Côr», composta dos críticos Antônio Bento, Mário Barata, Quirino Campofiorito e Flávio de Aquino, e de Dom Helder Câmara e Dom Gerardo Martins, representantes da Igreja, terá apontado os vencedores. O certame, cuja idéia coube ao Teatro Experimental do Negro e ao professor Guerreiro Ramos, tendo sido patrocinado e dirigido pela revista «Forma», atraiu nada menos de cento e seis concorrentes, entre os quais alguns de grande nomeada, como Djanira, Alvim Corrêa, Vera Bocayuva e Geza Heller.

Todos os trabalhos apresentados à Comissão serão expostos no 1º andar do Ministério da Educação e Cultura, entre 17 e 24 desse mês de julho, para que o público possa avaliar o êxito da iniciativa, ao mesmo tempo original e arrojada.

JEAN CASSOU

Aproveitando a estada, entre nós, do grande crítico francês Jean Cassou, a Diretoria do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro ofereceu a seus associados, no recinto do Museu, à rua da Imprensa, uma conferência por ele pronunciada, versando sobre o tema: «L'Art Moderne est-elle un mons-

tre?». Cassou, após rememorar as origens das várias correntes estéticas em que se subdivide aquilo que hoje se compreende por «Arte Moderna», e em seguida a uma análise minuciosa do desenvolvimento de cada uma delas, concluiu pela negação. Para gáudio de todos nós.

“A GUERRA” DE PORTINARI

Um dos pontos altos da III Bienal Paulista é a sala especial dedicada a Portinari, onde estão expostos alguns estudos concluídos recentemente pelo artista para o grande painel da Organização das Nações Unidas, em Nova York — «A Guerra». Com esse trabalho, Portinari atinge a um grau de dramaticidade anteriormente desconhecido no Brasil. O público, ou parte do público, justamente a menos informada, não recebeu de maneira favorável a decisão do Júri premiando, como Melhor Pintor Nacional, a Milton Dacosta. Queriam que Portinari recebesse a láurea, desconhecendo que a participação do grande artista brasileiro é toda especial, e foge às jurisdições comuns.



MAGDALEINE VESSEREAU

Estêve alguns dias no Rio, em companhia do marido, que efetua uma viagem pela América do Sul, essa artista francesa, que se dedica exclusivamente ao desenho, bus-

cando, segundo suas próprias expressões, «criar verdadeiros quadros em preto e branco, despojando-se de tudo o que não seja essencial».

ARTE SACRA BRASILEIRA

Foi inaugurada recentemente, na antiga Estação de Hidros, à praça Marechal Âncora, uma importante mostra de arte colonial brasileira. A exposição, que apresenta obras especialmente selecionadas, do século XVI ao XIX, irá prorrogavelmente apenas até ao dia 15 de agosto. Não deixem de vê-la os que se interessam pela Arte, no Brasil, pois dificilmente surgirá outra oportunidade semelhante de se apreciarem, reunidos, trabalhos de tão heretorênea procedência.

GUTTMANN BICHO

Faleceu o pintor Guttmann Bicho, um dos maiores de sua geração, no Brasil. Prêmio de Viagem à Europa, em 1923, no Salão Oficial, conquistou igualmente a Medalha de Ouro e todas as premiações destinadas a um pintor, no

Brasil. Últimamente, vinha se dedicando com mais frequência à Cerâmica, de que era Mestre reputado. Como pintor, alcançou justa fama, os inúmeros retratos que executou, entre os quais o do filósofo Farias Brito.

CONFERÊNCIA DE MÁRIO BARATA

O crítico Mário Barata pronunciou, no recinto da exposição organizada pela revista Brasil — Arquitetura Contemporânea, recentemente inaugurada na Escola de Belas Artes, uma conferência sobre o tema: «O que é a III Bienal».



A bonita sra. Nicole Hime ouve atentamente o sr. Fernando Ferreira. Ao seu lado, o sr. Carlos Guinle conversa com a pessoa que lhe está defronte. À esquerda: Numa reunião no «Sacha's», vemos os embaixadores da Alemanha e Holanda.

JANTAR DE GALA AO PRÍNCIPE DE MUKHRANI — O COUNTRY CLUB HOMENAGEIA "MISS BRASIL"

● Na semana que passou, o casal Arnaldo Brenha ofereceu um jantar de gala, no intuito de homenagear o príncipe Mukhrani que se encontra entre nós, estudando a possibilidade de mudar suas indústrias e residência para o Brasil. Homenageado dias antes pelo nosso embaixador na Espanha, sr. e sra. Rubens de Mello, assistiu a um dos jantares mais simpáticos e elegantes da estação. Estiveram presentes os casais Alvaro Catão, Pepe Caraballo, Carlos Guinle, Francisco Guize, Fritz Alencastro Guimarães, Joaquim Xavier da Silveira, Aloysio Muniz Freire, Armin Bernardt, Paulo Paranaguá, Helmut Hesenfeld, Pedro Canto, Waldemar Schiller, Leopoldo Modesto Leal, sra. Nicole Hime, srs. Tony Mairynk Veiga, João Rezendo, Osvaldo Vidigal e Armando Redig de Campos. Foi uma reunião simpática, alegre e jovem.

Constituiu uma noite excepcional a apresentação de «Porgy and Bess», no Municipal. Mais tarde, voltaremos ao assunto.

Em São Paulo, o casamento da srta. Vera Matarazzo Suplicy com o sr. Aguinaldo Gois Filho, movimentou toda a sociedade. No religioso, foram testemunhas da noiva o sr. e a sra. Roberto Suplicy e Eduardo Matarazzo e, do noivo, os casais Aguinaldo Gois e Coriolano Gois. Mais de mil pessoas compareceram à recepção, na residência do sr. e sra. Paulo Suplicy.

Em benefício da Associação Brasileira de Teatro, Nicete Bruno se apresentará pela primeira vez no Rio, representando em «Ingenuidade». O acontecimento, patrocinado pelos cronistas Roberto Vasconcelos, José Mauro e o autor desta seção. Trata-se do primeiro movimento em favor da Associação Brasileira de Teatro que pretende criar a academia. Mais tarde, serão organizadas outras reuniões, com a mesma finalidade.

A recepção oferecida pelo embaixador da Nicarágua e senhora Sanson Balladares conseguiu quebrar um verdadeiro recorde, com a presença excepcional de quase todos os chefes das

delegações diplomáticas das Américas, creditadas nesta capital. Houve o clássico brinde com café, parte de um programa e a presença rara do presidente do Senado e sra. Nereu Ramos.

Com muita animação, gente e alegria, houve a inauguração da «Boutique» da Casa Canadá de Luxe, em Copacabana. O sr. Pellicks está de parabéns.

Além da natural alegria que nos dá ver que realiza a III Bienal de Arte Moderna, o contentamento é maior com o primeiro prêmio, em escultura, obtido pela sra. Maria Martins.

O polo volta à grande posição que teve há alguns anos. E, esporte vigoroso e perigoso que é, vem fazendo das suas. Assim, na mesma semana, temos um paulista de pé quebrado, o sr. Carlos Eduardo de Souza Campos de supercílio cortado, sr. Tony Mairynk Veiga de rosto inchado e o sr. Fernando Delamare de ombro quebrado. O jogo é bonito, mas é bruto.

O casal Carlos Eduardo de Souza Campos ofereceu um jantar ao time paulista de polo que disputa a taça «Gustavo de Carvalho». Como sempre, tudo perfeito.

Numa casa lotada, sob o patrocínio do embaixador da França, foi projetado, em noite especial em favor da Cultura Francesa, o excelente filme de Jean Manzon, «O Samba Fantástico». O filme já muito aplaudido em Cannes, foi recebido com entusiasmo. Escreveremos mais detalhadamente sobre este acontecimento.

A Sociedade Hípica continua a animar e organizar os seus jantares de terça-feira. Black-out, com sua bossa fez justiça às muitas palmas que recebeu. Ao piano, Bené Nunes.

Uma figura que já foi a da semana, srta. Edna Savaget, retratada nesta seção, volta novamente, mas, como «notícia». Trata-se de seu

casamento com o arquiteto Leopoldo José Teixeira Leite. Aos dois, os parabéns desta coluna.

Encontra-se no Rio o cantor Dorival Caymmi, atualmente residindo em São Paulo. O compositor, pintor e cantor tem feito falta ao cenário carioca.

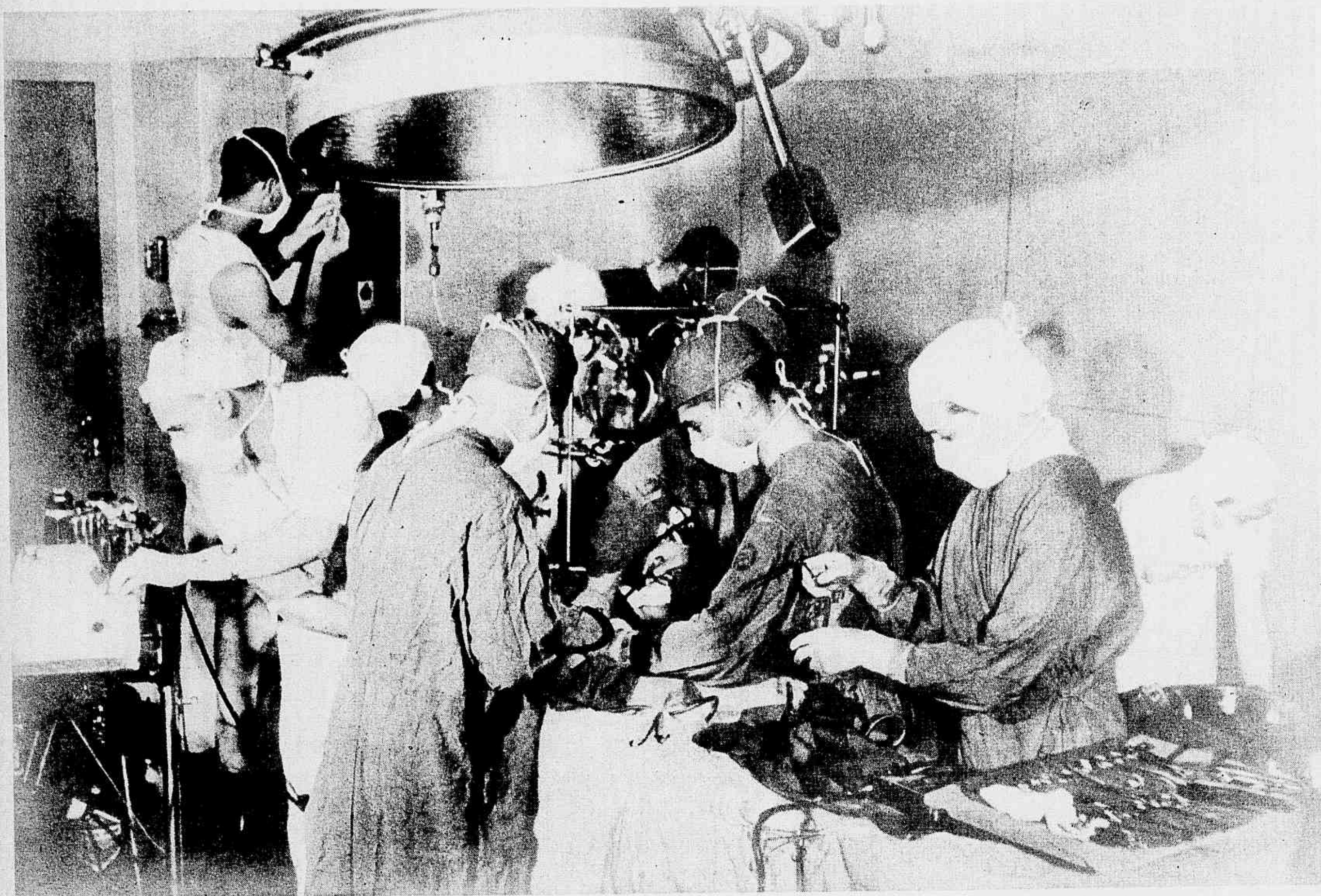
O ministro das relações exteriores do Uruguai e a senhora Rompani convidaram para um «cocktail» oficial no Copacabana Palace. O ministro foi recebido oficialmente pelo Congresso Brasileiro.

Os componentes de «Porgy and Bess» foram ao «Nyght and Day» assistir à «Grande Revista». Ficaram maravilhados com o espetáculo e mandaram chamar o chefe da orquestra para saber quem havia feito o roteiro e se pretendiam levar o espetáculo para o exterior.

O Country Club teve uma das suas grandes noites, ao oferecer um jantar à miss Brasil, Emília Corrêa Lima. O mais aristocrático dos nossos locais de reunião, ficou repleto de pessoas que se espelhavam pelos seus diversos salões. Além de toda diretoria, presidida pelo sr. Paulo Sampaio, estavam presentes os casais embaixador Fraga de Castro, Hugo Pinheiro Guimarães, Carlos Eduardo de Souza Campos, Orlando Macedo, Hélio Gracie, Paulo Paranaguá, Aloysio Muniz Freire, Jayme Castro Barbosa, João Miranda Jordão, Roberto Suplicy, Nelson Batista, Miguel Faria, Gerardo Goes, Valdemar Bojunga, Carlos Vicenzi e Aloysio Leite Garcia. Elizete Cardoso cantou e, como de costume, abafou.

O cavalo «Heleno» que, na semana passada chegou em primeiro lugar, é de propriedade do sr. Arnaldo Brenha que, muito contente com a vitória de seu pupilo, comemorou o acontecimento com uma pequena reunião e muitos brindes.

Sir Geoffrey Harrington Thompson, embaixador da Grã-Bretanha, ofereceu um almoço ao sr. Keneth Johnston, diretor do Conselho Britânico.

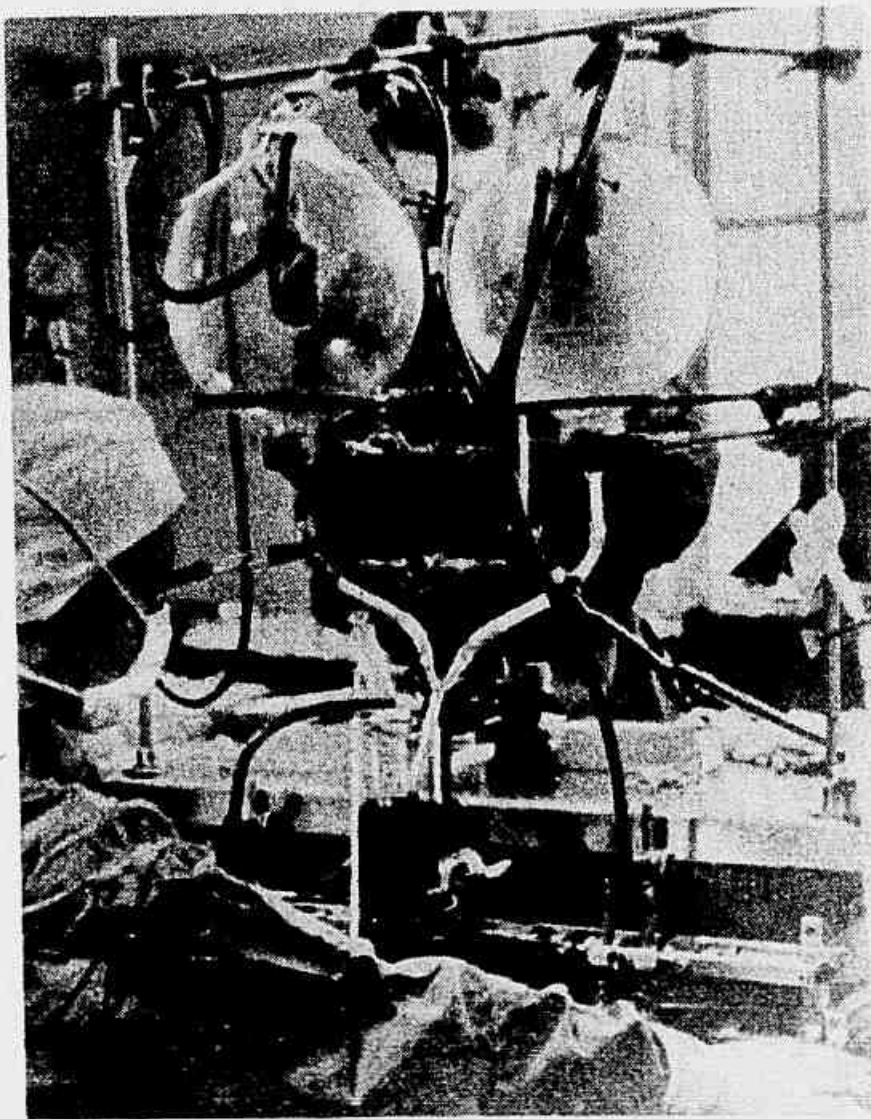


MOMENTO CULMINANTE da delicada intervenção praticada em uma criança vítima da Cianose. O dr. Mustard, autor da façanha, rodeado de seus assistentes e de enfermeiras, cerrando a minúscula cavidade ventricular.

ATÉ O CORAÇÃO TEM SUBSTITUTO

UM cirurgião canadense até há pouco obscuro, acaba de realizar uma intervenção cirúrgica maravilhosa, numa criança de somente onze meses de idade, a quem a cianose não permitiria viver muito mais. Denominam os médicos Cianose, ou Moléstia Azul, a persistência, no recém-nascido, do orifício onde desembocava, nos ventrículos do feto, a placenta materna. O coração, como é sabido, possui dois ventrículos, um dos quais contém sangue venoso, o outro, sangue arterial. Quando não há separação completa entre os dois ventrículos, dá-se a mistura dos sangues venoso e arterial, e o paciente adquire uma coloração azulada, dos lábios até às extremidades do corpo. É a moléstia azul, das crianças, de tão funestas consequências.

Só há um modo de se tentar a cura — aliás difícilíssima e arriscada: uma intervenção no coração, para que se faça a oclusão do pequeno orifício. Para realizá-la, contudo, é necessário que o coração cesse, por dez minutos, de enviar para os pulmões, que por sua vez se en-



OS PULMÕES POSTIÇOS idealizados pelo médico canadense garantiram à pequenina Mona uma circulação sanguínea normal, sem o que não teria sido possível a oclusão do orifício que unia os dois ventrículos, causando a Cianose.

carregam de distribuí-la pelo resto do organismo, seu suprimento de sangue. Como, porém, resistiria a pequenina Mona Parson a esses minutos de paralisação em sua circulação sanguínea — coisa que mesmo um adulto não suportaria? Era esse o problema com que defrontava o Dr. Mustard.

Para resolvê-lo, lançou êle mão de dois balões de vidro, unidos a um tubo central por um complicado sistema de fios de borracha. Improvisou assim um verdadeiro sistema pulmonar artificial, uma bomba de pressão destinada a substituir os verdadeiros pulmões. Através de tal aparelho, o sangue foi recebido, e impelido para o organismo da criança. Assim, pôde o dr. Mustard levar a termo sua operação. Quando esta findou, aberta a porta da sala de intervenções, Mamãe Parson correu para os médicos e enfermeiras, os quais ainda comentavam o acontecido. Em seu rosto, uma pergunta se estampava. Mas pelo próprio sorriso do médico Mustard, ela logo soube que sua filha acabava de nascer outra vez.



JÁ LIVRE DO PERIGO, a pequena vítima da Cianose, Mona Parson, sendo assistida pela enfermeira. Devido à pouca idade da paciente (onze meses somente) é possível que a feia cicatriz venha algum dia a desaparecer totalmente de seu corpo.



Três cavalheiros (sem chapéu na mão): Lima Barreto, Tom Payne e Assis Valente, um encontro mais ou menos casual, ali na Cinelândia, quando o homem do «Cangaceiro» fez uma de suas habituais visitas ao Rio. O filme está orçado em dez milhões de cruzeiros, quantia aparentemente perigosa.

● Não querendo ser mais que um filme para divertir, «O Rei do Movimento» permitiu-nos uma série de considerações que aqui estão: A rigor, não tem o Rio de Janeiro o que se possa denominar um estúdio cinematográfico; o último com que se contava, precário mas dando já um rendimento apreciável, desapareceu comido pelo fogo sem que seus donos se apressassem em substituí-lo. Virá outro estúdio da Atlântida, mas está demorando e não é por falta de recursos. Ficam, assim, os que insistem em produzir filmes nesta terra, na contingência de fazê-los de maneira precária, onde melhor se puderem instalar. Assim mesmo, «O Rei do Movimento» comparece com uma qualidade de fotografia muito boa e um som que destoa, embora fugindo repetidas vezes ao sincronismo. Arredados esses senões, que não deveriam mais existir em filmes nacionais mesmo os sumamente despretenciosos, há a registrar aquilo que se poderia denominar de — a parte intelectual. E é onde se encontram,

APESAR DE TUDO, "O REI DO MOVIMENTO" MOSTROU UM DIRETOR

mesmo prejudicados pelas falhas de ordem técnica, os atributos a que nos referimos.

A idéia de aproveitar a vida atribulada de um pobre estafeta postal, foi feliz, e bem compreendemos porque Vítor Lima ficou impossibilitado de a desenvolver como desejaria fazê-lo. Porque teve de aceitar a intervenção de números musicais, com garantia do êxito comercial. Pena, porque esses números, mesmo razoavelmente apresentados, cortam o seguimento da ação e desviam do protagonista, que tanto poderia render, o centro das atenções. Para cortejar o grande público, lá está Emilinha Borba com os rapazes da Marinha (e seria melhor tê-los deixado a bordo); lá vem a infalível homenagem a Francisco Alves, embora valorizada pela ausência da imagem do cantor, que cedeu vez a uma série de frisos inspirados na Voz do Violão e tudo reforçado com a presença de Ângela Maria. Ela poderá ser muito boa cantora, com inúmeros fãs, mas não possui outras virtudes para o cinema. Sem essas interrupções, o filme ganharia unidade, e o papel de Ankito ficaria mais humano, dentro do seu próprio clima — o drama do funcionário postal — sem os desvios para o palco e os bastidores do teatro.

Observem que o início de «O Rei do Movimento» nos predispõe facilmente para assistir a uma sátira, uma comédia de costumes. A apresentação do protagonista, sua chegada com atraso à repartição, a censura que lhe faz o chefe da seção para, logo em seguida, absolver da mesma culpa a funcionária bonitona, aqueles «flashes» sugestivos e bem apanhados do serviço interno dos Correios — tudo está provando que houve a intenção de contar uma história, propósito firme de quem saberia fazê-lo. A saída do funcionário para entrega das cartas, as perseguições do maluco, o sapato furado e remendado com um envelope que jamais seria entregue ao destinatário, o namorico com a empregada (muito mais natural que o outro, adiante, com a filha da dona da pensão), — seguem em bom ritmo, com absoluto equilíbrio. Claro que a contribuição de Ankito é bastante valiosa, mesmo por vezes fazendo lembrar Oscarito, o que não chega a constituir um crime. Ankito tem graça própria, possui esse atributo que prestigia aos cômicos de cinema — um certo toque dinâmico de representação. Precisa, com o tempo, ganhar personalidade e, se possível, impregnar seus tipos de uma dose maior de sentido humano, de sofrimento disfarçado em riso, para que o seu trabalho não se esqueça uma vez assistido o

filme. Nem lhe faltará quem o aconselhe a dar ao seu excelente jogo fisionômico, esse ar introspectivo (mas natural, sem ser forçado) que faz das criações cômicas, legítimas expressões humanas. Tudo, procurando esquecer Oscarito e sem se lembrar de Chaplin, dois artistas que têm prejudicado a muitos novatos. Um por excesso de burlesco, outro pelo seu feito pessoal, tragi-cômico, que ninguém mais pode nem deve tentar reproduzir.

Acreditamos ter encontrado Vítor Lima, na pessoa de Ankito, um elementos de valor. Se nessa primeira aparição definitiva, domina a platéia sem a cansar, divertindo-a de verdade, o que não poderá fazer com «tarimba»? Não nos enganamos ao proclamar que aí está a argila para Vítor ou outro diretor com massa cinzenta dar ao nosso cinema o primeiro ator cômico de verdadeiro equilíbrio humano. Falta-lhe um certo cunho de brasilidade, que não será difícil de apurar.

Nossas últimas palavras dirigem-se a Vítor Lima, responsável pela direção. É a primeira vez em que assume, por inteiro, a responsabilidade dessa tarefa e reconhecemos, abstraídas as restrições feitas, não decorrentes do diretor mas de circunstâncias e imponderáveis, Vítor dirigiu no verdadeiro sentido da palavra. Há muito dele, principalmente nas seqüências de abertura do filme, as melhores. Ele mesmo, com auto-crítica e conhecimento do assunto que vem estudando desde a adolescência e pelo qual foi sempre um apaixonado — o assunto Cinema — ele mesmo será o primeiro a reconhecer os pontos fracos. Apontá-los, como fazemos, é considerar e apreciar o seu esforço. E porque conhecemos Vítor, sabendo-o um estudioso, elemento honesto e eficaz com que se pode contar, é que nos alongamos nesses pormenores. Saiba o leitor que esse rapaz não se improvisou em diretor: mesmo produzindo uma comédia sem pretensões, tem o preparo de quinze anos de observação e sabe ao que vem em cinema, o que está fazendo e o que deseja realizar. Com as imperfeições que se queiram apontar, visto serenamente e sem «parti-pris», «O Rei do Movimento» serve para revelar um diretor. Dêem-lhe campo, não o amarem às concessões da platéia imediata, nem o obriguem a cortejar os fãs de Emilinha, Chico e Ângela Maria, abram-lhe as portas com liberalidade, e Vítor Lima será uma pequena força bem orientada, esclarecida, a serviço do nosso cinema nem sempre assistido por gente dessa estirpe.

Novidade em teatro, só para os peregrinos

● Com este novo hábito de esticar as peças até não darem mais nada, resulta que embora funcionem quase todos os teatros disponíveis, o freqüentador assíduo não tem muito o que ver. Alda atravessa a temporada de ponta a ponta com «Mulher de Briga», Oscarito faz o mesmo com «O Golpe», Eva dá no máximo duas comédias por ano e «Sabrina» ameaça ficar, mesmo com um substituto de Jardel Filho (talvez André Villon), Dulcina ultrapassou os prometidos trinta dias com «Leonora», os Artistas Unidos foram se agüentando com «Os Diálogos das Carmelitas», Sampaio voltou com «S. Exa. em 26 poses», o sempre firme Vicente Celestino está tendo noites felicíssimas com «Noite Feliz», o T. B. C. não fez por menos com «Profundo Mar Azul», e no setor da revista, aquela do João Caetano, pela oportunidade do título, ou por não haver outra, depois que Walter Pinto embarcou, talvez acabe transferindo-se para o Recreio.

Pode o freqüentador assíduo não gostar dessas permanências intermináveis, mas, com elas, os empresários dão-se muito bem, poupando a montagem de outras peças, os artistas não têm que decorar papéis novos e a população fluante da cidade, essa que vem da província, atraída pela publicidade demorada nos jornais, chega e corre para as bilheteria. Que o Rio está ganhando proporções de grande metrópole, serve para atestá-lo esse fenômeno, muito invulgar em outros tempos. Hoje, autor que não teve

a sua peça aproveitada no princípio do ano, pode enfiá-la na gaveta porque só no vindouro encontrará outra «chance» para vê-la representada. Para compensar, aquele que foi preferido, seja a peça original ou tradução, pode contar com uma renda mensal apreciável de direitos.

E se mais teatros houvesse, mais estariam funcionando satisfatoriamente. É verdade que o Fênix e o República nem assim voltam a reabrir, mas as razões são de outra natureza e não vem ao caso examiná-las. Os teatrinhos da zona sul estão mostrando que outros iguais poderiam surgir na zona norte. As companhias esperam, em fila, a vez de aproveitar a segunda fase da temporada, e lá vem, então, Maria Dela Costa para substituir Eva Todor, César e Renata com as suas revistas para tomar a vez de Dulcina, e Aimée (ou Marlene) para o lugar de Alda Garrido.

Rodolfo Mayer fica de braços cruzados, sem ter onde realizar a sua temporada habitual com «As mãos de Eurídice» e talvez «Obrigada por amor de vocês». Procópio fica por longe, a excursionar pelo extremo norte; sua filha Bibi está fazendo falta, e muitos outros elencos, de menor categoria, arredados das platéias cariocas, sujeitam-se a excursionar permanentemente.

Enquanto o freqüentador assíduo, coitado, tem de ficar em casa ouvindo o rádio, assistindo a TV ou ao filme do cinema de bairro, que nem sempre paga o sacrifício.



THEREZINHA TAPAÇÕES é uma das belas garôtas que Walter Pinto irá levar, dentro em breve, em excursão artística pela América do Sul. Entre outros países, serão visitados o Uruguai, Chile e Argentina, nessa excursão que, por todos os motivos, está fadada ao maior sucesso.

Distinção natural e beleza ideal



Pó de Arroz e Rouge
**MADERAS
DE ORIENTE**



MYRURGIA



O BONDE êsse desconhecido

Reportagem de JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA LEITE e VINÍCIUS LIMA

Desenhos de DAREL



HÁ CEM ANOS PERCORRE AS RUAS DO RIO — NOMES LÍRICOS E MARCIAIS — O FILHO PRÓDIGO DA FAMÍLIA ABANDONOU OS TRILHOS E AGORA VIVE NO

AR — MIL E DUZENTOS BONDES, DISTRIBUÍDOS POR OITENTA E CINCO LINHAS, TRANSPORTAM, DIARIAMENTE, CÉRCA DE UM MILHÃO DE CARIOCAS.

B ONDES são essas coisas esverdeadas, cheias de bancos e balaustres, cercados de gente por todos os lados, que impedem, por vèzes, o tráfego dos ônibus nas ruas estreitas. Mas possuem sua utilidade: conduzir, através de 467 quilômetros de trilhos, em mil e duzentas composições distribuídas por cerca de 85 linhas, quase um milhão de passageiros diários. Com um grande olho, que fita o chão, os bondes procuram trilhos, para comer. Trilhos são, por definição, dois ferrinhos paralelos, que se encontram no infinito. No alto da cabeça, os bondes levam uma espécie de chifre, que os une a uma grande teia de aranha, estendida sobre a testa dos cariocas. Nessa teia é que se nutrem de eletricidade.

Chama-se **motorneiro** quem dirige bondes, após um curso de três meses; mas o homem que cobra as passagens, e que devia ser chamado **cofrador**, denomina-se **condutor**, o que evidentemente está errado. Há também os fiscais, que usam uma tãbuazinha, sobre a qual estendem um papel quadriculado, onde fazem, a vermelho e azul, horrorosos rabiscos. Além desses três personagens, existem mais quatro para cada bonde, para que eles não se estraguem — pois são animais caros, custando mais de duzentos mil cruzeiros, atualmente, e não se reproduzindo com facilidade.

Todo bonde tem taquicardia: basta ver quando um está em repouso, o disparo de seu coração.

O maior inimigo do bonde é o carnaval, pois no carnaval os bancos se transformam em tambores, para desespero de condutores e motorneiros. O carnaval passado, porém, graças a uma campanha levada a efeito pelo rádio e pela imprensa, passou quase sem deixar cicatrizes.

O bonde, pelo contrário, é o maior amigo do carnaval: fornece um salão ambulante para os foliões brincarem, inteiramente grátis — sim, pois quem é que paga bonde, em dia de carnaval? Todo condutor é um músico frustrado, e por isso é que tilinta furiosamente com uma porção de niqueis nas mãos, além de puxar cordinhas pretas, que produzem sons eternamente iguais. E' também um grande acrobata.

Os nomes dos bondes variam. Há o Alegria e o Piedade, uma porção de santos (como São Francisco Xavier e São Januário), agora um Bispo, vários generais (Osório, Polidoro), Coquei-

ros e um enigmático Caju Retiro. Ultimamente deram os bondes de-usar também números, bem na testa, o que já criou situações embaraçosas para alguns.

Houve tempo em que os bondes eram puxados por burros. Hoje, porém, com a valorização dos bichinhos, aproveitados em cargos mais importantes, a eletricidade tem de dar contas,

sôzinha, do recado. O último bonde de burro recolheu-se ao mundo do passado, numa tarde melancólica de 1928: fazia a linha Madureira-Irajá, com a maior pachorra desse mundo. Quem julgar que bonde é bicho novo, engana-se: em 1856 foi que apareceu por essas bandas. Bonde é como tartaruga: vive um bocado. Está, portanto, a exigir comemoração condigna, ano que vem, por ocasião do primeiro centenário.



O bonde e a poesia



● MANUEL BANDEIRA

*As rodas rangem na curva dos trilhos
inexoravelmente...
bondes sem pressa dando voltas
vadias...*

● MARIO DE ANDRADE

*Altura da Avenida. Bonde 3.
Mário, paga os duzentos réis...*

● LUIZ MARTINS

*Ai, Domingos de Morais,
Sois rua, bonde ou alguém?*



● CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

*O bonde passa cheio de pernas.
O poeta ia bêbedo no bonde.
Perdi o bonde e a esperança.*

● VINICIUS DE MORAES

*o bondinho
rangia nos trilhos a muitas praias
de distância
Dizíamos: "E-vem meu pai"...*

● ANTONIO RANGEL BANDEIRA

*E ainda um bonde terá tempo de
colhêr um transeunte.*

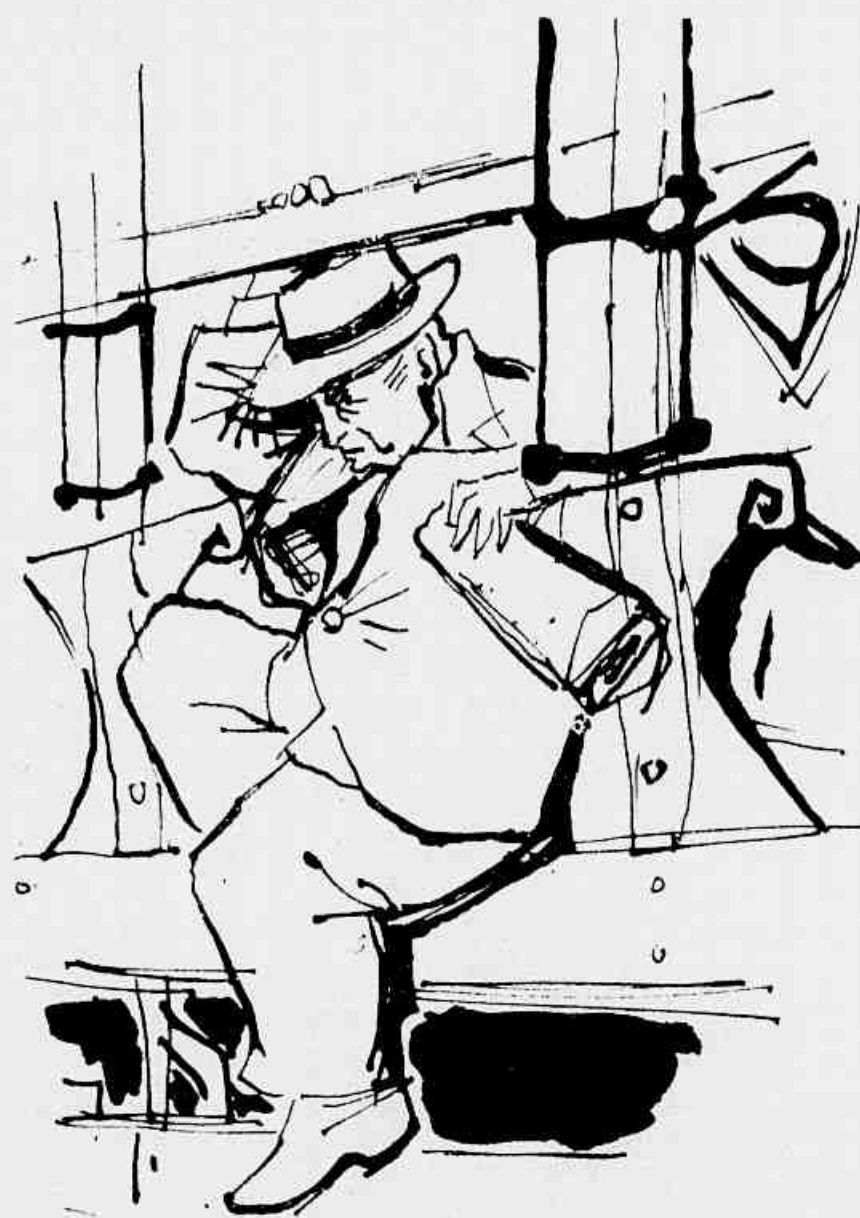


● AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

*Inútilmente um ruído de bonde
se fêz ouvir*

● LEDO IVO

*O bonde avança sobre o tempo
dispersando as estrelas e as ruas.*



A fauna dos bondes

Além dos passageiros comuns, dos que simplesmente utilizam o bonde para ir de um lugar ao outro, existem ainda tipos curiosíssimos, que diferem imensamente da grande maioria. Como algum deles poderá sentar-se hoje mesmo a seu lado, aqui vai uma descrição de suas características principais, a quem interessar possa:

● **O CARADURA** — Ao «Faz Favor» do condutor continua lendo quietamente seu pasquim, ou olha para o lado oposto. Os mais descarados atiram-lhe um indignado «já paguei».

● **O BOLINA** — Acontece principalmente na parte do veículo que o carioca já batizou de «Cozinha», nos instantes de maior afluência. Suas tendências amorosas terminam por vezes em sonoras guarda-chuvadas.

● **O PINGENTE** (de vocação) — Por mais lugares vazios que o bonde tenha, a qualquer hora do dia ou da noite, prefere viajar no estribo, de onde melhor acompanha o movimento nas calçadas.

● **O PINGENTE** (por necessidade) — Diferente do anterior, porque é a contragosto que se dependura nos balaústres, ao cair da tarde, nas longas viagens de volta à casa.

● **O EXPANSIVO** — Vai de um canto a outro da cidade contando piadas antiquíssimas. Torna-se íntimo do passageiro ao lado, confia-lhe segredos íntimos, e termina sempre por pedir-lhe um cigarro.

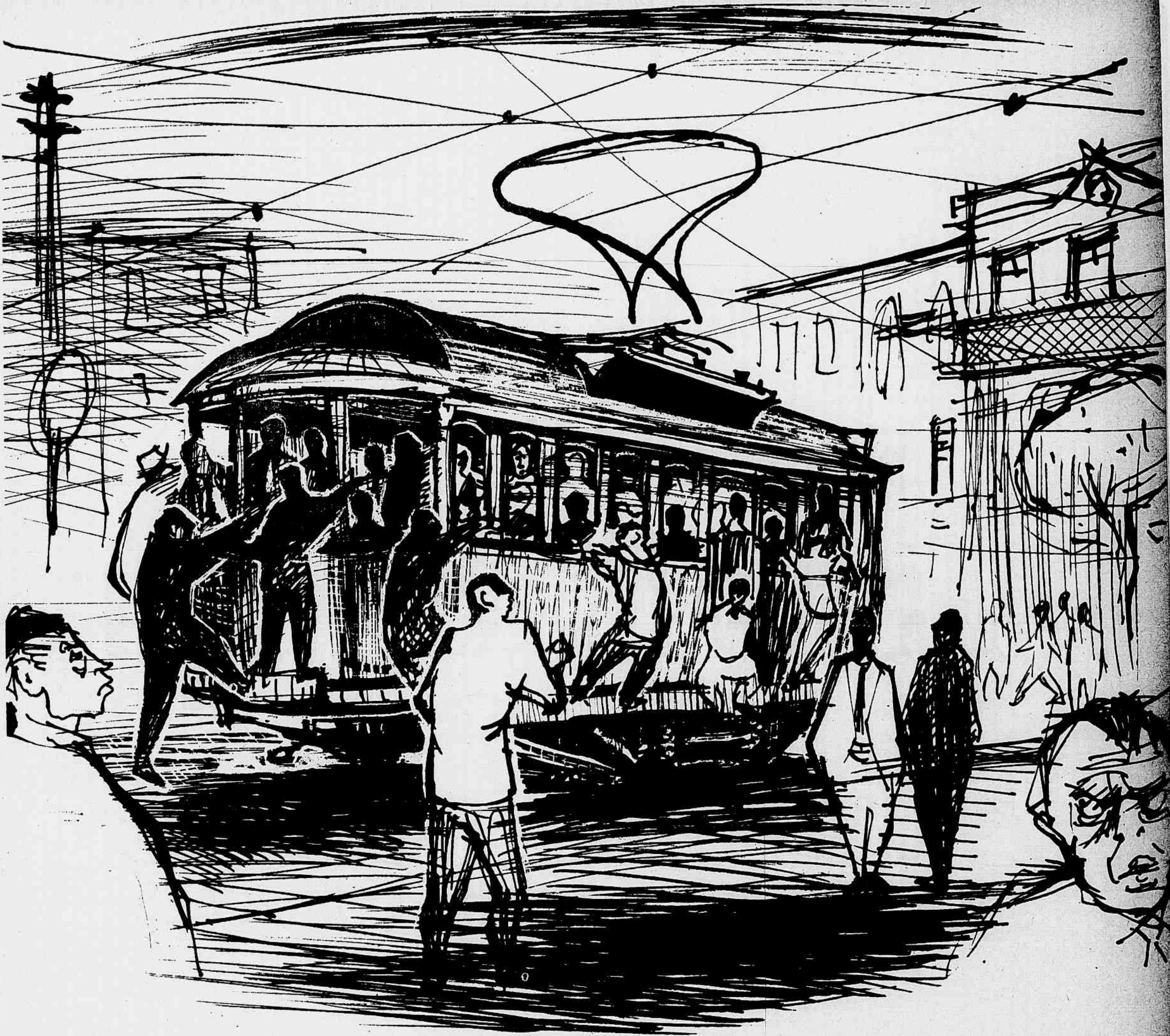
● **O COMODISTA** — Ocupa um banco inteiro, derramando-se por cima dos demais passageiros. Solta baforadas de charuto na cara das vítimas, e ao sair, ainda lhes pisa o pé.

● **O SAMBISTA** — Em geral estudante, só anda em grupinhos. Apodera-se do banco como um pirata da nave. E tamborila, com régua e compassos, sobre os encostos, súbitamente transformados em pandeiro.

● **A BOA** — Senta-se a um canto, e o bonde inteiro olha. Ao saltar, o olho acompanha até quando pode, para depois descansar sobre a loura recém-embarcada.

● **O OTIMISTA** — Vai pendurado de um a outro extremo da linha, cheio de emburlos, suado, pisado. Os caminhões arrancam-lhe fiapos da roupa. Não pára de sorrir.

● **O PUNGUISTA** — Há finalmente esse, que pretende fazer mais, em uma viagem, do que o condutor, no dia inteiro...



Um bonde derrubou um gabinete. Não que tivesse arrebatado os trilhos e se precipitado sobre o prédio. O caso foi mais grave: em 1879, Pedro II resolveu taxar cada passageiro com a importância absurda de um vintém, que seria recolhido ao já então anêmico Tesouro Nacional. Para que! Lopes Trovão roncou, com outros republicanos, contra o ato do Imperador. Tão grande foi a celeuma, que o gabinete do pobre Visconde de Sinimbu (que não tinha nada com a coisa) teve de renunciar, enquanto, nas ruas, bondes eram queimados e trilhos arrancados.

Por muitos anos o progresso viajou de bonde, pelo Rio de Janeiro: Copacabana, Leblon e Ipanema, por exemplo, foram praticamente descobertos pelos passageiros dos bondes, que ali iam fazer piqueniques aos domingos e feriados.

Antigamente os bondes chegaram a usar ceroulas — como dizia o povo. À saída do Teatro Lírico (e do Municipal; depois) esperavam os grã-finos da época uma porção de bondes especialmente forrados de brancos encostos, para não manchar os fraques e os vestidos de «soirée» do pessoal que se ia deliciar com os trinados da Patti, e os agudos de Bonci e de Caruso.

Há um bondinho que se libertou dos trilhos e se pendura todos os dias, por um fiosinho, de um morro para outro. É o excêntrico da família. Há também o de Santa Teresa, que faz acrobacias, bordejando precipícios e até atravessando um viaduto, para chegar lá. O bonde, em suma, é um continente sobre quatro rodas; um navio, percorrendo um mar de trilhos, através dos quatro oceanos do Rio de Janeiro.

O bonde e a música popular

*Não paga o bonde, laiá,
Não paga o bonde, loiô;
Não paga o bonde,
Que eu conheço o condutor...*

*Tem galinha no bonde,
tem, tem que eu vi,
galinha no bonde
é abacari...*

*O bonde São Januário
leva mais um operário
sou eu que vou trabalhar...*

*O bonde da Lapa
é cem réis de chapa
O bonde Uruguai
duzentos se vai,
o bonde Tijuca
me deixa em sinuca
e o Praça Tiradentes
não serve pra gente.*



Por êsse Mundo de Deus

ESSA COISINHA
fofa que vem aí,
de barriga ta-
tuada e cartaz
ao ombro, está
tomando parte
numa parada de
mascarados, no
Japão. Tem ape-
nas 13 anos, e
110 quilinhos,
tudo a custa do
arroz nipônico e
muito apetite.



NO CIRCO BUSCH,
em Hamburgo, o do-
mador Trupka apre-
senta-se com César,
seu tigre preferido.
Um leão, pacientemen-
te sentado sôbre uma
banqueta, aprecia o
número, já um tanto
aborrecido com a mo-
notonia do espetáculo.

O REI DA BELGICA,
Baudoin, ladeado, por
seu pai, o ex-rei Leo-
poldo, e pela Princesa
de Réthy. Últimamen-
te, devido a certas re-
formas, as católicas
belgas andaram preo-
cupando seu jovem
rei, com arruaças e
protestos veementes.

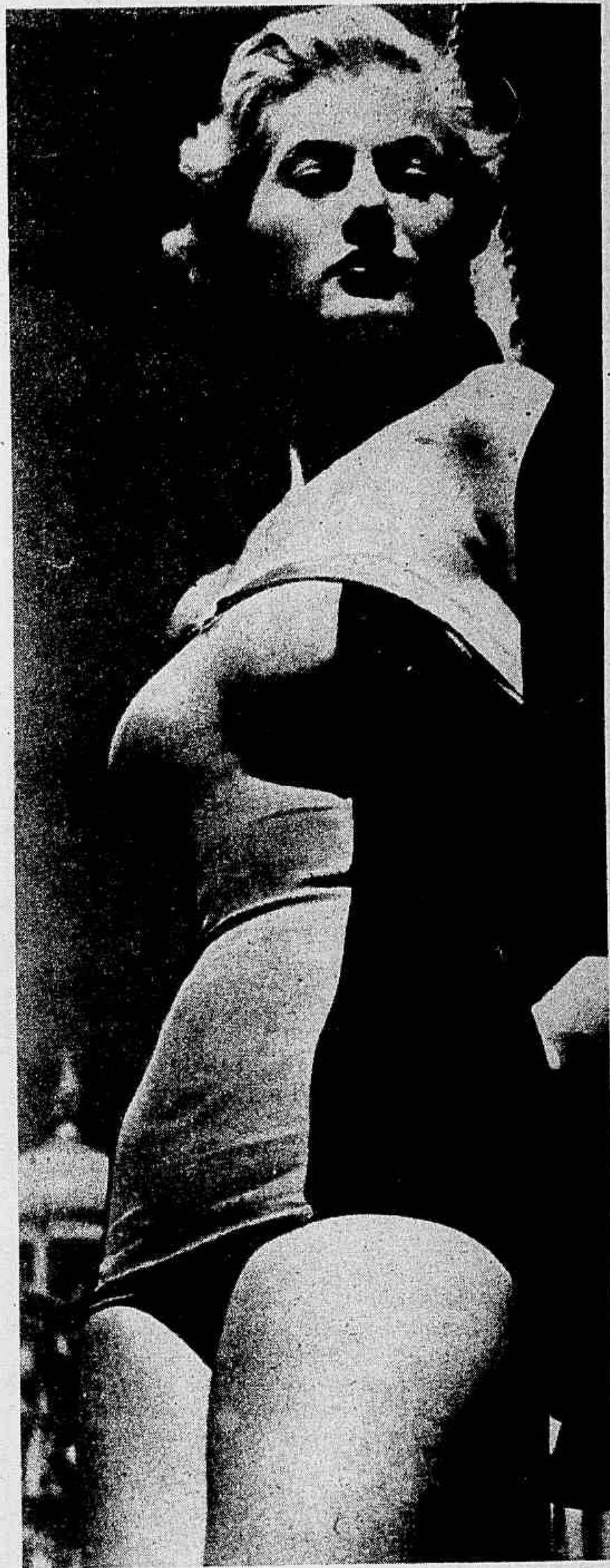
MARINA VLADY, co-
memorando ao mesmo
tempo seu 17º filme,
prova o lindo bôlo
que seus amigos lhe
fizeram. Ao seu lado,
o ator Peter Van Hyc
sorri. Marina apareceu
recentemente ante os
cariocas, em «A idade
do amor», lembram-se?





SANDUICHE DE FAQUIRES ao espêto, tal como foi «servida» aos inúmeros espectadores do Congresso de Ocultismo realizado recentemente em Paris, com êxito sem precedentes.

ESSA LOUCA AI é Betty Hutton, que está em Sydney, na Austrália, já arrependida de ter anunciado sua retirada dos palcos e do cinema. Dança um cansativo «charleston» à la 1925.



A NOVA DESCOBERTA do cinema americano é a sueca Anita Ekberg, que brevemente aparecerá ao lado de John Wayne. Se o talento combinar com a «topografia» o caso é sério.



O POETA TRISTAN TZARA, nascido na Moldavia, e que tornou-se célebre ao criar o Dadaísmo, é êsse velhinho calmo, que mora presentemente em Paris, entre uma bela e enorme coleção de arte negra.

A MORTE VERMELHA

Conto de EDGAR ALLAN POE

Desenho de DAREL

A Morte Vermelha tinha devastado pesadamente o país. Nenhuma outra epidemia fôra tão fatal, tão repugnante. Sangue, era o seu signo e a sua chancela: a côr rubra do sangue, o horror do sangue. Surgiam dores agudas, súbitas tonteiras, e então, hemorragias abundantes pelos poros, com subsequente decomposição. Manchas vermelhas pelo corpo, e principalmente na face da vítima, eram o estigma da doença, que a isolava do amparo e da amizade dos parentes; e o ciclo completo da enfermidade — contaminação, desenvolvimento e fim — produzia-se em cerca de meia hora.

O príncipe Próspero era porém feliz. E esperto. Quando já se encontravam semi-despoçados os seus domínios, chamou à sua presença umas poucas centenas de seus amigos mais robustos e afeiçoados, e com eles retirou-se para o completo isolamento de um de seus castelos. Era uma enorme e magnífica estrutura, imaginada pelo próprio gosto bizarro do príncipe. Elevada muralha o contornava. As portas eram de ferro. Os cortezãos, após terem penetrado, destruíram os ferrolhos. Estavam resolvidos a não deixar entrar ou sair ninguém, nos repentinos acessos de desespero, de fora, ou de frenesi interior. O castelo era fortemente provisionado. Com tantas precauções, esperavam escapar ao contágio. Que perecesse o mundo, do lado de fora. Entrementes, seria tolice lamentar-se, ou pensar. Próspero pensara nos mínimos detalhes do prazer. Ali estavam bufões, mágicos, dançarinos e músicos, beleza e vinho. Tudo isso, e mais segurança, do lado de dentro; de fora, só mesmo a Morte Vermelha.

Lá pelo fim do quinto ou sexto mês, quando mais furiosamente grassava lá fora a epidemia, o príncipe ofereceu aos convidados um magnífico baile de máscaras.

Foi qualquer coisa de inédito, a festa. Inicialmente, descrevemos os aposentos em que se desenrolou. Eram sete — uma seqüência real. Em todos os palácios, porém, os salões formam um comprido e reto alinhamento, as portas são simetricamente dispostas ao longo das paredes, de modo que a visão não encontra nenhum obstáculo. Aqui o caso mudava, como se podia esperar da predileção do príncipe pelo extravagante. Tão irregularmente dispostos estavam os quartos, que a vista não apanhava senão um de cada vez. De vinte em vinte metros, aproximadamente, havia um ângulo reto, em cada volta via-se um novo efeito. À direita e à esquerda, na parede, uma estreita e alongada janela gótica espiava para o corredor que acompanhava as sinuosidades do conjunto. Tais janelas eram de vidro colorido, variando a côr segundo a tonalidade dominante na decoração de cada aposento. O primeiro salão era azul — e azuis eram também os vitrais correspondentes. Toda em púrpura era a segunda câmara, e assim também seus ornamentos e tapeçarias. As armações da terceira janela eram verdes. Havia enfim um aposento alaranjado, outro claro, outro lilaz. O sétimo era totalmente guardado de cortinas de veludo negro, que desciam do teto, ao longo das paredes, até chegar aos tapetes, da mesma côr e tecido. Somente neste aposento, a tonalidade dos vitrais era diferente da de sua decoração: eram vermelhos, vermelhos como o sangue. Entre a profusão de adornos que jaziam aqui e acolá, ou pendiam do teto, nem uma só lâmpada ou candelabro se encontrava: não havia luz, com efeito, em nenhum dos aposentos. Contudo, nos corredores, opostas a cada janela, pesadas tripodes sustentavam tochas, que por sua vez projetavam seus raios através do vidro colorido,

iluminando fulgurantemente o quarto correspondente. Produziam-se assim miríades de aparições fantásticas e brilhantes. No aposento negro, porém, o efeito dos raios de luz sobre as cortinas escuras, passando pelos vidros vermelhos, era tão chocante, produzindo tais reflexos nos rostos dos que ali penetravam, que poucos eram os que possuíam coragem suficiente para sozinho transpor os seus limites. Era também nesse quarto que estava colocado, contra a parede do fundo, um grande relógio de ébano. Seu pêndulo agitava-se com um ruído pesado e monótono; e quando o ponteiro dos minutos realizava uma circunvolução completa, e a hora estava prestes a coar, dos pulmões de bronze emergia um som musical, vagaroso e profundo, tão característico e acentuado, que os músicos, na orquestra, eram obrigados a silenciar momentaneamente seus instrumentos, os dançarinos erravam o passo, e por um instante certo constrangimento surgia no meio de todo o alegre grupo, enquanto os mais excitados empalideciam, e os mais idosos e serenos meditavam, passando a mão pelas câs. Ao cessar o eco da última pancada, um breve sorriso percorria o recinto; os músicos entreolhavam-se, sorrindo do



próprio nervosismo, e sussurrando, uns para os outros, que a próxima hora não os assustaria tanto. Mas eis que decorridos sessenta minutos, trezentos e sessenta segundos de um tempo veloz, repetiam-se as badaladas, e com elas o mesmo arrelecimento e meditação anteriores.

A despeito de tudo, era um festim magnífico. O gosto do príncipe era especial. Possuía ele talento para côres e efeitos. Desprezava a vulgaridade. Seus planos eram arrojados e vivos, e desenvolvidos com brilho quase selvagem. Havia quem o considerasse louco. Seus companheiros sabiam que não. Mas era preciso ouvi-lo, vê-lo e até tocá-lo, para certificar-se disso. Fôra ele quem dirigira, em grande parte, a decoração das sete câmaras, para a festa. Por sua sugestão, guiavam-se os mascarados em seus trajes. E estavam seguramente impressio-

nantes: havia nêles cintilação e esplendor, fantasmagoria e lubricidade. Viam-se figuras com os membros desproporcionados, as fantasias delirantes lembravam pesadelos de loucos. Em uma palavra: havia muito de belo, muito de desenfreado, de bizarro, algo de terrível e não pouca coisa capaz inclusive de causar repugnância. Pelas salas perambulavam, verdadeiramente, uma multidão de espectros. Contorcendo-se, tomando a tonalidade dos aposentos por que passavam. A música incongruente da orquestra era como que o eco de seus passos. E ao soar a voz do relógio, tudo se calava, o silêncio sendo triturado pelas lentas badaladas. Congelaram-se os sonhos instantaneamente. Mas os ecos do carrilhão se dissolvem no espaço, enquanto uma breve risada acompanha a última pancada. Volta a música a tocar, revivem os sonhos, contorcem-se mais alegremente todos, iluminados pela luz que, proveniente das tripodes, atravessa os vitrais de vários matizes.

Para a câmara mais afastada, porém, já nenhum dos bailarinos ousa dirigir-se — pois a noite termina. E flui, pelos vitrais encarnados, uma luz mais densa. Empalidece a côr nos cortinados. E ao mais ousado que pise o tapete de veludo, chega desde o relógio um badalar também aveludado, e mais fortemente acentuado que outro qualquer jamais percebido por seus ouvidos, que certamente preferem os sons abafados das alegrias dos aposentos contíguos.

Mas tais salões estão abarrotados de gente, nêles palpita a febre da vida. A algazarra está no auge. Mas começam a soar as pancadas que anunciam a meia noite. De novo cala-se a música, interrompem-se as piruetas dos dançarinos. Tudo volta ao silêncio de uma hora atrás. Porém, agora são doze as badaladas, e o intervalo é maior para a meditação. Coisa apenas notada por alguns, há a presença, até então despercebida, de uma estranha figura mascarada. Espalha-se num sussurro a notícia, um cicio de desaprovção e de surpresa, logo transformado num grito de terror e de náusea, corre o recinto.

Numa tal assembléia, é claro que uma aparição vulgar não despertaria tamanha sensação. Não havia em verdade limites à fantasia dos mascarados. Mas a figura em questão era por demais medonha, e ultrapassava em muito a imaginação do príncipe. Há certas fibras, no coração dos mais atrevidos, que não podem ser tocadas, sem sangrar. Até mesmo para os totalmente desgraçados, para quem já nada significam a vida ou a morte, há pontos com os quais não se permitem gracejos. Todos sentiram profundamente que não havia, no traje do recém-chegado, nem espírito, nem oportunidade. O estranho era alto e magro, e de alto a baixo, envergava uma mortalha. A máscara que lhe ocultava o rosto tão perfeitamente imitada a expressão de rigidez de um cadáver, que a um primeiro exame poucos perceberiam o embuste. Tudo isso, porém, ainda seria suportável, e até aplaudido, pelos loucos participantes do festim, se não tivesse o forasteiro adotado em sua caracterização, o tipo da Morte Vermelha. Suas vestes eram salpicadas de sangue, e as largas sobranceiras e os sulcos de seu rosto, marchetados com o rubro estigma.

Quando os olhos do príncipe caíram sobre essa imagem, (a qual, em movimentos lentos e solenes, como que para melhor desempenhar o seu papel, caminhava de cá para lá) sua primeira reação foi um estremecimento, misto de terror e de desaprovção. Mas logo cerrou o cenho, com ódio:



— Quem ousa? — perguntou roucamente aos que o acompanhavam — quem ousa assim insultar-nos? Apanhai-o, e arrancai-lhe a máscara, para que possamos saber a quem faremos enforcar, amanhã de manhã.

Ao dizer tais palavras, o príncipe se precipitou, da câmara azul onde se encontrava, através de todos os aposentos. Seguiu-o uma multidão. Seus passos reboavam pesados e nítidos

de vez que era um homem robusto e valente. A música parou, a um aceno de suas mãos.

A primeira reação de todos, fôra precipitar-se na direção do intruso, que agora estava mais próximo, e que em majestosas passadas mais e mais se aproximava. Por um estranho respeito, contudo, que a aparição do desconhecido a todos havia inspirado, ninguém teve coragem de segurá-lo. Desimpedido, êle aproximou-se

até bem próximo do príncipe. E enquanto a assembléia desocupava o centro do salão e colava-se às paredes, num só impulso, prosseguiu caminhando, com o mesmo passo solene e medido que desde o início o caracterizara, do quarto azul para o púrpura, do púrpura para o verde, a seguir para o laranja, dêste para o branco, e chegando ao lilás, sem que nenhum mo-

(Cont. na pág. 48)

Modelos



QUATRO MODELOS ELEGANTES

para as nossas leitoras de bom-gosto, eis o que hoje apresentamos nestas páginas. Para o passeio matinal, para a tarde, para o coquetel e para as noites elegantes, aí estão quatro criações de LAURITZEN BERN, em cores belas e discretas.





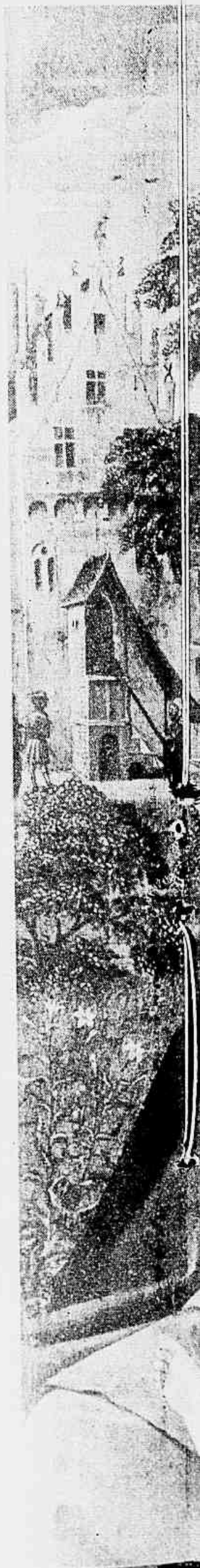
EL GRECO — O Cristo carregando a Cruz

A evo

● Do anônimo M
Gromaire e Cândio
kopoulos, a quem
mente. Da ingenu
dêse estão iser los
entre si: um, pal
cujo mais alto cu
na linha expressi
do "Retábulo de

● Em tôdas esca
velmente: o fura
despeito de um

MESTRI

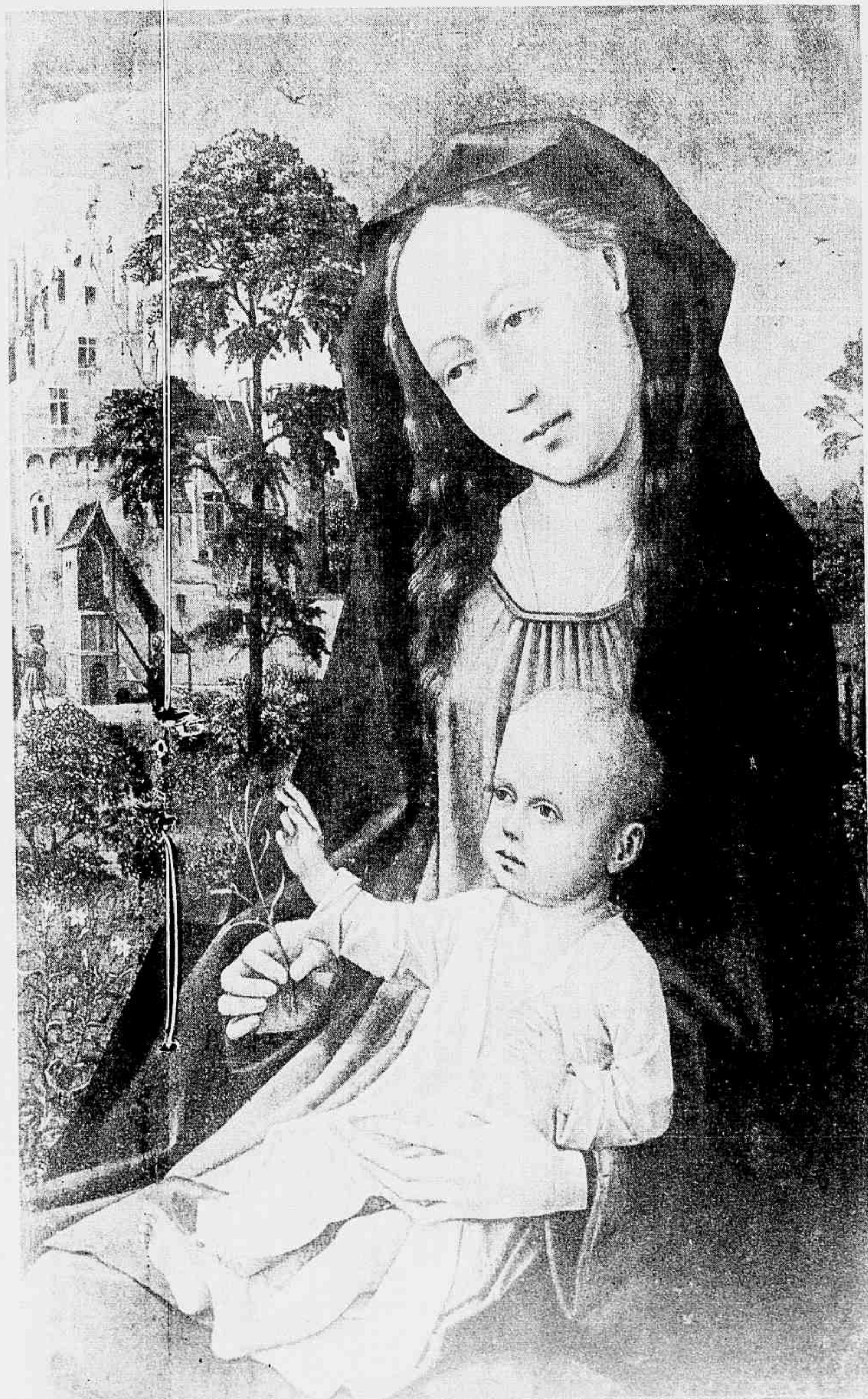


A evolução da arte sacra

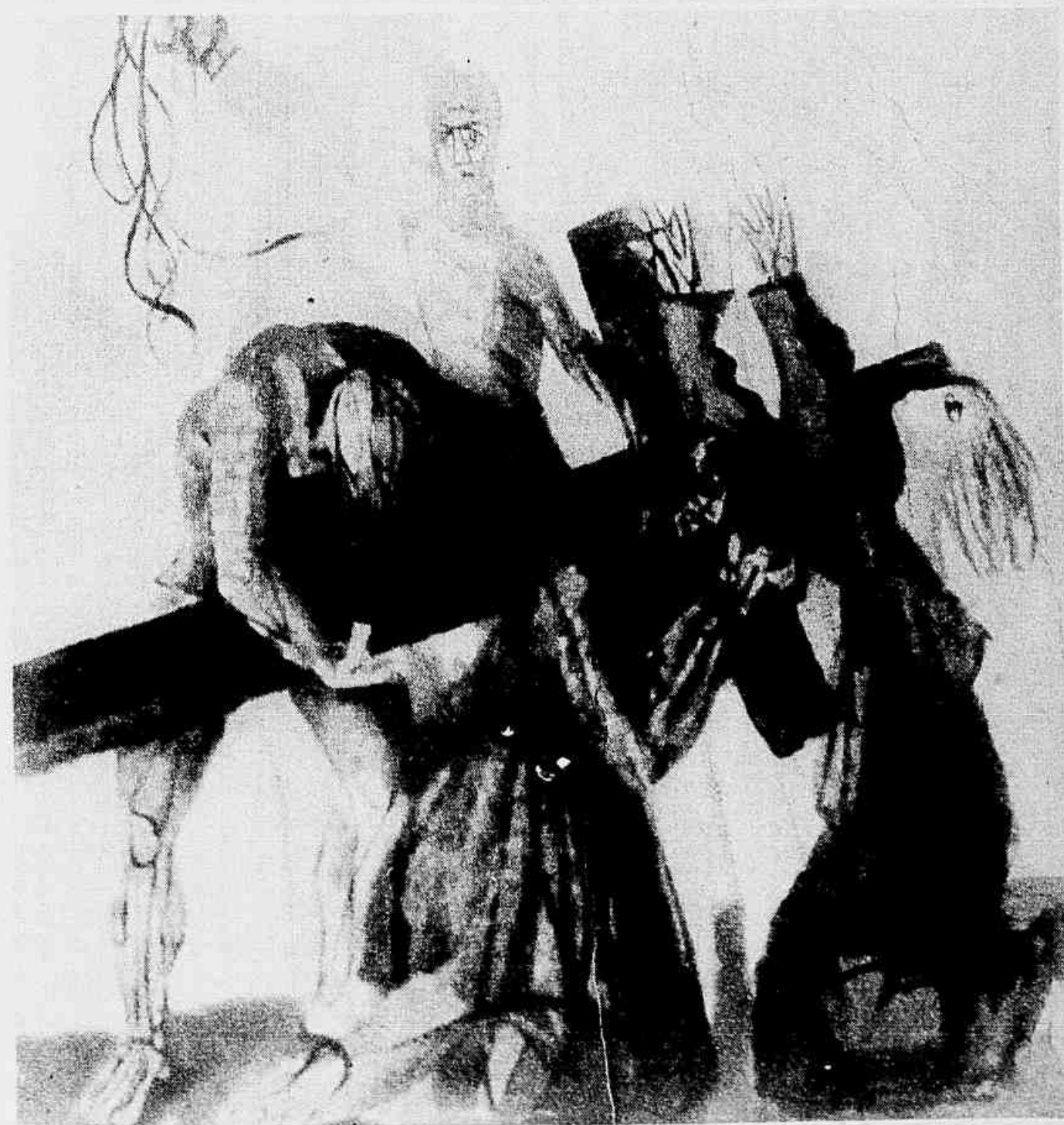
● Do anônimo Mestre da Lenda de Santa Madalena aos contemporâneos Marcel Gromaire e Cândido Portinari, passando por êsse inigualável Domenikos Théotokopoulos, a quem os toledanos alcunharam El Greco, a arte sacra evoluiu enormemente. Da ingenuidade do pintor renano, já nada resta em El Greco; do misticismo dêsse estão isentos Gromaire e Portinari, os quais, por sua vez, diferem bastante entre si: um, patético, continuando, com sua "Pietà", aquela tradição francesa cujo mais alto cume é a "Piedade" de Avignon; o outro, trágico, prosseguindo na linha expressionista, cujo mais recuado precursor talvez seja o Grünewald do "Retábulo de Isenheim".

● Em tôdas essas manifestações artísticas, porém, uma coisa não diferiu sensivelmente: o fundo religioso do pintor, mantido intacto através dos séculos, a despeito de uma contenção maior naturalmente exigida da época atual.

MESTRE DA LENDA DE SANTA MADALENA — A Virgem com o Ramo



MARCEL GROMAIRE — Pietà



CÂNDIDO PORTINARI — Cruz às Costas

FÁTIMA. Revelação dos Irmãos Pastores

Por MÁRIO SALGUEIRO (CAPÍTULO XXVI) Desenho de RAMÓN

(Exclusividade no Brasil para a REVISTA DA SEMANA. Reprodução interdita no todo ou em parte)

EM 1942, o Santo Padre consagrou o mundo ao Imaculado Coração de Maria, em Roma, na presença de 40.000 pessoas. A Irmã Dorcas presenciava estas cerimônias com a maior alegria, agora que os seus temores haviam sido postos de lado. Lembra-se também da profecia de Jacinta, 25 anos antes: «O Santo Padre numa Igreja estava diante do Imaculado Coração de Maria, rezando, e muita gente rezando com ele». Isto a alegrava muito e pensava também que o desejo de Nossa Senhora parecia estar se realizando, embora o Santo Padre não se houvesse referido à Rússia, teve ele as seguintes palavras: «povos separados de nós pelo erro e pela cisma, especialmente aquele que Vos dedica especial devoção, aquele em que não há miserável choupana que não serve a imagem venerável, talvez hoje escondida, mas que será mostrada em melhores dias».

AS MEMÓRIAS DE LÚCIA

A Irmã Dorcas escreveu as suas memórias a pedido de Dom José, para que se tivesse uma fiel narração dos extraordinários acontecimentos ocorridos em Fátima em 1917.

Escreveu ela com caligrafia regular, em caderno pautado comum. Seus escritos não apresentam erros nem os cadernos exibem rasuras. Nem sequer por um momento a Irmã descuidou-se da gramática e pontuação. O primeiro relatório, escrito por ela em 1936, contém uma pequena poesia em memória de Jacinta, calcada nos moldes líricos de Santa Teresa e que aqui reproduzimos:

Oh! tu, que na Terra,
Passaste voando,
Jacinta querida,
Numa dor intensa,
Jesus amando,



Não esqueças a prece
Que eu te pedia
Sê minha amiga,
Junto do trono
Da Virgem Maria.

Lírio de candura,
Pérola brilhante,
Oh! lá no Céu,
Onde vives triunfante,
Serafim d'amor,
Com teu irmãozinho,
Roga por mim,
Aos pés do Senhor!

Terminada esta Memória pedindo ao Bispo, que se publicasse o que ela havia escrito, não fizesse referência à sua «pobre e miserável pessoa». Disse também que se o caderno fôsse queimado sem que o Bispo o lesse, para ela seria um prazer, porque escrevera apenas por obediência.

Na segunda Memória, de 1937, a Irmã referiu-se por acaso ao Anjo da Paz. Isto causou espanto e muitos disseram que ela iria curtir muitas penas no Purgatório, por haver, por tanto tempo, ocultado um fato tão importante. A estas acusações, respondeu ela:

«Não tenho o mínimo medo do Purgatório nesse ponto. Sempre agi sob a obediência e não há castigo para a obediência».

O aparecimento da estranha luz no dia 25 de janeiro de 1938, foi relatado pela Irmã Dolores, na sua terceira Memória, escrita em agosto de 1941. Na mesma ocasião fez novos relatórios sobre Jacinta.

Mais tarde, em dezembro do mesmo ano, continuou fazendo relatórios das Aparições e, por vêzes, apontou erros que encontrou nos mais conhecidos livros sobre os relatos dos extraordinários acontecimentos ocorridos em Fátima.

13 DE MAIO DE 1946

Somente nesta data, permitiram a Lúcia voltar ao local em que a Virgem lhe havia falado. Decorriam já 25 anos desde que se dera a primeira Aparição. Esta peregrinação foi uma das mais concorridas, uma vez que grande número de peregrinos de todo o Portugal ali se reuniu, para dar graças à Mãe de Deus, por seu país haver saído da guerra sem sofrer os horrores que atingiram a outras regiões européias.

Por ocasião desta peregrinação a Fátima, os fiéis que ali se encontravam, tiveram a alegria de ver as magníficas solenidades que se desenrolaram, encerradas com estas palavras, a eles dirigidas pelo Santo Padre, diretamente de Roma:

«A enorme concorrência, o fervor de vossas orações, o eco de vossas aclamações, todo esse entusiasmo santo que sem cessar vibra em vossos corações e finalmente esta cerimônia que se realiza neste momento de triunfo incomparável, traz-nos à mente outra multidão incomparavelmente maior, outros protestos de veneração muito mais ardentes, outros triunfos ainda mais divinos, outro momento solene e eterno, esse dia em declínio em que a gloriosa Virgem entou nas mansões celestes por entre os nove coros de Anjos, elevou-se até ao trono da Santíssima Trindade coroada com o tríplice diadema de glória, foi apresentada à corte celeste ao lado do Rei dos Séculos e coroada Rainha do Universo. O Rei viu que era verdadeiramente digna de tais honras, glória e império, porque mais cheia de graça, mais bela, mais divina — incomparavelmente maior que os maiores santos e mais sublime que os Anjos. Porque Ela é a Primogênita do Pai, a Mãe puríssima do Verbo, a Espôsa amada do Espírito Santo. Porque é a Mãe do Divino Rei, Daquela a quem o Senhor Deus deu, por intermédio Dela, o trono de Davi e o Reinado eterno sobre a Casa

de Jacó. Aquêles mesmo que proclamou ter recebido todo o poder no Céu e na Terra — Ele, o Filho de Deus, confere a Sua Mãe Celestial toda glória, todo poder, toda a majestade do Seu Reinado».

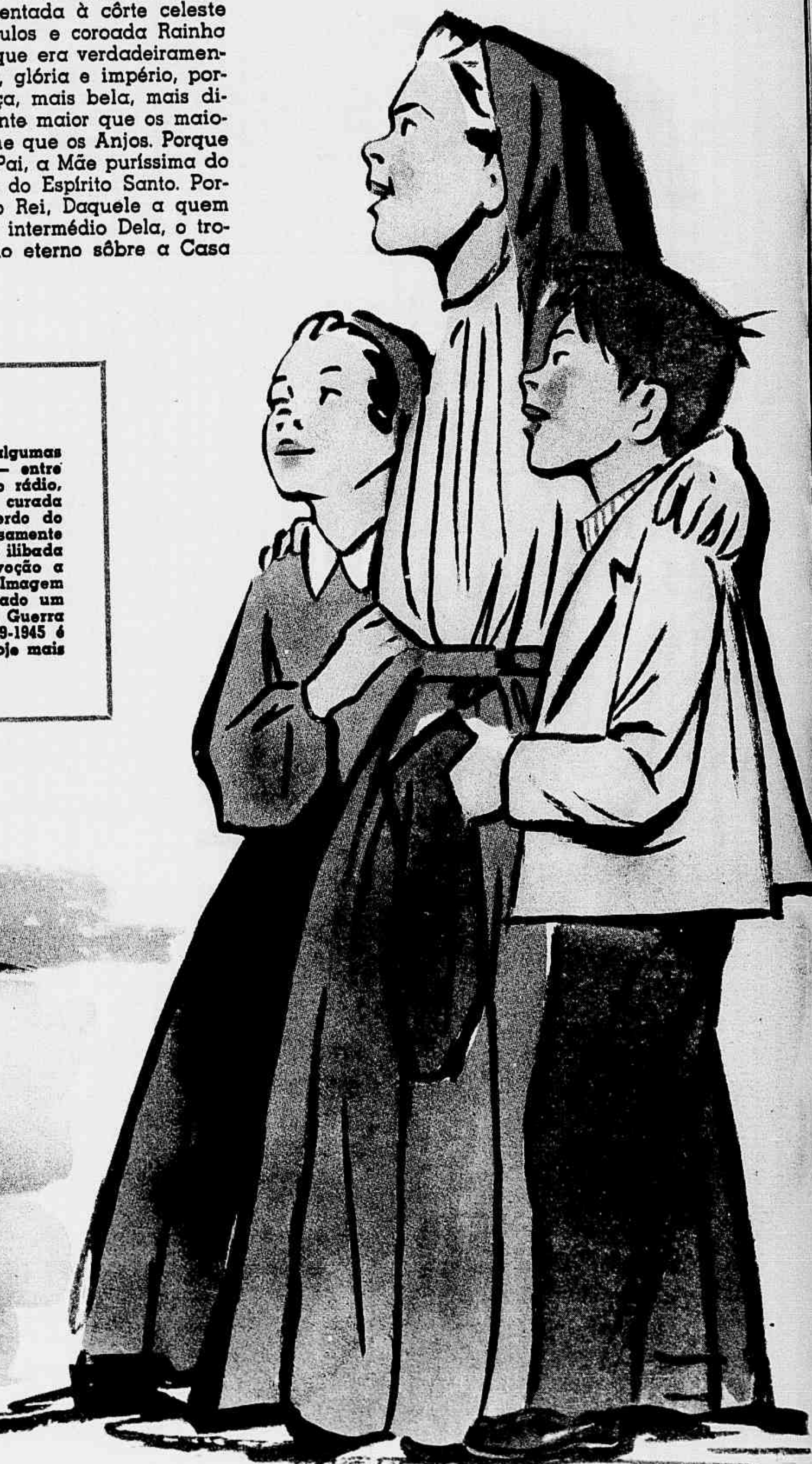
«A Igreja saúda, pois, a Senhora e Rainha dos Anjos e dos Santos, dos Patriarcas e Profetas, dos Apóstolos e Mártires, dos Confessores e das Virgens. Proclama-A a Rainha do Céu e da Terra, a mais gloriosa, a mais digna Rainha do Universo — a luz que brilha no firmamento, por entre as lágrimas do exílio!»

«Com a coroação da Senhora de Fátima assinais um protesto de reconhecimento de sua supremacia, de sua missão leal à sua autoridade, uma constante e filial correspondência ao seu amor. Fizestes mais ainda. Como cruzados, vos alistastes na conquista e reconquista do seu Reinado, que é o próprio Reinado de Deus, isto é, protestastes, comprometestes-vos diante do Céu e da Terra de amá-La, venerá-La, servi-La, imitá-La, para melhor servirdes ao Divino Rei sob as suas bênçãos maternais. E ao mesmo tempo vos comprometeis a fazer com que Ela seja amada, servida em torno de vós, na família, na sociedade e no mundo».

(Cont. na página 48)

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Em seu livro «Os Milagres de Fátima», Apio Garcia coligiu algumas dezenas de casos milagrosos, obtidos pela intervenção da Virgem — entre eles, o de Dona Ana Moreira dos Santos Azevedo, que ouvindo pelo rádio, em 1940, a transmissão da peregrinação a Fátima, viu-se totalmente curada de uma paralisia que a impedia de movimentar todo o lado esquerdo do corpo. Também a Sra. Etelvina da Conceição Barroso curou-se milagrosamente de uma gastralgia, o fato tendo sido atestado por diversos médicos de ilibada reputação. Por outro lado, aumentava (e aumenta) dia a dia a devoção a Fátima, em Portugal e também no Brasil, com a recente visita da Imagem de Nossa Senhora de Fátima ao país. É pelos portugueses considerado um especial dom de Nossa Senhora o ter preservado Portugal da terrível Guerra Civil que assolou a Espanha, em 1936. Por sua vez, a Guerra de 1949-1945 é considerada como um castigo aos pecados dos homens, esquecidos, hoje mais do que nunca, de sua origem divina.



CONVERSA DE MULHER



SUGESTÃO PARA O LAR

● Já temos nos referido muitas vezes à importância da “cana da Índia” na decoração moderna. Presta-se à confecção de móveis leves, práticos, fáceis de serem limpos, principalmente quando completados por almofadas e estofamentos em tecidos sintéticos ou plásticos.

● A fotografia de hoje mostra-nos uma mobília de almoço em cana da Índia laqueada de creme. A mesa tem o tampo de vidro. As almofadas das cadeiras em azul-marinho. Tanto o feitio quanto o colorido do conjunto combinam com as tonalidades claras das habitações modernas.

Notinhas Úteis

O PÓ DOS TAPÊTES pode ser tirado com um processo muito simples: espalha-se por cima uma porção de pedacinhos de papel molhado. Depois, com uma vassoura varre-se o papel em todos os sentidos, e, finalmente, para fora do tapete. O pó sairá, aderido ao papel úmido.

SE CAIU IODO na toalha de mesa ou no vestido, não se preocupe. As manchas de iodo saem com facilidade se forem limpas imediatamente com álcool puro. O álcool dissolve muito bem o iodo.

NÃO RECOLHA CACOS de vidro com as mãos nuas pois muito provavelmente acabará por cortar-se. Use para isso um pedaço de pano ou de estopa umedecido. Não haverá perigo de ferir-se e conseguirá recolher até os menores pedacinhos de estilhaços.

NÃO PINTE EM CÔRES diferentes as paredes de um aposento pequeno — ainda que isso seja considerado muito moderno. Dará im-



pressão de menor ainda. Paredes em tonalidades diversas ou em cores contrastantes (mesmo em duas ou três cores) só se admitem em aposentos amplos.

AS MANCHAS DE FRUTAS (tão difíceis de sair das toalhas e guardanapos!) podem ser tiradas assim: estenda a parte manchada sobre uma bacia esprema sobre a mancha o suco de um limão: depois derrame por cima água fervendo. Quanto mais cedo se procura tirar a mancha maior probabilidade se terá de que saia inteiramente.

Os homens... e o lar

● É sabido que o brasileiro em particular (e o homem de cultura latina em geral) manifesta uma suprema nulidade quando se trata de prestar algum serviço em sua própria casa. A esse propósito, recorda-se uma interessante sátira do escritor inglês Jerome K. Jerome que, num seu livro, descreve o que sucedeu numa família quando o dono da casa resolveu dependurar um quadro na parede: esta última resultou cheia de buracos; os dedos do carpinteiro improvisado ficaram feridos pelo martelo, e o mesmo aconteceu com os pés do velho tio que foi ajudar a segurar a escada... Isso e coisas semelhantes acontecem sempre que o marido resolve colaborar em casa. Acaba-se por chamar um profissional e as despesas são ainda maiores.

No entanto, pregar um quadro na parede, recolocar um azulejo que se desprende, trocar um vidro quebrado de janela, concertar uma torneira que não funciona, deveriam ser tarefas tão fáceis para os homens quanto pregar um botão ou remendar uma meia para as mulheres. Há um outro aspecto. Se, muitas vezes, a mulher moderna se prontifica a trabalhar para equilibrar o orçamento doméstico, seria lógico que o homem moderno também executasse dentro do lar essas tarefas tipicamente masculinas, com o fim de não aumentar muito as despesas caseiras.

Não vamos chegar ao exagêro dos norte-americanos querendo que os homens lavem os pratos, cozinhem, cuidem das crianças. Mas, prestar a sua contribuição para a boa ordem e manutenção do lar não parece ser uma ameaça à autoridade masculina. Bem ao contrário.

Se os homens são uma negação no campo da economia doméstica, de quem é, porém, a culpa? Das próprias mulheres. Das mães que não sabem despertar nos meninos o gosto pelos trabalhos manuais dentro da casa, dando-lhes livros e brinquedos que ensinem e estimulem nesse setor, exigindo a sua colaboração nas oportunidades que se apresentem. Desenvolver esses predicados numa criança é fazer dela um homem muito mais precioso dentro dessa organização incomparável que é o lar.

BELEZA

LÁBIOS

UM SORRISO bonito sempre foi requisito indispensável de beleza. Os poetas de todos os tempos cantaram e cantam os dentes alvos e... os lábios «aveludados como pétalas de rosas», «rubros como cerejas», e outras figuras igualmente sugestivas. Também pelos lábios se conhece o caráter de uma pessoa: alegria, sinceridade, doçura, simpatia. Por isso, pense sempre em coisas boas e alegres se quer suavizar as linhas de seus lábios.

● PINTURA

Hoje em dia não se usa o batão apenas para acentuar o colorido dos lábios, mas também para corrigir-lhes a forma, quando necessário. Eis alguns «truques»:

★ Se tem os lábios demasiadamente finos passe o batão «fora da sua linha natural», para aumentá-los. Se são muito curtos aumente-os «para os lados».

★ Os lábios muito grossos podem ser disfarçados passando-se o batão por dentro da sua linha de contorno. Quando a boca é muito larga não se faz chegar o batão até os cantos laterais.

★ Se tem o nariz muito grande, acentui um pouco mais a espessura do lábio inferior.

★ Quando os lábios precisam de muitos retoques, além ou aquém da linha natural, é preferível delinear-los com um batão escuro. Depois pode-se usar por cima um batão mais claro para suavizar o colorido, se desejar.

★ Há muita diferença entre lábios brilhantes e lábios gordurosos. Evite esse último efeito usando papel absorvente para eliminar o excesso de gordura do batão. Depois de aplicar o batão, também se usa passar o pó, e em seguida



umedecer os lábios com a língua, para que fiquem com aspecto brilhante, mas não gorduroso.

● EXERCÍCIOS

Existem alguns exercícios para a beleza dos lábios:

★ Umideça os lábios. Relaxe as bochechas e junte o lábio superior e inferior delicadamente, de forma a apenas se tocarem. Sopre, em soprinhos curtos, por entre os lábios, sem apertá-los.

★ Ponha a cabeça o mais para trás que puder. Prepare os lábios como para assobiar com força. Deixe passar pelos mesmos o ar dos pulmões. Relaxe. Repita.

★ Ponha dois pedaços de goma de mascar na boca e masque fortemente, por dez minutos.

★ Faça com os lábios um «O» pequenino. Depois aumente para um «O» grande, o maior que puder. A seguir vá diminuindo para o «O» pequenino. Repita.

★ Quando escovar os dentes não se esqueça de massagear as gengivas com a escova. Também o uso de um dentífrico líquido, com frequência, além de tornar o hálito agradável, contribui para deixar os lábios frescos.



● Quando as crianças voltam da escola gostam de encontrar a biscoiteira bem sortida. Para lá se dirigem imediatamente, à procura de uma gulodice que torne mais fácil esperar pela hora do almoço ou do jantar. Prepare a receita de hoje. Temperados com noz moscada, esses biscoitos têm um sabor todo especial. De preferência compre a noz moscada inteira e rale na hora de utilizá-la, pois, assim, o sabor se conserva mais acentuado.

★

1 — Bata 1 xícara de manteiga com 2 xícaras de açúcar mascavo, até obter uma massa cremosa. Junte 4 ovos, um a um, batendo sempre. 2 — Peneire juntos: 4 xícaras de farinha de trigo; 1 colherinha de bicarbonato; 1 e meia colher das de chá de noz moscada ralada; uma pitadinha de sal. Junte esses ingredientes alternadamente com 1/4 de xícara de leite. 3 — Acrescente passas sem caroços, nozes picadas ou tâmaras picadas. 4 — Pingue os biscoitos, com uma colher das de sobremesa, em assadeiras untadas. Enfeite cada biscoito com uma passa inteira sem caroço, como se vê na ilustração. Asse em forno moderado, de 12 a 15 minutos.

A receita foi calculada para 5 dúzias de biscoitos, não muito pequenos.

WEEK-END NA COZINHA

O SEGURO DE VIDA EM GRUPO

constitui-se em expressão perfeita

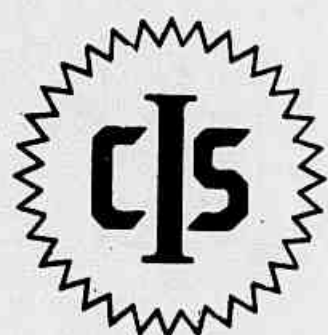
e verdadeira do brocardo

“UM POR TODOS, TODOS POR UM”

Sim, porque pela conjugação de esforços dos próprios interessados torna-se possível a proteção de cada um. Representa, assim, uma iniciativa particular de cunho eminentemente social e, além disso, é realizado em empresas seguradoras privadas, possuidoras de amplos e sólidos meios de garantia para o cumprimento das suas obrigações.

As principais características do Seguro de Vida em Grupo são :

- a) Não há exame médico de qualquer natureza.
- b) Não há prazo de carência.
- c) O prêmio deste seguro é calculado pela idade média ponderada do grupo segurado.
- d) Pagamento mensal descontado em folha.
- e) Indicação dos beneficiários pelo Segurado.



STUDIO ETZ

COMPANHIA INTERNACIONAL DE SEGUROS

CAPITAL E RESERVAS MAIS DE CR\$ 135.000.000,00



DIRETORIA

CELSO DA ROCHA MIRANDA
JORGE EDUARDO GUINLE
ANGELO MARIO CERNE
KARL BLINDHUBER

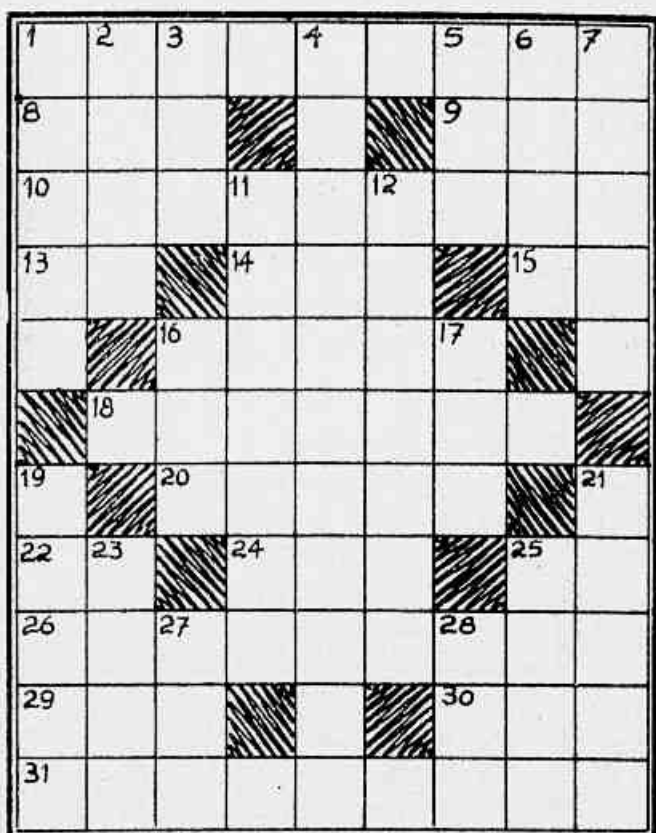
SEGUROS DE VIDA - VIDA EM GRUPO - INCÊNDIO - LUCROS
CESSANTES - TRANSP. NACIONAIS E INTERNACIONAIS -
ACIDENTES PESSOAIS - AUTOMÓVEIS - RESPONSABILIDADE
CIVIL - ROUBO - VIDROS - ACIDENTES DO TRABALHO

RUA 7 DE SETEMBRO, 94 • END. TEL. COMPINTER • TEL. 32-4270
SUCURSAIS e AGÊNCIAS EM TODO O BRASIL

Palavras Cruzadas

PROBLEMA Nº 76

PARA VETERANOS



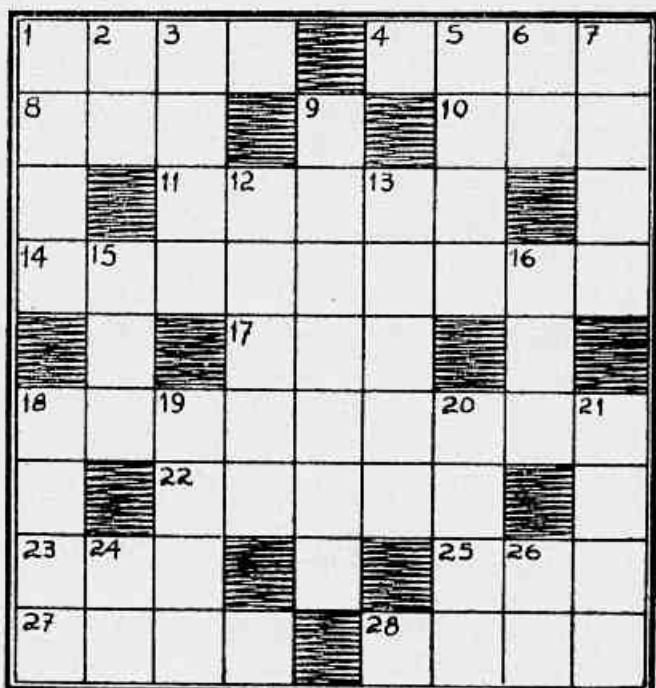
Oliver - Rio

HORIZONTAIS: — 1. O maior de todos — 8. Cincho — 9. Interjeição para mandar que se descubra — 10. Borboletas — 13. Outra coisa — 14. Abr. comercial que significa «custo, seguro e frete» — 15. Título honorífico na China — 16. Abrandar — 18. Gracejo — 20. Macaco — 22. Andar — 24. Vizinhança — 25. Deserto — 26. Tornar desengraçado — 29. Função pública e solene — 30. Palavra bérbere que significa filho — 31. Fenda.

VERTICAIS: — 1. Embriagar-se — 2. Terra nova e lavrada de fresco — 3. Arrebique — 4. Massame de linha com anzóis das jangadas — 5. Gênero de insetos coleópteros — 6. Verdadeiro — 7. Ousadia — 11. Espécie de cochonilha —

12. Conforme as ordens legais — 16. Bens de fortuna — 17. Nome da 17ª letra do alfabeto grego — 19. Sustentar combate moral — 21. Poda — 23. Imparcial — 25. Caber em sorte — 27. Sinal de pedido de cocorro — 28. Piolho.

PARA NOVATOS



Oliver - Rio

HORIZONTAIS: — 1. Remar para trás — 4. Estado do Brasil — 8. Rio da Suíça — 10. Zombar — 11. Gostara — 14. Natural de Melanésia — 17. Semelhante — 18. Adornaram; fizeram recamo — 22. Tolo, pateta — 23. Forma apocopa-da de muito — 25. Criminoso — 27. Negro tenebroso — 28. Concedeis.

VERTICAIS: — 1. Irmão e assassino de Abel — 2. Seguir — 3. Terra arroteada e própria para cultura — 5. Lavras — 6. Sorri — 7. O mesmo que aro (planta) — 9. Roubaheira em empresa ou repar-

tação pública (pl.) — 12. Assassina — 13. O mesmo que ralar — 15. Pronome pessoal, 3ª pessoa, masculino, singular — 16. Raiva — 18. Verso — 19. Tombar — 20. Extraordinária — 21. Perversos — 24. Antiga nota musical — 26. Interjeição de chamamento.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 75

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: aru — roletas — Isa — csi — saa — lauda — pres-supor — sacar — shó — olo — ata — seladas — ará.

VERTICAIS: ali — ressuscitar — uta — rês — soa — capas — ileso — sapro — átrio — asa — dua — has — lãs — ala — Ada.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: casar — adoecer — AM — sia — em — mel — ali — ária — dava — ris — mor — oc — tal — Sa — adorava — amora.

VERTICAIS:



Em primeiro plano as graciosas irmãs Thais e Yoni Bellini.

NO TEATRO SANTA ISABEL, DE RECIFE

O CORPO DE "BALLET" DO MUNICIPAL



Vera Braga, num flagrante colhido no interior do avião do Lóide.

COM destino a Recife, partiu recentemente desta cidade, viajando num dos possantes e confortáveis bi-motores do Lóide Aéreo, o famoso e aplaudido corpo de «ballet» do Teatro Municipal. Na Veneza brasileira os representantes da dança clássica no Brasil farão a sua estréia no Teatro Santa Isabel, sendo que, após alguns dias de permanência em Recife seguirão para o Estado de Alagoas e, posteriormente, para Aracaju.

● Seria injusto aqui não frizarmos o quanto há de significativo nessa louvável iniciativa, que vem contribuir para a maior difusão da arte do bailado clássico na nossa terra. No aeroporto Santos Dumont foi o embarque dos caravaneiros da arte do «ballet» muito concorrido, constatando-se a presença de jornalistas, representantes do mundo artístico nacional, inclusive cinegrafistas, fotógrafos, etc.

Dentre as figuras femininas de relêvo que fazem parte da «tour-née» sensacional de bailarinos, que ora excursiona, podemos destacar os nomes de Thais Bellini e Vera Braga.

● Outros elementos de reconhecido valor artístico, que participam do corpo de «ballet» do Municipal contribuirão certamente para o maior brilhantismo das apresentações a serem efetuadas. Abaixo damos uma relação dos nomes que conseguimos anotar: Glória Coelho Rodrigues, Cecília Wainstok, Rojan Cavini, Shirley Menezes, Wanda Garcia, Eleonora Bitencourt Oliosí, Diclêa Ferreira, Ruth Pereira Lima, Tatiana Helena Leskoff, Dirce Rabelo Garro, Arlete Saraiva, Tamará Capeller (a espiritual...), Helba Nogueira Barbosa, Estella Reigas, Yoni Bellini, John Frank e Denis.

● Após a apresentação nos Estados mencionados acima, os bailarinos do Municipal regressarão a esta capital, viajando novamente em avião especial do Lóide Aéreo.



Bailarinas do Municipal, momentos antes da viagem para Recife. Em baixo: Aspecto do concorrido embarque no aeroporto Santos Dumont.



"NUNCA TIVE A SENSACÃO DA VITÓRIA"

ROSALINA COELHO LISBOA FALA SOBRE O SUCESSO DA EDIÇÃO FRANCESA DE "A SEARA DE CAIM" (ESGOTADO EM QUINZE DIAS) — AS CONFIDÊNCIAS DA ESCRITORA — O FATO QUE MAIS A IMPRESSIONOU: O SUICÍDIO DE VARGAS — A MAIOR FIGURA DO SÉCULO XX: MAHATMA GANDHI.

Texto de FRANCISCO DE ASSIS BARBOSA

Fotos de J. NEVES



- Ping — Onde nasceu?
- Pong — No Rio de Janeiro, mas como se tivesse nascido no Nordeste.
- Ping — Com que idade publicou o primeiro artigo?
- Pong — Aos 18 anos. Assunto: taxa da importação do café no porto de Trieste.
- Ping — E a primeira poesia?
- Pong — Aos 13, mais ou menos. Chamava-se «A mágoa de Seringhapatan».
- Ping — Qual a sua primeira admiração literária?
- Pong — De todos, todos foi Homero.
- Ping — E agora?
- Pong — Tantos! Não admiro inteligências. Admiro a inteligência.
- Ping — Está satisfeita por ter nascido mulher?
- Pong — Nunca ocorreu a mim semelhante indagação.
- Ping — Acha que a mulher tem no Brasil a situação que merece?
- Pong — Que merece talvez, mas não a que devia merecer.
- Ping — Na sua opinião, qual a maior figura de mulher do nosso passado?
- Pong — Anita Garibaldi.
- Ping — Tem algum «hobby»?
- Pong — Sou rádio-amadora.
- Ping — Que sensação teve ao saber que a primeira edição francesa de «A Seara de Caim» se esgotara em apenas 15 dias?
- Pong — Surpresa e alegria. Não me considero autor desse livro. Fui antes o repórter de um grande assunto. Fiquei contente de que essa mensagem do Brasil fôsse bem acolhida no estrangeiro.
- Ping — Acredita na projeção universal da literatura brasileira?
- Pong — De vários de seus escritores, sim.
- Ping — Como o governo pode ajudar a propaganda do Brasil no exterior?
- Pong — Não mandando os mediocres para o estrangeiro. Em suma, sabendo escolher melhor os seus representantes.
- Ping — Gosta de cinema?
- Pong — Às vezes.
- Ping — E de teatro?
- Pong — Muito.

★

«Foi de surpresa a emoção que senti com o sucesso da edição francesa de meu livro» — disse a escritora.



● O romance de Rosalina Coelho Lisboa sobre as revoluções brasileiras acaba de ser publicado em francês, com um prefácio de André Maurois. No maior dos elogios que um escritor poderia pretender, o autor de «La Vie de Shelley» compara-o ao «Guerra e Pax», de Leon Tolstoi. Lançado na famosa Coleção «Feux Croisés», da Livraria Plon, que reúne os grandes nomes da literatura universal, «L'es Moisson de Caim» (é este o título em francês de «A Seara de Caim») teve a sua primeira edição esgotada em apenas quinze dias. Tudo indica, portanto, que a enorme repercussão alcançada no Brasil (José Olympio já tirou quatro edições em menos de dois anos e agora prepara o lançamento da quinta edição) vai se repetir na França, constituindo-se esse livro um dos maiores «best sellers» dos últimos tempos. Rosalina Coelho Lisboa não poderia faltar a essa série de diálogos do «Ping-Pong». Não só pelo êxito do seu romance — êxito nacional e internacional — mas pela sua própria personalidade, que é sem dúvida das mais fascinantes entre as grandes figuras da atualidade brasileira. Poetisa e romancista, conferencista e diplomata, ela pode ainda apresentar entre os seus múltiplos títulos o de jornalista, e com a circunstância, evidentemente simpática para esta casa: foi na REVISTA DA SEMANA um dos primeiros órgãos de imprensa que acolheram a Rosalina Coelho Lisboa no começo da sua bela carreira.

Ping — Quais os atores (e atrizes) de sua predileção?

Pong — Não posso responder. O ator sempre se perde na personagem que encarna e esta se torna mais importante do que ele. O grande ator é o que sobrevive através dos papéis que representa.

Ping — E' feliz?

Pong — Sim, dentro da minha concepção de felicidade: harmonia entre a consciência e a maneira pela qual praticamos os nossos atos. Minha felicidade não é contínua, mas existe.

Ping — Acha que o dinheiro traz a felicidade?

Pong — Que traz, não. Mas ajuda a ser feliz. Se mais não fôsse, pela possibilidade que nos dá de fazer o bem. Acho, no entanto, que a sorte abusa da boa fé de certas criaturas quando lhes dá fortuna sem a consciência da responsabilidade terrível de ser rico.

Ping — A que atribui a sua vitória?

Pong — Nunca tive a sensação da vitória. Atribuo o bom êxito de alguns dos meus livros não a mim, mas ao assunto. O escritor é sempre dominado por uma mensagem misteriosa, que afinal de contas não lhe pertence. Logo, a vitória não é do escritor. Além disso, jamais tive a preocupação de competir com quem quer que fôsse.

Ping — Acredita em Deus?

Pong — Positivamente. Sou espírita.

Ping — E na magia negra?

Pong — Acredito que existe. Mas acredito que a magia branca é mais poderosa.

Ping — Tem superstições?

Pong — Teria tendências, mas não me dei ao trabalho de cultivá-las.

Ping — Quais os seus escritores preferidos?

Pong — Uma legião. Seria preciso um almanaque para enumerar a todos. E' tão bom admirar.

Ping — Gostaria de ser deputado, senador ou ministro de Estado?

Pong — Não.

Ping — Qual o posto que mais ambicionaria ter conquistado?

Pong — Um posto inexistente, com poder absoluto para defender e ajudar os que necessitam de defesa e ajuda.

Ping — Influí nas decisões de seu marido?

Pong — Não.

Ping — Ele é seu fã?

Pong — Espero que sim. Aliás foi ele quem me fez escrever «A Seara de Caim». Eu andava muito preguiçosa. Havia dez anos que não publicava livros.

Ping — Qual a maior figura do Século XX?

Pong — Mahatma Gandhi.

Ping — Qual o fato que mais a impressionou em toda a sua vida?

Pong — O suicídio de Getúlio Vargas.

Ping — Por que?

Pong — Porque considero esse suicídio uma desvair da afirmação de vida.

Ping — Tem algum projeto a realizar?

Pong — Já tenho em preparo o segundo volume de «A Seara de Caim». Ainda não escolhi o sub-título, mas posso informar que a ação decorre a partir de 1930 até os dias de hoje.

Ping — E' má inimiga?

Pong — Sempre tive inimigos. Nunca fui inimiga. No dia em que um ser humano me arrastasse à debilidade de odiá-lo, eu me sentiria humilhada e vencida. Os inimigos são-nos profundamente úteis. Fazem-nos uma propaganda indireta. São como grandes holofotes que se projetam sobre nós, revelando-nos aos outros, sem que tenhamos sequer o trabalho de dizer «muito obrigado».

Ping — Como desejaria morrer?

Pong — Não morrendo.



«Tenho muitos inimigos mas não sou inimiga de ninguém»

LOTEAMENTO CIDADE BEIRA-MAR

BARRA DE SÃO JOÃO,
NOVAS PLANTAS DO MELHOR NEGÓCIO DO
MOMENTO

CR\$
70,00
MENSALIS

2º DIST. DO MUNICÍPIO DE
CASIMIRO DE ABREU
ESTADO DO RIO DE JANEIRO
REGIS. NO DEC. 58 SOB. Nº 1-FOLHAS
144 NO CART. DO 2º OFÍCIO DE
CASIMIRO DE ABREU



VENDAS E INFORMAÇÕES
CONCESSIONÁRIA

C.-B.-M.
COMPANHIA BRASILEIRA DE MELHORAMENTOS

RUA ARAÚJO PORTO ALEGRE, 56 — sobreloja 2
Esq. Av. Graça Aranha — Tel.: 32-9933
(Esplanada do Castelo)
EXPEDIENTE: das 9 às 18 horas
SABADOS — DOMINGOS — das 9 às 12 horas

SITUADO NA MAIS LINDA
PRAIA DO ATLÂNTICO
CAÇA — PESCA — MATAS —
ESPORTES — VERANEIO, ETC.



SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 23 E 29 DE JULHO DE 1955.
(HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo de:

- ★ **CARNEIRO** (21/9 — 20/10) — Possivelmente o leitor será envolvido num caso de apaziguamento. Se for possível fuja à missão, pois, com o propósito de promover a paz entre amigos desavindos, nada mais fará do que chamar para si mesmo ódios e prevenções alheios.
- ★ **TOURO** (21/10 — 20/11) — A semana será no seu caso, uma verdadeira primavera pelo despertar de novas energias, de forças ascendentes que o farão vibrar. Sua vida profissional, assim como as atividades sentimentais, estará em boa forma.
- ★ **GÊMEOS** (21/11 — 22/12) — Haverá um ligeiro retrocesso nos negócios e nas aspirações. Uma onda desfavorável se fará sentir, mas sua duração será de um instante. Nos dias 24, 26 e 27 não tome iniciativas.
- ★ **CÂNCER** (23/12 — 20/1) — O tempo marcha, marche com ele e aproveite a chance da descida. No curso da semana não lhe será preciso fazer força para conseguir o desejado. Não vá ao extremo, porém, de cruzar os braços.
- ★ **LEÃO** (21/1 — 20/2) — Os dias 23, 24, 25 e 26 marcarão uma verdadeira sequência de acontecimentos de situações favoráveis ao leitor. Explore tal ambiência com inteligência e veja que a semana lhe trará uma boa oportunidade.
- ★ **VIRGEM** (21/2 — 22/3) — Fluidos cruzados entre o seu e os planetas excursivos tolherão seus passos e lhe entravarão as iniciativas, no curso da semana. Adie como possível, os casos mais importantes e os empreendimentos de maior interesse.
- ★ **LIBRA** (23/3 — 20/4) — A semana política será agitada e algo desfavorável ao seu partido ou às suas opiniões. Omita-se nas manifestações públicas e não conceda entrevistas. Sua liberdade de movimento está ameaçada.
- ★ **ESCORPIÃO** (21/4 — 20/5) — Não inicie tratamento da saúde nos dois primeiros dias da semana nem lance empreendimentos de certo relevo. As coisas começadas no curso da semana em foco, não prosperarão, destinadas como nascem, a um verdadeiro fracasso.

- ★ **SAGITÁRIO** (21/5 — 23/6) — O novo período não servirá para a constituição de sociedade comercial ou industrial, desaconselhando-se, igualmente, para noivado ou casamento. Os dias 24 e 26 serão favoráveis às viagens.
- ★ **CAPRICÓRNIO** (24/6 — 22/7) — Uma onda de otimismo o dominará nos próximos sete dias, especialmente a 25 e 27. Boas notícias justificarão esse seu estado de espírito, dando-lhe maior confiança no futuro que o espera.
- ★ **AQUÁRIO** (23/7 — 21/8) — Pequenas desavenças na vida doméstica e questões com os vizinhos poderão ocorrer durante a semana. Nos outros setores de atividade não haverá anormalidade qualquer. Os dias 23, 25 e 26 serão favoráveis aos negócios profissionais.
- ★ **PEIXES** (22/8 — 20/9) — As contravenções de qualquer natureza, praticadas durante a semana, serão punidas com o maior rigor e lhe destruirão o nome irremediavelmente. Não se desvie, portanto, da estrita observação da lei.

OS NOMES DA SEMANA

Julho, 23	—	Germano	—	Elvira.
" 24	—	Sátiro	—	Débora.
" 25	—	Belmiro	—	Belmira.
" 26	—	Estêvão	—	Estefânia.
" 27	—	Miguel	—	Iracema.
" 28	—	Daniel	—	Ruth.
" 29	—	Otávio	—	Arlinda.

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Julho, 23	29° 31' 50"	(Signo do Câncer)
" 24	00° 49' 9"	(Signo do Leão)
" 25	1° 46' 28"	(" " ")
" 26	2° 43' 47"	(" " ")
" 27	3° 41' 7"	(" " ")
" 28	4° 38' 27"	(" " ")
" 29	5° 35' 48"	(" " ")

A GRANDE VOZ PARAIBANA DA POESIA BRASILEIRA

● Quanto mais tempo passa, mais vai avultando a figura de Augusto dos Anjos: crescendo e se tornando cada dia, mais compreendida, mais querida, mais admirada. O sentimento profundo que transborda dos seus versos, a virilidade de sua inspiração, a grandeza e penetração de seus pensamentos, dão à poesia do autor do "Eu", uma fisionomia diferente de tudo o que dantes fôra visto, pensado ou escrito. Apreçemos, pois, sem mais tardança, alguns dos seus versos mais cantantes, recordando leituras antigas que não-los colocaram gravados no nosso subconsciente, como que a vibrar nas camadas e subcamadas de nossa sensibilidade. E observemos como são belos, mesmo quando alinhados sob a forma de prosa fluente e espontânea: "O lamento das coisas", é o título do soneto que se vai ler como se fôra um poema em prosa: — "Triste, a escutar pancada por pancada, a sucessividade dos segundos, ouço em sons subterrâneos do Orbe oriundos, o choro da Energia abandonada! É a dor da força desaproveitada, o cantochão das dinamos profundos, que, podendo mover milhões de mundos, jazem ainda na estática do Nada! É o soluço da forma ainda imprecisa, da transcendência que se não realiza, da luz que não chegou a ser lampêjo... E é, em suma, o subconsciente aí formidando, da natureza que parou, chorando, no rudimentarismo do Desejo!" Só esse soneto, bastaria para consagrar e mesmo celebrar um grande poeta, qualquer que fôsse a língua em que escrevesse, e qualquer que fôsse a pátria em que nascesse. Já nessa época, (primeiros anos do século) falava ele em energia atômica! E que os poetas profetizam, vaticinam...

Mas... recordemos ainda, outro famoso soneto de Augusto, que é, sem dúvida, uma autêntica obra-prima, conservando a sequência de prosa; seu título é "Ricordanza della mia gioventù". E diz assim: "A minha ama de leite Guilhermina, furtava as moedas que o Doutor me dava. Sinhá Mocinha, minha mãe, ralhava... Via naquilo a minha própria ruína! Minha ama, então, hipócrita, afetava suscetibilidades de menina: — "Não, não fôra ela" — e maldizia a sina, que ela absolutamente não furtava. Vejo, entretanto, agora, em minha cama, que a mim somente, cabe o furto feito... Tu só furtaste a moeda, o ouro que brilha... Furtaste a moeda só. Mas eu, minha ama, eu, furtei mais, porque furtei o peito que dava leite para a tua filha!"

Augusto dos Anjos, morrendo aos 29 anos apenas, deixou uma obra monumental no Panteão da Poesia Brasileira. Ninguém como ele vibrou tanto, sofreu tanto, passou por tantas angústias e decepções, em sua curta jornada na terra. Torturado pela "DÚVIDA FILOSÓFICA" a que se refere Ronald de Carvalho, em sua "Pequena História da Literatura Brasileira", dizia ele: "Sou uma sombra! Venho de outras eras, do cosmopolitismo das moneras"...

E alçando-se acima de sua própria condição humana, proclama: "Gozo o prazer que os anos não carcomem, de haver trocado a minha forma de homem, pela imortalidade das idéias!" Encerremos, assim, com esses tão belos ritmos e tão formosas idéias, esta pequena notícia retrospectiva de um dos maiores poetas de nossa terra.

BIBLIOTECA

«ONDE ESTÃO OS HOMENS?» de Théó-Filho, é o romance da funcionária pública, em que o autor, nome consagrado no gênero, que habilmente pratica, estuda a questão da ingerência das mulheres no serviço público, competindo (muitas vezes em concorrência desleal) com os homens. Dêle disse muito bem Alfredo Horcades, diretor da revista «Nação Brasileira»: «Com a minha independência e altivez conhecidas, posso declarar alto e bom som que considero «Onde estão os homens?» o maior romance brasileiro dos últimos tempos. Estou de pleno acôrdo com o eminente amigo Menotti del Picchia, em considerar Théó-Filho uma força no romance brasileiro, dos mais fortes dos nossos romancistas e o mais vocacionalmente romancista». Realmente, o romance em aprêço tem raras qualidades, apresentando em toda a sua crueza e com profundo realismo, o

problema da intromissão da mulher no funcionalismo, deixando o lar onde melhor estaria situada, na sua missão de esposa e mãe. Bem acentuou, certa vez, Oliveira Salazar: «O emprêgo da esposa desagrega o lar, torna os membros da família estranhos uns aos outros e é nocivo à boa educação dos filhos. As grandes nações deveriam dar o exemplo, mantendo as mulheres no seu lar. Mas essas grandes nações parecem ignorar que a constituição sólida da família não pode existir se a esposa viver fora de sua casa». Théó-Filho é o que se pode chamar o nosso Balzac. Ninguém maneja como ele, a técnica sempre complexa e sutil do grande gênero que celebrou o grande gênio d'«A Mulher de 30 anos», as chamadas balzaquianas... prometendo para breve outro romance: — «Onde estão as mulheres?»

ENTREVISTA RELÂMPAGO



● Com o escritor Alexandre Passos, autor de «O Mundo e a Vida», «A Arte de pontuar» e «O Rio no tempo do Onça».

1ª pergunta: — Dos nossos escritores, qual deles lhe parece o mais importante?

R.: — A resposta não é muito fácil, mas, feita uma seleção entre os melhores, não trepidarei em lembrar Machado de Assis.

2ª: — Quais os poetas nacionais de sua preferência?

R.: — Iria longe se respondesse em definitivo. Por isso, mencionarei, dentre os mortos, os

seguintes: Castro Alves, Gonçalves Dias, Bilac, Alvares de Azevedo, Artur de Sales e Vicente de Carvalho.

3ª: — E o nosso maior pintor?

R.: — Presciliano Silva.

4ª: — As suas leituras prediletas?

R.: — Poesia; e, em prosa, ficção, filologia, história e sociologia.

5ª: — Qual dos nossos escritores você gostaria fôsse membro da Academia Brasileira?

R.: — Agrippino Grieco.

6ª: — Onde, atualmente, desejaria morar?

R.: — Em Santa Teresa.

7ª: — Como gostaria de morrer?

R.: — Em paz com a consciência, como tenho procurado viver.

8ª: — Tem outro livro a publicar?

R.: «Tradições do Brasil» (história e folclore) e outros.

POESIA

PARA O MEU PERDÃO

Eu que proclamo odiar-te, eu que proclamo querer-te mal com fúria e com rancor, mal sabes tu, como em segredo, te amo o vulto pensativo e sofredor.

Quem vê o fel que em cólera derramo, no ódio que punge desesperador, mal sabe, que se a nós me encontro, chamo por teu amor com o mais profundo amor...

Mal sabe, que se acaso, novamente, buscases o calor do velho ninho de onde um capricho te fizera ausente,

eu, esquecendo a tua ingratidão, juncaria de rosas o caminho em que voltasses para o meu perdão.

ADELMAR TAVARES

O QUE ÊLES DIZEM

PERCEPÇÃO — De Elisabeth Leseur: «Os homens vivem na superfície das almas, sem nunca lhes alcançarem o fundo doloroso. Se soubéssemos colhê-lo, penetrar em nós mesmos e compreender o sentido e a fecundidade do sofrimento, então o menor gesto, o mais imperceptível tremor do mais humilde dos entes, nos revelaria esse abismo de dor ou de ternura que ficam abertos numa alma, até o dia em que outra alma aí derrama e faz jorrar a vida».

ESPIRITO — De Pearl Buck: «Deus dotou cada um de nós de um resíduo próprio; isto é, uma parte simplesmente humana, nem masculina nem feminina. Chama-se alma. É permanente e imutável. Pode abranger também o cérebro e suas funções».

MÚSICA — De Knut Hansum: «Na minha alma há uma canção que se vai calando a pouco e pouco; é um acompanhamento grave e lento como a voz de um violoncelo».

MUNDO — De Somerset Maugham: «O mundo é duro e cruel. Ninguém sabe porque estamos aqui, e ninguém sabe para onde vamos. Deveríamos compreender humildemente, a beleza da quietude, esforçarmo-nos por atravessar a vida sem barulho, a fim de não sermos notados pela sorte, e procurar a afeição das pessoas simples e ignorantes. Existe mais profundidade nessa ignorância, que em todo o nosso saber. Falar pouco, viver escondido num cantinho, eis a verdadeira sabedoria».

NOTICIÁRIO

«A raiva de viver» é o título do romance em dois planos (a ficção e a realidade) que o escritor Oliveira e Silva está preparando e deverá lançar em futuro próximo (princípios do ano vindeiro).

De Ademar Tavares teremos em breve (primeira quinzena de julho) «Um ramo de cantigas», (trovas).

Em edição de luxo, será lançada ainda este mês, a peça «O Prêmio» (monólogo em 1 ato) de Léo Vitor, autor d'«O Idiota» e primeiro prêmio de teatro da Academia Brasileira de Letras, em 1952, com a tragédia «A MAQUINA DA FELICIDADE». «O Prêmio» aparecerá com lindíssimos desenhos de Darel, havendo interesse, em Portugal, para a sua representação.

LIVROS RECEBIDOS

«Dispersos» de Adelino Fontoura — Ed. da Acad. Bras. de Letras. «Diário da minha viagem para Filadélfia» de Hipólito da Costa Pereira (Ed. Acad. Bras. Rio, 1955) Gr. Olimp. «Flor silvestre» (romance) de Nilo Bruzzi — Editora Aurora. «Pórtico» de Arnaldo S. Thiago — Of. do «Jornal do Comércio», 55. «Que sabe você sobre petróleo?» de Gondim da Fonseca (Liv. São José). «Orquídea» (romance) de Oliveira e Silva — Livros de Portugal. «Um besouro contra a vidraça» de J. G. de Araújo Jorge — Editora Vecchi.



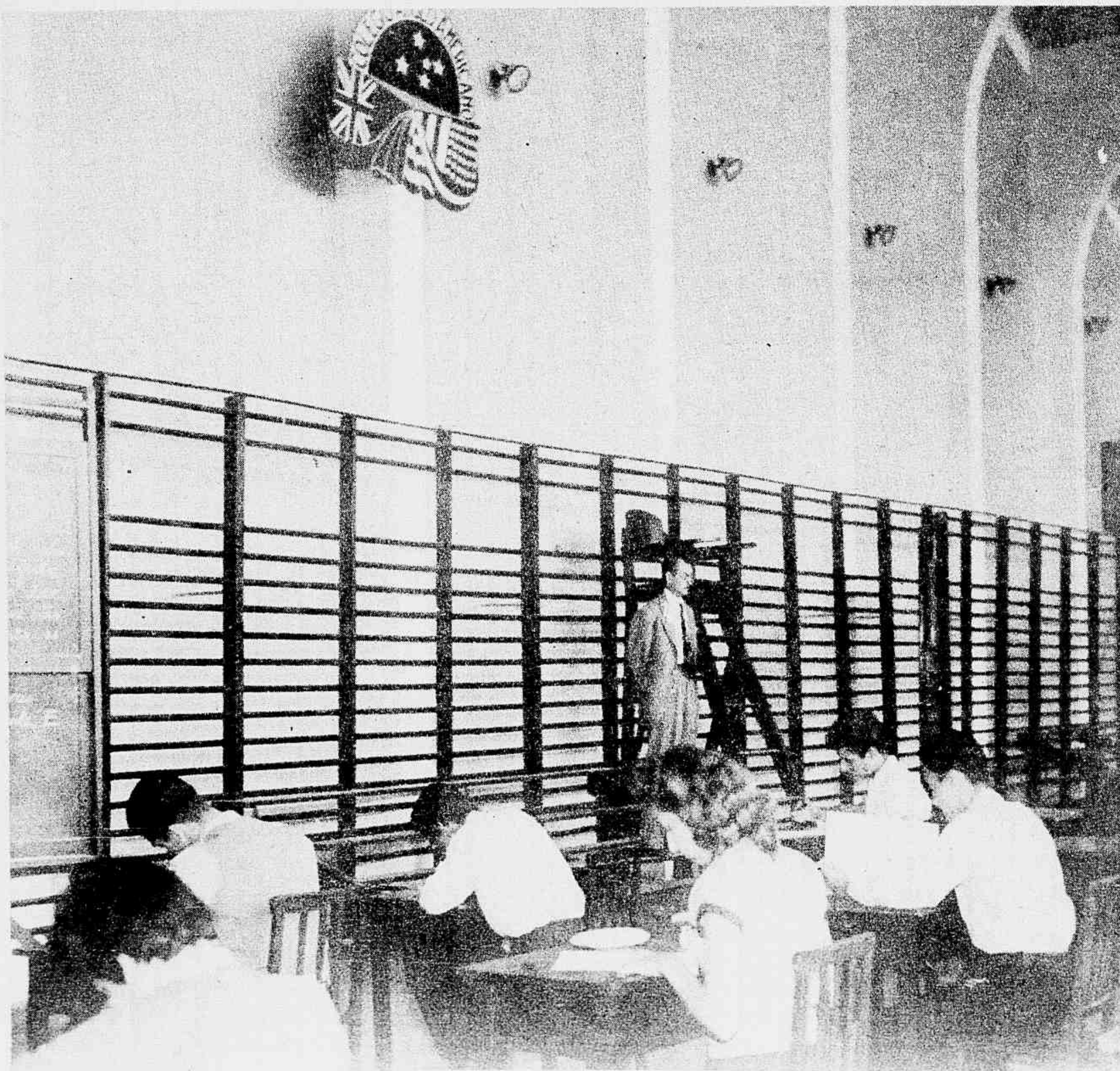
● Sòmente por meio do estudo interpretativo, minucioso e consciente, pode o aluno de hoje transformar-se no sábio de amanhã e defender com autoridade e mestria o nosso patrimônio cultural, as nossas leis, sôbre os quais estão fundamentados os princípios morais de nosso povo.

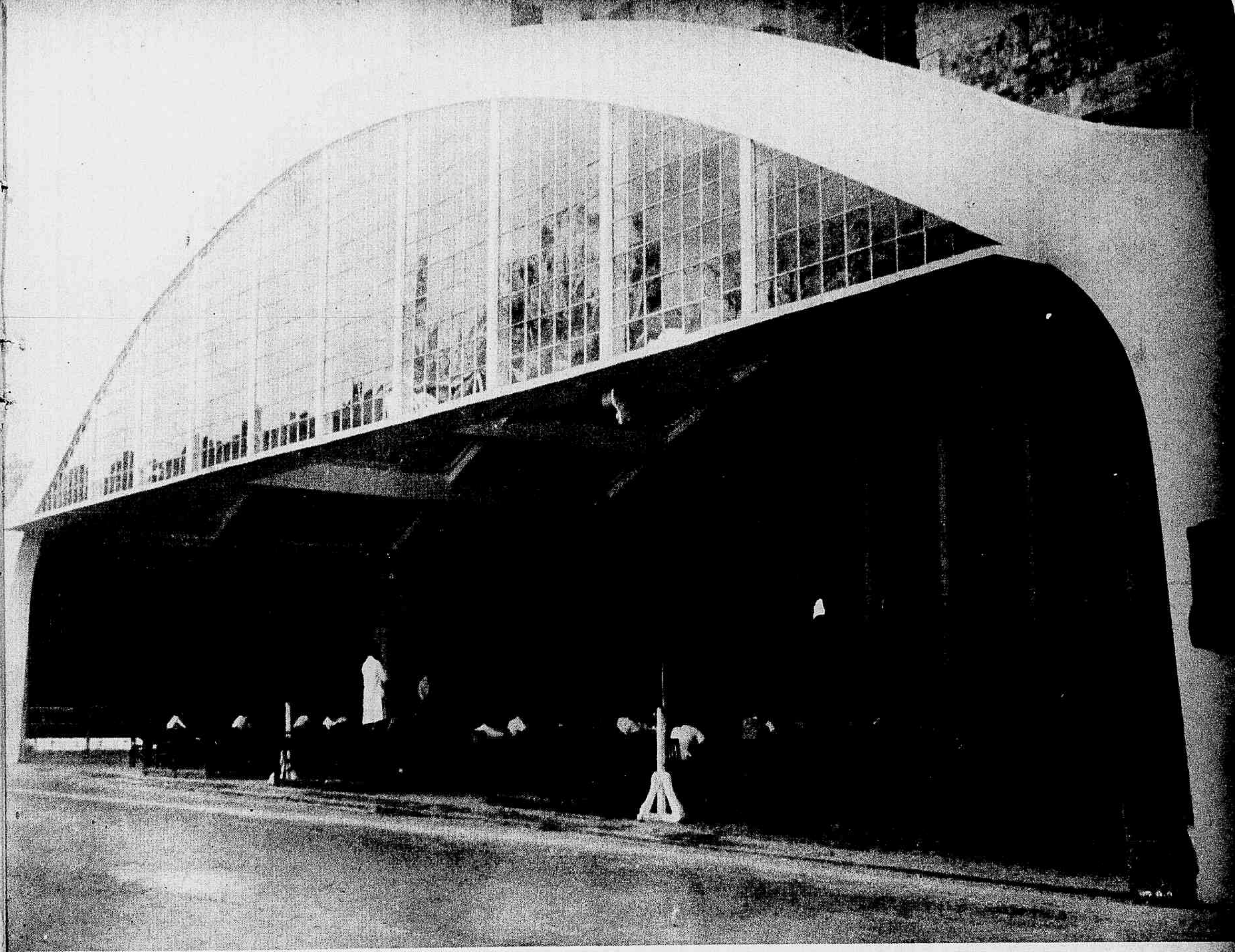
A simpatia feminina sob os rigores da fiscalização

SINAL FECHADO PARA A COLA

Reportagem de
E. MAGALHÃES
Fotos de A. VIEIRA

Não é permitido pescar: dirão conosco os próprios alunos que vemos nestas duas fotografias, colhidas no momento da realização de uma prova parcial no Colégio Anglo-Americano.





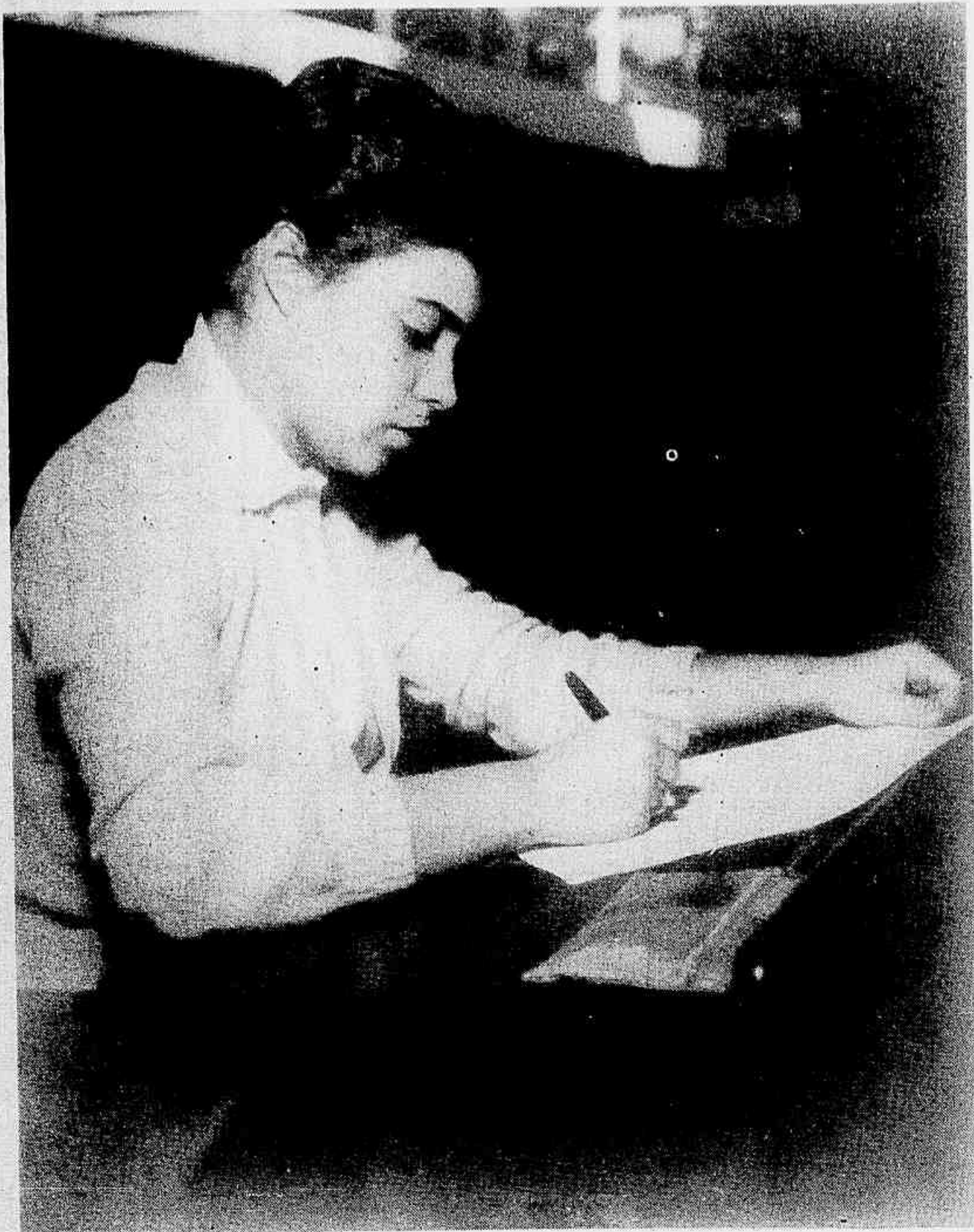
Vista parcial do grande ginásio onde são efetuados os exames.



A atenção e a inteligência substituem a cola.

SE quiséssemos estabelecer um marco que definisse com exatidão o tempo da aparição da «cola» — anjo tutelar de estudantes negligentes — estaríamos forçados a um exame retrospectivo do assunto, pois este é tão secular quanto o próprio vocábulo — aluno.

Através das mais diferentes épocas, e pelos maiores e mais sensatos educadores, tem sido a «cola» repudiada, mas sem nenhum resultado satisfatório. O aluno viciado a recorrer a esse expediente escuso é possível que ignore o quanto há de prejudicial na sua atitude aparentemente inofensiva. Não tendo ele capacidade suficiente para enfrentar, com os recursos de que dispõe, uma banca examinadora, transforma-se num demente, trai os seus princípios morais, banaliza-se, torna-se desde moço um acovardado diante das responsabilidades que um dia, como homem, enfrentará na vida prática. E a quem poderá esse jovem responsabilizar pelo seu insucesso, pela sua insuficiência, ou, para ser-



Sinal fechado para a cola

mos mais sinceros, pela sua ignorância? Aos mestres? Aos pais? Não! Ele cavou com as próprias mãos o abismo que agora o ameaça.

E porque o mestre de hoje (considere-se as excessões) é o mesmo exemplo de virtudes, que o foi há milênios, está sendo elaborado um plano que visa a extinção, de uma vez por todas, desse terrível mal de que está atacada a nossa mocidade estudantil — a cola, pesca ou fila.

No Colégio Anglo-Americano, conforme pudemos verificar pessoalmente, já se estão adotando medidas radicais, a fim de eliminar a prática dos papéisinhos escritos com letras microscópicas ou «soprados» para os colegas mais próximos. Alunos de 2 ou 3 séries diferentes fazem provas num mesmo salão, juntos, intercalados com elementos de outras turmas. Reforçando essa medida drástica, há

a vigilância eficiente dos fiscais e professores das disciplinas examinadas. Tende-se dessa forma restaurar a confiança da autoridade educacional no nosso país, que aos poucos está imergindo na maré das coisas transitivas e amorfas, pois, conforme pode constatar-se, 95% das aprovações efetuadas em quaisquer que sejam as séries, cursos ou colégios, representam nulidades, traem os esforços dos mestres.

E, diante de tal estado de coisas, o que se observa são os exames de suficiência, a fim de termos certeza de que, na realidade, fulano é médico, sicrano é engenheiro, etc. Como exemplo de nossas asserções, podemos acrescentar que, para um bacharel recém-formado figurar como membro da benemérita Ordem dos Advogados do Brasil, terá ele de submeter-se a um rigoroso exame que equivale a uma revisão de tudo quanto

Outros significativos flagrantes de alunos em prova.





Os instantes difíceis da vida estudantil são enfrentados sempre com um sorriso nos lábios...

aprendeu nos bancos da faculdade. Não havia necessidade de tal coisa. E' um ato vergonhoso, mas necessário. Se não forem tomadas semelhantes medidas, que será deste Brasil daqui há mais algum tempo?

E, como a Ordem dos Advogados do Brasil, inúmeras outras instituições tradicionais de nossa terra, que zelam pelo desenvolvimento da nossa cultura, se estão resguardando contra a avalanche da insuficiência.

Louvemos, portanto, a feliz iniciativa do Diretor do Colégio Anglo-Americano, Dr. Alberto de Almeida Correia, na certeza de que outros educadores que ora lutam frente ao mesmo problema (combate à cola), formem um bloco coeso de repulsão contra esse micróbio que minou a consciência da nossa juventude estudantil. Nestas páginas damos alguns flagrantes colhidos no Colégio Anglo-Americano, quando três turmas de séries diferentes eram submetidas a exames no amplo salão do Ginásio.



Na foto acima, os netos do saudoso Presidente Getúlio Vargas, que também estudam no tradicional educandário da Praia de Botafogo.

RIO de Janeiro

Cidade maravilhosa, radiante de sol e de beleza! Com praias feiticieras, está ligada a S. Paulo pela Pres. Dutra,

moderna estrada que atravessa rios, corre sobre montanhas, espraia-se nas chapadas lisas, debruça-se nas águas do rio Paraíba, refletindo em toda sua extensão, as mais belas paisagens que são um encantamento aos olhos do viajante. O EBVL liga São Paulo-Rio de meia em meia hora, com 50 viagens diárias.



Paradas para lanches e refeições

AGENCIAS DE EMBARQUE E INFORMAÇÕES

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 885 - Fone 36-9456

RIO

Est. Rodoviária Pça. Mauá - Fone 23-3912



EXPRESSO
BRASILEIRO

WINDSOR HOTEL



RUA GUAIANAZES 10
Telefone: 35-41-95
Enderêço telegráfico:
Windsorhotel
SÃO PAULO

A "REVISTA" HÁ 50 ANOS

Domingo, 23 de julho de 1906.

POR AQUI E POR ALLI

● Se ha no globo um povo que se tenha denodadamente batido pela sua liberdade este é, sem duvida, o da Polonia. A historia registra nas suas paginas a usurpação do territorio da Polonia e ao mesmo tempo, quasi sem transição, as ininterruptas atividades de todo o genero para a reconquista da liberdade perdida. De todas as fracções porém em que foi dividido o territorio polaco uma ha que se tem sobremodo distinguido das outras, e esta é a que coube na partilha internacional ao grande imperio moscovita. A Polonia russa não se tem podido coadunar com o jugo ferreo e autocrata do governo do Tzar, e como sob este sceptro é que justamente maiores são os vexames para os governados, dahi talvez o vigor da luta.

Ultimamente, o germen revolucionario tem progressivamente evolucionado em todo o Imperio, e certamente na Polonia é onde elle tem encontrado campo mais vasto e mais appropriado para a sua acção progressiva e devastadora. O governo russo está a braços nesta hora com difficuldades enormes, e que difficilmente poderá superar se não abrir mão de umas tantas prerrogativas e não satisfizer pelo menos

as mais urgentes reclamações do povo. De um lado a guerra com o Japão com todos os seus reveses e as suas desillusões tem esgotado a paciencia popular e o thesouro da nação; por outro lado a guerra civil vae fazendo tambem as suas victimas e o sangue de irmãos é derramado em abundancia, sem que disso advenham vantagens nem para os vencedores nem para os vencidos.

Em Odessa, por exemplo, é onde o movimento revolucionário se tem mostrado mais intenso, e as scenas que alli se têm passado mostram á evidencia a gravidade da situação. A Russia está agora a braços com esse dilemma: ou cede ás pretensões do povo e dahi talvez consiga conservar o seu prestigio, ou conserva-se muda e surda á grita de milhares de individuos e está bem arriscada a perder o throno e o prestigio, vendo batido o resto que lhe sobra das forças de que ainda dispõe.

A prudencia manda que se conceda alguma cousa para não se perder tudo.

F. M. JUNIOR

PEQUENAS NOTÍCIAS

O delegado de hygiene que mandou queimar uns casebres na Quinta da Boa Vista, vae requerer licença para fogueteiro. Pode ser que a obtenha se tiver pistolões.

A Alfandega tem se visto abarbadada com os ratos barbados que fazem falcatrúas mesmo nas suas barbas. É porque não poz as ditas de molho, ao ver as de outras repartições ardendo.

No S. Pedro a companhia Chino-Japoneza, dirigida pelo Cav. Cesare Watry, tem conseguido boas casas, sendo os trabalhos de prestidigitacão alli exhibidos feitos com bastante perfeição.

Da reforma da bandeira não se fallou nesta semana. O author do

projecto, para dar mais força á obra, mudará de nome. Para ser ex Celso.

Casa, cama, comida, roupa lavada, charutos, jornaes do dia, visitas, chá preto, torradinhas com manteiga, por cima café com leite... Cuidam que isso é referente ás recepções ministeriaes das quintas-feiras? Puro engano. É a reforma da Casa de Detenção, que está mesmo um brinco, dá até vontade á gente de ser prêsã, só para sofrer as amabilidades do dono da casa.

A brigada policial já tem regulamento novo; qualquer dia inauguram qualquer cousa nova, faltando apenas a estatua da justiça para dentro do pateo, commemorando as recentes promoções.

crianças e fazer com que a infância seja cada vez melhor cuidada, evitando d'est'arte uma mortalidade crescente". Interessante é que, além dos 5 primeiros colocados, foi premiado também, com um Premio Especial de Proteção, o concorrente mais débil.

NOTÍCIAS THEATRAIS

No Theatro Recreio a companhia Lucinda-Christiano representou **Mr. Alphonse**, satisfazendo em geral as necessidades quer da encenação quer da interpretação d'esta peça. Christiano de Souza fez o papel de Mr. Alphonse e a Lucinda Simões coube o de Mme. Guichard.

No Lucinda está em scena **O Avestruz**.



CAPA de Raul: Mythologia Politica — Apollo, Protector das musas e do chá com torradas.



Fé -

Rio de Janeiro
a cidade dinâmica, dotada
pela Divina Providência de
tanta beleza, será o ponto
de reunião de homens de todos
os quadrantes da terra
unidos pela mesma Fé.

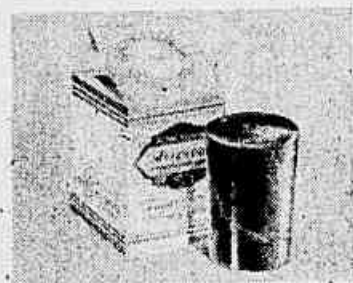


Como um banho de luz...

Sua beleza ganha
vida nova

e nova sedução sob o poder mágico de

ANTISARDINA



Antisardina é o creme ideal para sua cutis. Renova as células gastas, protege as células novas restituindo à pele cansada, ou prematuramente envelhecida, sua normal elasticidade. Cientificamente preparado com ingredientes rigorosamente selecionados, o creme de beleza Antisardina extingue sardas, manchas, espinhas e rugas.



FATIMA — REVELAÇÃO DOS TRÊS PASTORES (Continuação da página 31)

VISITA A FATIMA

Já dissemos que em 1946 a Irmã Dolores teve permissão para voltar a Fátima. Lá chegou a 20 de maio, com a Madre Provincial de sua ordem. Com grande alegria reviu a aldeia em que havia nascido e parecia-lhe que pouca coisa ali havia mudado. O mesmo no entanto não ocorreu, ao chegar à Cova da Iria. Foi grande o seu espanto ao ver como tudo ali estava diferente: o local havia sido todo cercado e à entrada, viam-se dois grandes portões; boas estradas conduziam à fonte milagrosa e à Basílica. Várias construções também haviam sido levantadas, como um Seminário e o Mosteiro das Carmelitas Descalças, localizado em uma colina.

Do seu tempo de infância, Lúcia avistou-se com Maria Carreira, a encarregada de zelar pela capela das aparições e seu filho, João, a quem compete tocar, nas horas aprazadas, um sino que está colocado em um dos ramos da carasqueira onde pela primeira vez os pastorinhos viram a Virgem e que agora serve para anunciar o Angelus.

Tio Marto também lá estava e, aos domingos, andava em grande atividade, servindo de cicerone aos visitantes que ali comparecem.

São suas estas palavras: «Sim, desde o começo acreditei nisso. Certa vez um espanhol discutiu comigo dizendo que era capaz de olhar para o sol quando quisesse. Exigi que o provasse. Foi para de-

baixo das figueiras e olhou através das folhas. Oh! assim não, gritei, venha olhar daqui. Naturalmente não conseguiu». Outra vez chegou um comunista aqui, e disse que isto tudo não passava de uma grande estultice. Disse-lhe eu: «Pois volte para o seu país e veja se faz uma estultice tão grande quanto esta».

A Irmã Dolores, em companhia do Bispo de Leiria, percorreu todos os locais em que haviam passado os maravilhosos acontecimentos do ano de 1917. Por toda a parte, grande era a multidão que a acompanhava, ansiosa por falar-lhe. Ela a todos atendia com atenção e grande alegria por rever velhos amigos.

(Continua no próximo número)

A MORTE VERMELHA (Continuação da página 25)

vimento o impedisse. Foi então que o príncipe, alucinado de ódio e de vergonha pela própria covardia, desabalou vertiginosamente pelos seis aposentos, sem ser acompanhado por ninguém, de vez que o terror paralisara aos demais. Brandia no ar uma adaga finíssima, e aproximava-se impetuosamente do desconhecido, quando este, tendo alcançado a extremidade do aposento negro, virou-se repentinamente e enfrentou-o. Ouviu-se um grito agudo, e a faca tombou sobre o tapete negro, ali ficando a reluzir. Pouco depois, ali também iria tombar, prostrado, o corpo do príncipe. Então, armando-se da coragem que só o desespero dá, a multidão de dançarinos invadiu o recinto, e segurando o estranho ser, cuja figura elevada permanecia imóvel, ao abrigo da sombra projetada pelo relógio, deteve-se com inexprimível terror, ao verificar que as roupagens fúnebres e a máscara — semelhante à de um cadáver — que haviam com tanta violência arrancado, não encobriam nenhum corpo visível.

Constatou-se então a presença da Morte Vermelha. Penetrara, como um ladrão, na calada da noite. Um por um, tombaram os convidados no próprio cenário, agora manchado de sangue, de sua orgia, cada qual na posição que lhe emprestava o próprio desespero. E com o último dos dançarinos, partiu-se também a corda do relógio de ébano. Morreu a chama, nas tripodes. E a escuridão, a ruína e a Morte Vermelha tomaram conta de tudo.

BÉL-HORMON A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil:
Sociedade Farmacêutica Quintino
Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembolso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.
NOME.....
RUA..... Nº.....
CIDADE.....
ESTADO.....

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 75,90

TRÊS SÉCULOS DE



ORATÓRIO COLONIAL brasileiro, em madeira dourada, com inscrições pintadas nos postigos. Peça do século XVIII.

ARTE SACRA NO BRASIL

IMPORTANTE EXPOSIÇÃO ACOMPANHANDO TÔDA EVOLUÇÃO DA ARTE RELIGIOSA BRASILEIRA, NA ANTIGA ESTAÇÃO DE HIDROS — O ALTAR DA ORDEM TERCEIRA DO CARMO, TELAS DE RAIMUNDO COSTA E SILVA E IMAGENS DE FREI AGOSTINHO DA PIEDADE, RARIDADES EXPOSTAS

Reportagem de J. ROBERTO

Fotografias de A. FERREIRA

— Tudo, aqui dentro, é brasileiro, meu caro; creio que a única peça estrangeira sou eu mesmo.

Quem falava era Dom Clemente Maria da Silva Nigra, do Patrimônio Histórico e Artístico, a quem foi confiada a organização e direção da grande Exposição de Arte Sacra Brasileira.

Atualmente em vias de ser inaugurada, na antiga Estação de Hidroaviões, à praça Marechal Âncora, Dom Clemente, que é alemão, há mais de um mês que reside, praticamente, no recinto da exposição, para onde fez transportar às pressas uma cama e um telefone. O trabalho de seleção das várias centenas de peças, entre

pinturas, esculturas, altares e túlbulos, pálios e ourivesarias, iluminuras e oratórios, já vem de muitos meses antes, tendo custado ao religioso muita dor de cabeça.

— Cada peça aqui exposta foi escolhida a dedo por seu valor artístico ou histórico. E' quase impossível imaginar a luta que me custou

ARTE SACRA NO BRASIL



O Grande Altar da Ordem Terceira do Carmo, a obra mais valiosa de tôda a enorme Exposição de Arte Sacra Brasileira, da época colonial.

Peças de valor incalculavel numa exposição sem precedentes no Brasil



ESTÁTUAS EM CERÂMICA expostas no recinto da antiga Estação de Hidros. As duas das extremidades são originárias de São Vicente, e representam Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora do Carmo. A do centro é obra de Frei Agostinho da Piedade, assinada pelo Mestre.

(e à Sociedade Brasileira de Arte Cristã) reunir, entre essas paredes, objetos de procedência tão diferente, após vencer a relutância dos possuidores e o pessimismo quase geral.

Contudo, valeu a pena o esforço. Porque, ao que sabemos, nunca houve, no Brasil, mostra semelhante, que congregasse tão grande e valioso número de peças, todas praticamente desconhecidas do público. E' pena que a duração da exposição seja tão curta (pouco mais de um mês), de vez que dia 15 de agosto, impreterivelmente, as peças deverão retornar às sacristias e galerias de onde provieram.

O QUE É A EXPOSIÇÃO

Todo o Brasil, com exceção de Santa Catarina, Paraná e Amazonas, está representado na Exposição, cuja decoração, diga-se de passagem, está a cargo de Artur Jorge, que já havia contribuído para o êxito da Exposição de História do IV Centenário de São Paulo.

Como acontece nos museus europeus, o ingresso no recinto da exposição é pago, à razão de dez cruzeiros cada pessoa, sendo que crianças e militares pagarão somente a metade. O produto da venda de ingressos destina-se unicamente a cobrir parte das imensas despesas de transporte e conservação dos objetos expostos. Durante a mostra, poderá o visitante ouvir, através de auto-falantes especialmente instalados, música religiosa de autores brasileiros e estrangeiros, casando-se assim às Artes Plásticas a serena beleza da música sacra.

PINTURAS

De Frei Ricardo do Pilar (falecido por volta de 1700) até Pedro Américo (morto no início do século atual), inúmeros são os pintores cujas obras figuram na exposição. Frei Estêvão do Loreto, José Oliveira Rosa, o iluminista Frei João Marçal, cuja morte se deu em 1685 e que foi discípulo de Frei Ricardo do Pilar, e inúmeros outros estão representados, alguns com mais de uma obra. De José Oliveira Rosa existe

um retrato de Frei Mateus da Encarnação Pina, carioca, religioso e abade de São Bento, falecido em 1764, cuja obra «Defensor» Fidei Sanctae Matris Ecclesiae», publicada em Lisboa em 1729, valeu-lhe o título de maior teólogo das Américas, e o honroso epíteto de «Doctor Americae».

Há também um retrato do Padre Anchieta, talvez o primeiro quadro executado no Brasil, sobre madeira já bastante estragada. O autor, desconhecido, é considerado por alguns historiadores como pertencente à raça indígena, e executou seu trabalho por volta de 1560. Mas o maior de todos os pintores coloniais brasileiros, aquele cuja obra obumbra a de todos os demais, é sem dúvida Raimundo Costa e Silva, de quem podemos apreciar duas telas: «Nossa Senhora do Carmo» e «Nossa Senhora da Conceição da Boa Morte».

AS ESCULTURAS

Quando visitamos a Exposição, ainda estava ela em fase de organização, e nenhum original de Aleijadinho nela se encontrava. E' de esperar-se, porém, que tal lacuna seja preenchida, de modo a que não deixe de figurar, em mostra tão interessante, ao menos uma obra daquela que foi o maior artista colonial que o Brasil já possuiu, o único que, a certos respeito, sustenta confronto com os estrangeiros do mesmo período.

Em compensação, há os trabalhos de Frei Domingos da Conceição Silva, carioca, cuja atividade se estendeu entre 1668 e 1718 — cinquenta anos de uma fecunda existência totalmente devotados à escultura. Também as obras em cerâmica de Frei Agostinho da Piedade, considerado, em sua especialidade, o maior ar-

NOSSA SENHORA e o Menino Jesus aqui aparecem tendo à cabeça o chapéu pastoril — devoção espalhada em todo o Brasil colonial.



ARTE SACRA NO BRASIL

AS PEÇAS HISTÓRICAS

Dom Clemente, verdadeiro arquivo de batina, acompanha o repórter por entre um mundo de estátuas e objetos sacros. Vai desfilando, com a mesma serenidade com que dedilha o rosário, cada dia, uma imensidade de datas e nomes. Diante de um pequenino nicho, vazio ainda, detém-se e começa a falar:

— Aqui vai figurar a Rosa de Ouro, atribuída pelo Papa à Princesa Isabel, em 1888. Muita gente diz que a princesa recebeu essa recompensa, por ter promulgado a abolição da escravidão. Ora, a abolição deu-se em 13 de maio de 1888, e a Rosa de Ouro foi concedida em 5 do mesmo mês. Logo, foi outro o motivo: simplesmente um gesto diplomático do Papa, que não podendo ofertar a Pedro II, então em choque com a Igreja, o mais alto galardão concedido a um soberano cristão, resolveu oferecê-lo à filha do monarca.

Dom Clemente conclui, com bom humor: — Ficou tudo em família.

Também faz parte do conjunto a estátua de Nossa Senhora das Maravilhas, oferta do rei Dom João III, de Portugal, à cidade da Bahia, em 1549. Narra a tradição que foi diante dela que Antônio Vieira, um dia em que estava orando, sentiu o celeberrimo e legendário estalido, após o qual, passou a pasmar os fiéis, com seus inigualáveis sermões. Finalmente, quase no fim dos compridos corredores, acha-se o altar portátil que Caxias costumava carregar em suas campanhas, e no qual seus capelães celebravam, após cada batalha encetada.

ANDORES, PÁLIOS, CANDELABROS

Seria um nunca findar a citação das peças valiosas expostas ao público do Rio. Queremos mencionar apenas o Grande Andor da Ordem Terceira do Carmo, de meados do século passado, todo em prata e cravejado de ametistas. Nossa Senhora e o Menino Jesus levam coroas de puro ouro.

Há também o esquiú de Nosso Senhor Morto, da Ordem Carmelita igualmente, e uma riquíssima coleção de candelabros em prata, um dos pontos altos da mostra.

Este é, sem dúvida, um acontecimento cultural e religioso da mais alta importância, digno de todo o apoio. Para ele mandamos todos aqueles que, de leve que seja, se interessem pelo passado histórico do Brasil — que não é tão mirrado como alguns podem pensar.



RETRATO DE ANCHIETA, de autor desconhecido, talvez de raça indígena. É, quem sabe, a mais antiga pintura realizada no Brasil. Provém do Espírito Santo. Ao lado, o Poema à Virgem Santíssima, em latim, escrita por Anchieta, em uma antiquíssima e valiosa edição feita em Portugal.

tista do Brasil, podem ser apreciadas, num corredor especial. Igualmente um maravilhoso «São Cristóvão» de Mestre Valentim, que os cariocas bem conhecem, por ter sido esse artista o autor do chafariz que se ergue no Passeio Público. Valiosíssimas, quer do ponto de vista artístico, quer do histórico, são duas imagens provenientes da velha capitania de São Vicente, por volta de 1550, Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora do Carmo. São o que de mais antigo se conhece no Brasil, em matéria de escultura.

O GRANDE ALTAR DOS CARMELITAS

Em local de destaque, no primeiro andar da exposição, recortado contra o painel moderno

que decora a parede do fundo da antiga Estação de Hidros (que foi, por sinal, o primeiro prédio a ser construído, no Rio de Janeiro, dentro do «estilo moderno»), está a peça mais valiosa do conjunto: o grande altar da Ordem Terceira do Carmo, executado em 1785 por Martinho Pereira de Brito, todo em prata maciça, revestida aqui e ali de ouro. O Cristo Crucificado que o encima é trabalho maravilhoso do já citado Frei Domingos da Conceição Silva. O transporte de tal peça foi, como podem facilmente avaliar os leitores, um problema enorme, resolvido tão somente graças à determinação dos organizadores da mostra, que realmente não pouparam esforços para que essa fosse coroada de êxito.

REPRESENTANTES
Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratário & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interpresa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO
DISTRIBUIÇÃO:

AGÊNCIA POLANO
Rua João Bricola, 46
PUBLICIDADE:

ORGANIZAÇÃO PAULISTA LTD. (ORPAL)
à rua Sete de Abril, 374
Telefone: 36-4725

REVISTA DA SEMANA

Ano 56 — Nº 30 — Rio de Janeiro — 23-7-55

Propriedade da
Companhia Editora Americana
Diretor-Presidente.....Gratuliano Brito
Diretor-Comercial.....Ivan Guimarães
Diretor-Gerente.....Wenceslau Quintães
Diretor de Publicidade.....J. M. Costa Júnior
Redatores e corretores...S. L. Guimarães, A. Mendes,
S. Sant'Anna e A. Nóbrega
ENDEREÇO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria:
22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr\$ 250,00
Seis meses	Cr\$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 280,00
Seis meses	Cr\$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr\$ 400,00
Seis meses	Cr\$ 200,00

O número avulso custa Cr\$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 6,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

A FIGURA EM FOCO



E. C. L.

Cheia de graça e beleza
Mal chegou de Fortaleza
Seu nome ficou de cor.
Mas na hora da eleição
Gritos houve em profusão:
— Emilinha ! É A MAIOR !

FORTUNA

(poliglota de ocasião) APRESENTA

O RIO

- Com a afluência de peregrinos ao Congresso Eucarístico, ganhou a cidade um ritmo mais acentuadamente babélico do que ao seu natural.

Cada pessoa que viaja, traz sob a desculpa de conhecer novas terras, o desejo íntimo de procurar no novo solo, um ponto de referência com a pátria distante. E neste aspecto, o Rio possui (à sua maneira) um ponto semelhante a cada um dos lugares do mundo.

Senão, vejamos...

On parle français.



English spoken.



SE PARLA ITALIANO



recebe Visitas...

SE HABLA
ESPAÑOL



Man spricht
Deutsch.



ENGLISH
SPOKEN



MAS DE BONITO PARA
MOSTRAR AS VISITAS. O
CARIOCA TEM EMÍLIA
CORRÊA LIMA!





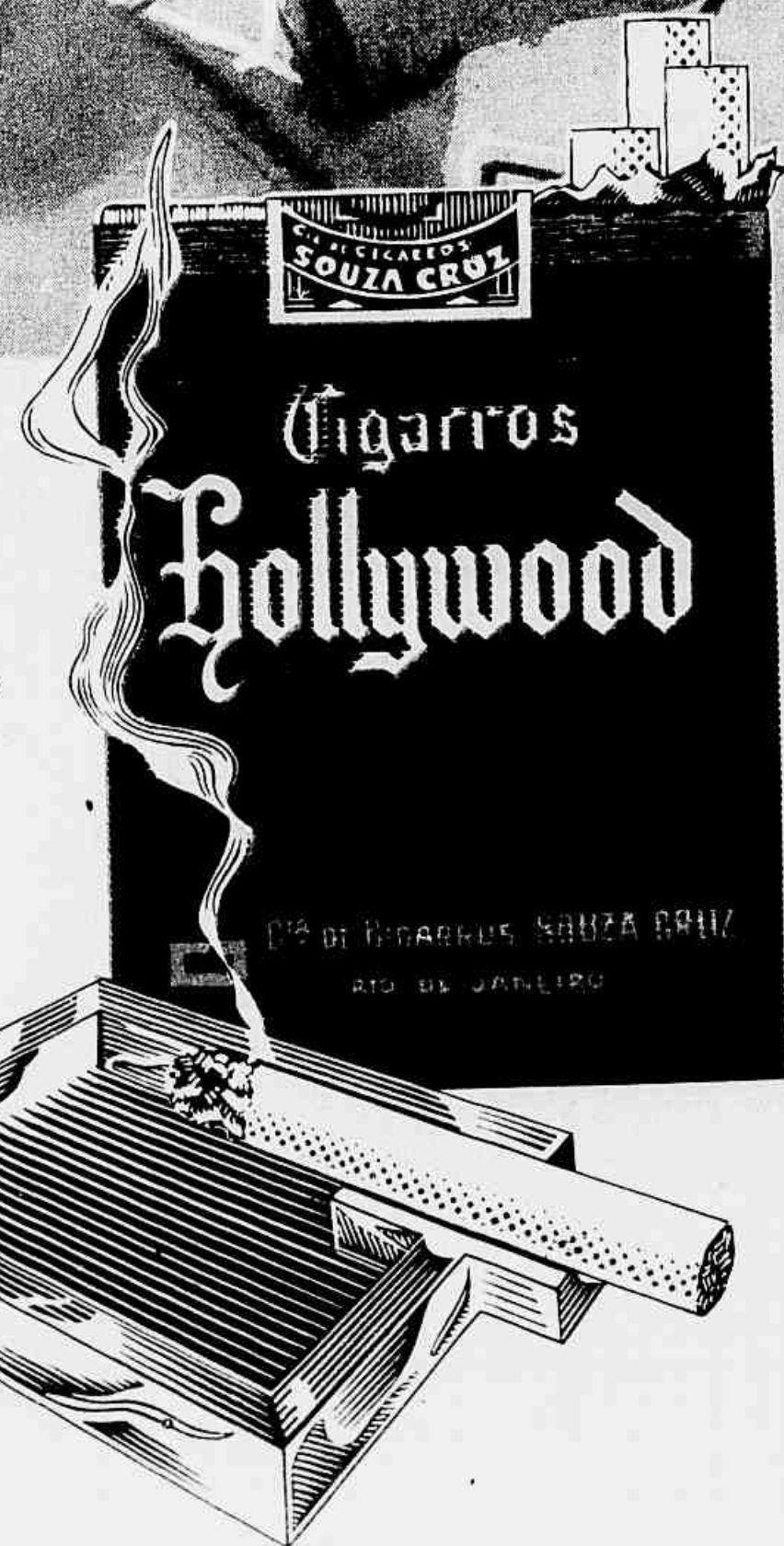
Ótima idéia!

também passei a fumar Hollywood!...

Cada vez mais pessoas estão mudando para

hollywood

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ